

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Reginaldo Menezes Barros

A VIA POÉTICA DA GESTALT VIVA DE CLÁUDIO NARANJO: uma clínica
hermenêutica iluminativa

Doutorado em Psicologia Clínica

São Paulo
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Reginaldo Menezes Barros

A VIA POÉTICA DA GESTALT VIVA DE CLÁUDIO NARANJO: uma clínica
hermenêutica iluminativa

Doutorado em Psicologia Clínica

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a orientação do Profa. Dra. Ida Kublikowski.

São Paulo

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Barros, Reginaldo Menezes

A VIA POÉTICA DA GESTALT VIVA DE CLÁUDIO NARANJO:
uma clínica hermenêutica iluminativa / Reginaldo Menezes

Barros -- São Paulo: [s.n.], 2022.

117 p. il. ; 21 x 29,7 cm.

Orientador: Ida Kublikowski.

Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós - Graduação em Psicologia Clínica, 2022.

1. Clínica psicológica. 2. Amor. 3. Ethos. 4. *Poiésis*.
5. Awareness. 5. Self. 6. Personalidade. I. Kublikowski, I.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós - Graduação em Psicologia Clínica.
III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Em memória:

Dos meus pais: Mário e Teresa

De Cláudio Naranjo, a quem ofereço esse trabalho desde sua dedicatória no exemplar de *Caracteres y Neurosis*: “*esperando que encuentre aqui nuevas características de esa personalidad que no son.*”

Aos mestres do caminho: Suzana Stroke, Alaor Passos e Ramon Resino

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Emérito Dr. Emmanuel Carneiro Leão, que ao longo do tempo se tornou um guia e amigo diante das minhas inquietações e angústias existenciais.

A minha orientadora, Profa. Dra. Ida Kublikowski, que sustentou, até o último minuto, a crença na minha capacidade resolutive.

Aos professores terapeutas e buscadores do programa SAT:

Alejandro Napolitano, Juan Carlos Corazza, Antônio Ferrara, Assumpta Mateo, Grazia Cecchni, Ginetta Pacella e Graciela Figueroa, que me acompanhou desde os primeiros passos dessa viagem.

Aos companheiros e alunos do SAT 2 que me ensinaram, desde suas almas desnudas, os conflitos das relações parentais.

A Luiz Mauro Junqueira e Maria José(Mazé) pelas longas jornadas no SAT 2.

A Jorge Neto pelas imagens do eneagrama.

Aos meus filhos, netos e nora, Louis, Flora, Marco Antônio, Diana e Tatiana, por compreenderem minha ausência nesses longos anos de estudo.

Especialmente, à minha querida Sônia, mulher e companheira no amor, pela atenção e incentivo nas idas e vindas durante o desenvolvimento desse trabalho.

BARROS, Reginaldo Menezes. **A VIA POÉTICA DA GESTALT VIVA DE CLÁUDIO NARANJO**: uma clínica hermenêutica iluminativa, 2022. 117p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Ida Kublikowski

RESUMO

O presente estudo aborda alguns temas da psicologia clínica, em especial a *teoria estrutural da mente*, na sua absoluta dimensão existencial, a *personalidade psíquica* vista por uma hermenêutica iluminativa, que desvela a experiência da vida fática ao revelar o espaço-tempo de manifestação dos elementos que constituem a personalidade humana. Seu objetivo é compreender os fenômenos que estruturam e orientam a vida psíquica, por meio de uma abordagem fenomenológica – a Gestalt Viva – e à luz da Psicologia dos Eneatipos de Cláudio Naranjo, propor intervenções originárias de uma clínica hermenêutica desconstrutivista. Fundamentado na Gestalt, terapia desenvolvida por Fritz Perls no Instituto Esalen na Califórnia e por Cláudio Naranjo, ao longo de décadas, com aportes teóricos e práticos de matrizes fenomenológicas e, que tem na hermenêutica da facticidade de Martin Heidegger, um fio condutor, no qual a interpretação da vida fática se realiza em seus modos de expressão como fenômenos singulares, em que os vínculos essenciais e vitais ao desenvolvimento humano, se constituem ao nos descobrirmos no mundo como seres capazes de linguagem e fala, onde as palavras são fontes e não portadoras do já sabido, no qual se “vê” o que se diz, uma escuta intuitiva, abertura que revela um *ethos* originário ao ser. A partir da inclusão de alguns existenciais da ontologia fundamental heideggeriana, compreende-se uma estrutura milenar - o eneagrama - um símbolo geométrico que Cláudio Naranjo aplica à formatação da personalidade no âmbito da psicologia e que remonta aos primórdios da psicologia fenomenológica de Franz Brentano, marcada pela intencionalidade da consciência, na qual pensar, sentir e agir(querer), são as faculdades constitutivas da própria consciência, e a situação em que o autoconhecimento é a realização de um gesto criativo, *autopoietico*. Sua relevância reside em buscar, por meio da Gestalt Viva de Naranjo, o reconhecimento da estrutura profunda do psiquismo revelada por uma consciência *hermenêutica*, isto é, consciência que investiga o espaço-tempo das manifestações do “si mesmo”, em que toda alteridade pode se manifestar irreduzível ao outro, promover o autoconhecimento do sujeito

sobre si mesmo e suas formas de estar no mundo, abrindo novas possibilidades mais próprias e autênticas de existência.

Assim, uma via hermenêutica *iluminativa*, através da Gestalt Viva, e à luz do eneagrama da personalidade, ressignifica a compreensão das relações humanas fixada em patologias através de *competências existenciais*, que resgatam a gênese do amor, na qual nos constituímos em nossa humanidade.

Palavras-chave: Clínica psicológica. Amor. Ethos. *Poiésis*. Awareness. Self. Personalidade

BARROS, Reginaldo Menezes. **THE POETIC VIA OF CLÁUDIO NARANJO'S LIVING GESTALT: an illuminating hermeneutic clinic**, 2022. 117s. Thesis (Doctorate in Clinical Psychology) – Postgraduate Program in Clinical Psychology. Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2022.

Advisor: Prof. Dr. Ida Kublikowski

ABSTRACT

The present study approaches some themes of clinical psychology, especially the structural theory of mind, in its absolute existential dimension, the psychic personality seen by an illuminative hermeneutic, which reveals the experience of factual life by revealing the space-time of manifestation of the elements that make up the human personality. Its objective is to understand the phenomena that structure and guide psychic life, through a phenomenological approach - the Living Gestalt - and in the light of Claudio Naranjo's Psychology of Enneatypes, to propose interventions originating from a deconstructive hermeneutic clinic. Based on Gestalt, therapy developed by Fritz Perls at the Esalen Institute in California and by Claudio Naranjo, over decades, with theoretical and practical contributions from phenomenological matrices and, which has in Martin Heidegger's hermeneutics of facticity, a guiding thread, in which the interpretation of factual life takes place in its modes of expression as singular phenomena, in which the essential and vital links to human development, are constituted by discovering ourselves in the world as beings capable of language and speech, where words are sources and not carriers. of the already known, in which one "sees" what is said, an intuitive listening, an opening that reveals an ethos originating in being. From the inclusion of some existentials of the fundamental Heideggerian ontology, an ancient structure is understood - the enneagram - a geometric symbol that Cláudio Naranjo applies to the formatting of personality in the field of psychology and that goes back to the beginnings of Franz Brentano's phenomenological psychology, marked by the intentionality of consciousness, in which thinking, feeling and acting (wanting) are the constitutive faculties of consciousness itself, and places it in the condition in which self-knowledge is the realization of a creative, autopoietic gesture. Its relevance lies in seeking, through Naranjo's Living Gestalt, the recognition of the deep structure of the psyche revealed by a hermeneutic consciousness, that is, a consciousness that investigates the space-time of the manifestations of the "self", in which all alterity can to manifest itself irreducibly to the other, to promote the subject's self-knowledge about himself and his ways of being in the world, opening new and more authentic possibilities of existence.

Thus, an illuminating hermeneutic path, through Living Gestalt, and in the light of the enneagram of personality, resignifies the understanding of human relationships fixed in pathologies through existential competences, which rescue the genesis of love, in which we constitute ourselves in our humanity.

Keywords: Psychological clinic. Love. Ethos. *Poiesis*. Awareness. Self. Personality.

SUMARIO

Prólogo: Cláudio Naranjo Cohen - A viagem do herói, o testemunho de uma evolução possível.....	11
INTRODUÇÃO: A VIA POÉTICA, UMA PSICOLOGIA PARA A CONSCIÊNCIA..	26
Primeira Parte: A natureza autopoética da mente: matrizes clínicas e biológicas	43
CAPÍTULO 1 - ARQUITETURA DA MENTE: UMA EPIGÊNESE DO PSIQUISMO	43
1.1 A organização psíquica originária: anseio, aversão e inconsciência.....	46
1.2 Eu, Self e Personalidade	47
CAPÍTULO 2 - A PROTO-ANÁLISE	51
2.1 O Ethos originário	53
2.2 O eneagrama da personalidade: os padrões de relacionamento	54
2.3 Autopoiésis e linguagem	60
Segunda Parte: A proto-análise e as funções psíquicas	61
CAPÍTULO 3 - AS CONSTELAÇÕES INTERIORES E AS ESTRUTURAS TRINITÁRIAS	63
3.1 As três pessoas interiores e os três amores	65
3.2 A etiologia das neuroses	67
3.3 O Self e as funções psíquicas.	68
Terceira Parte: A via poética da Gestalt viva: a hermenêutica iluminativa.....	73
CAPÍTULO 4 - A FENOMENOLOGIA DAS EMOÇÕES E A CLÍNICA: CONTÁGIO, APOIO AMBIENTAL E AUTO APOIO.....	73
4.1 As competências existenciais: sabedoria instintiva, intuitiva e relacional.	75
4.2 O apolíneo e o dionisíaco: autenticidade e meditação no contexto terapêutico	78
4.3 Os egotipos: as relações transferenciais.	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	90
APENDICE 1	95
Epílogo: El paradigma triunitário	114

Prólogo: Cláudio Naranjo Cohen ¹ - A viagem do herói, o testemunho de uma evolução possível

O pensamento, a vida e a obra de Cláudio Naranjo, em toda sua extensão multicultural, é uma experiência da vida fáctica pela qual o tempo revela sua trajetória à compreensão da vida, uma *fenomenologia da Consciência*² para o desvelamento do Ser. Diz Claudio (2015a, p. 167) que é a “experiência de alguém que perde tudo, depois de um primeiro grande triunfo, que é o triunfo da etapa luminosa e carismática”, que reflete uma capacidade integrativa, unitiva e de síntese extraordinárias em que se vê revelada a verdade (*alétheia*)³ do Ser e que, pouco a pouco volta-se a recobrar, algo como na “noite escura da alma“, a qual gostava de referir-se, como a viagem do herói.

Assim, profundamente marcado por encaminhamentos de matrizes espirituais e míticas, envolvido em experiências com relação à psique humana, com passagem em diversas universidades norte-americanas em uma busca radical na compreensão do ser humano, como na *University of Illinois, Harvard University, Stanford University*, onde se envolveu em várias pesquisas sobre a personalidade, colaborando com destacadas figuras do mundo acadêmico, como Gordon Allport, Raymond Catell, entre outras, que culminaria no *Institute of Personality Assessment and Research*, na *University of Califórnia*.

Ao longo desse período estadunidense retira-se para ir ao deserto de *Arica* no norte do Chile, com um misterioso filósofo sufi boliviano, Oscar Ichazo, que se auto denominava representante de uma escola profética, para uma experiência transformadora que se tornou uma verdadeira epifania, na compreensão primigênia do eneagrama da personalidade, que marcaria a sistematização da *proto-análise*, expressão usada por Ichazo para descrever um processo de auto introvisão adaptada à estrutura básica da personalidade de um indivíduo ao mesmo tempo em que apoia uma visão particular da psique como a um corpo de ideias. Tal como a psicanálise ao designar não apenas o método terapêutico e sua respectiva teoria, porém para diferenciar-se da doutrina freudiana.

¹ Disponível em: <https://www.claudionaranjo.net/home.html>. Acesso em: 12 mai. 2019.

² Enquanto matriz filosófica dessa pesquisa, desvela o fato e o modo de ser dos entes, que nos abriria à compreensão de um *ethos originário*, como elemento prototípico na compreensão do Self.

³ Cf. (HEIDEGGER, n.1, 2003, p. 159). “[...] verdade é *desvelamento, manifestação* do ente, qualquer que seja o seu modo de ser.”

Na efervescência do movimento cultural, nos idos de 1970, no *Esalen Institut, Big Sur-Califórnia*⁴, Cláudio conviveu e colaborou com Fritz Perls no desenvolvimento da Gestalt terapia, ao mesmo tempo em que desenvolve o eneagrama da personalidade, em prototípicas experiências de caráter ontológico. Esalen era uma espécie de manjedoura para uma “nova era” do desenvolvimento humano e transformação da consciência, que prenunciaria seu próprio legado à psicologia clínica e se revelaria como uma psicologia para a Consciência na esperança, já protagonizada algum dia por Freud, quando se referia à psicanálise, que seria um bem cultural disponível para toda a humanidade.

De acordo com sua autobiografia, na infância, Naranjo (2019) considerava-se uma espécie de autista, um esquizoide que vivia robotizado sem quase nenhum contato com seu ambiente afetivo natural. Distante da família, esse período foi marcado por uma vivida solidão do pátio de um internato situado apenas a poucos minutos de sua residência, fato que lhe custou grandes dificuldades e que contribuiu para semear no seu espírito uma espécie de “desapego patológico”. Tal conceito de extrema importância na proto-análise, o orientaria no desenvolvimento de suas investigações em processos que catalisariam a compreensão do desenvolvimento da personalidade, como um obscurecimento ôntico, em que novas referências da própria condição humana surgem como verdadeiras mudanças axiomáticas em que buscava integrar à psicologia dos egotipos aspectos do conhecimento psicanalítico, comportamental, budismo, entre outros.

Despertando para uma nova etapa em sua trajetória, iniciou a militância por uma transformação radical na educação, em que visitou ministros da educação como Renato Janine Ribeiro no Brasil, e presidentes de vários países, como José Mujica no Uruguai, Michelle Bachelet no Chile; foi membro norte-americano do Clube de Roma, além de ter sido indicado para o Prêmio Nobel da Paz em 2015 pelo reconhecimento do seu trabalho. Recebeu convite especial para o desenvolvimento da educação na Rússia, onde apresentou sua proposta para a educação, que enfatiza desde a primeira infância, o que chamou de “competências existências”, um saber sobre si mesmo que promove o autoconhecimento e a sabedoria, para uma educação psico-somático-espiritual, para além das competências laborais, acadêmicas, comunicativas, entre outras.

Ainda que sua biografia, como a de todo grande pensador, seja de extrema relevância para seu pensamento e sua obra, como no âmbito acadêmico, também, seu currículo, porém não faremos aqui sua exegese, menos ainda sua hermenêutica, apenas daremos o testemunho

⁴Disponível em: <http://www.esalen.org/>. Acesso em: 19 mai. 2019.

da sua trajetória, a qual acompanhamos durante quase os últimos 30 anos, na incansável iteratividade cultural em vários países que, inspiraria a muitos na esperança de transformação radical do homem e da sociedade em que vivemos, através de uma mudança paradigmática - *o paradigma triunitário*.

Dizia Cláudio, que a civilização é uma barbárie auto idealizada por conquistadores guerreiros muito primitivos, que sedimentaram o poder através de uma *mente patriarcal*, refletindo a *neurose universal* que, como sabemos, consiste na consequência trágica da frustração da libido, em que nos voltamos contra nossa animalidade natural. Isso porque somos seres divididos, metade bons e metade maus, necessitaríamos, então, de um aparato repressor para impor uma ordem, um controle sem o qual a civilização mesma não seria possível.

Afirmava que Freud, indubitavelmente, foi um grande revolucionário, mas que não chegou a questionar essa ideia do “pecado original” que sedimenta, exatamente, a dualidade bem e mal - como um estado intrínseco à própria condição humana - princípio regente da civilização ocidental que tem seu representante projetado internamente no psiquismo humano, através dessa instância punitiva e castradora, também orientadora de acordo com os parâmetros de uma mente patriarcal, o superego freudiano. Naranjo, pelo contrário, aposta no desbloqueio do nosso espírito natural dionisíaco, que foi reprimido nesse processo histórico de dominação. Considera que, nossa grande esperança é a passagem desse espírito repressor de volta a um estado mais livre, proporcionado por um bom ambiente, solidário e colaborativo, que nas peripécias de uma *mãe suficientemente boa*, como predica Winnicott (2013, p. 24) na sua teoria do amadurecimento, reflete uma visão matrilinear que principiará uma ética do cuidado.

De todo modo, não reproduziremos aqui as informações autorizadas por Cláudio, nem sua extensa produção literária, muito menos um acurado currículo, já que estão disponíveis tanto na *Fundación Claudio Naranjo, Barcelona*⁵ como nas *Ediciones La Llave*⁶, como em inúmeras publicações e conferências atualizadas em vídeos disponíveis na internet.

A propósito, convidamos à leitura de sua autobiografia, com minha transcrição de seu prefácio, que, como não poderia deixar de ser, encerra uma grande contribuição na proposta dessa investigação.

⁵Disponível em: <https://www.fundacionclaudionaranjo.com/>. Acesso em: 19 mai. 2019

⁶Disponível em: <https://edicioneslallave.com>. Acesso em: 19 mai. 2019

Ascenso y descenso de la montaña sagrada.

Prefacio

“Por qué escribir la historia de mi vida? Y por que esperar que otros estén interesados en leerla?”

Nunca mi hice tales preguntas mientras la escribi, en respuesta a una invitación de un editor norteamericano a mediados de los años setenta; o al menos no de manera consciente (aunque no hubiera tardado más de cuarenta años en completar la tarea si no hubiera sentido que solo cumpliendo con el propósito de mi vida podría ser digna de ser conocida mi historia personal).

Incluso después de llegar a sentir que no solo há tenido una vida muy interesante, sino que he llegado, como pocos llegan, a su etapa de fruición, tanta interna como externa, me he venido a encontrar con que haber escrito un libro que vale la pena puede no bastar para que se interese un editor en publicarlo; más que en otro tiempo son las casas editoriales empresas comerciales que cuidan maximizar sus beneficios, y es por ello natural que prefieran un best seller a un libro del que se espera el interese de un público selecto.

Después de recurrir a un entendido que me ayudó a encontrar un agente literário, vine a comprenderlo, especialmente cuando después de ler la historia de mi primeira infância me preguntó por que un lector debería esperar que fuese de interés o beneficio continuar leyendo la historia de mi vida.

Y es que, aunque mi vida fuese la de uno que há llegado a la autorealizacion, tras ese grand viaje interior que los eruditos han llamado “el viaje del héroe”, y por ello ofrece un testimonio de la evolución posible para uno que comenzó la vida como un zumbi y que a través de niveles sucesivos de despertar, sanación y liberación llegó a convertirse en um catalizador de transformaciones en la vida de muchos otros.

Y aunque imagino que mis ideas y otros aportes pueda llegar a ser de grand ayuda para la situación crítica por la que atraviesa nuestro mundo, estimulando un interese más amplio en lo que venido escribiendo y así redundar en un servicio al bien común, no puedo esperar que mis editores actúen como un mecenas que antepone un ideal al servicio comercial y práctico.

Me declaro, entonces (y no sin cierta sorpresa), poco capaz de responder a la pregunta con la que inicie este prefacio.

Puedo al menos explicar que, aparte de lo que pueda interesar a quien me lea o publique, mi próprio incentivo al escribir sobre mi vida há sido outro: me há movido una apreciación siempre creciente por la vida que me há tocado y el agradecimiento hacia muchos que contribuyeron a su riqueza.

Y aunque hubo un tiempo en que todo lo daba por sentado, em mi viejez me parece casi milagroso haber recibido tantos y tan preciosos regalos, además de haber llegado, por fin, a una condición de paz, alegría y comprensión, que me permite también una utilidade social considerable.”

*“Me canto a mi mismo, entonces,
en um espíritu de celebración implícita,
y con la esperanza de que mi huellas
pueden ser una inspiración para otros peregrinos.”*

Cláudio Naranjo Cohen

Há, todavia, algo nesse prefácio que me remete a uma experiência iniciática, que traduz o *in-familiar*⁷, pela qual, de alguma maneira, essas *marcas do caminho* deixadas por Naranjo se tornariam não apenas uma inspiração, mas um verdadeiro chamado que chegou a mim de forma misteriosa e dramática. Aos 14 anos fui visitado por Hermes, o mensageiro dos diferentes mundos das tradições míticas ocidentais, em que se revelou a finitude na trágica imagem do corpo de um irmão (de 15 anos) nos braços da nossa mãe, que abalou profundamente minha compreensão da realidade, então descobri que o mundo misterioso dos mitos, castelos, histórias e fantasias da minha infância, inesperadamente, se fizeram presentes em formas assustadoras no meu pensamento.

Assim, vindo a mim algo desse *estranho*⁸ e inquietante, que parece nos remeter a algum tipo de alteridade, como parte não reconhecida do ser, e que se contrapõe a uma noção fixa, determinada e estática de identidade, um outro que parece nos advertir de que nunca somos tão iguais a nós mesmos como imaginamos, nem tão diferentes daqueles que parecem distantes, estranhos que não se podem hospedar, *estrangeiros*.

Levando uma vida típica de um “ser dormido”, preservado todo meu narcisismo, egopaixão da gula social, um planejador indulgente em sua natureza própria hedonista que inclui um não querer incomodar-se e o prazer particular da não-frustração, me encontrei, algum tempo depois, com as extraordinárias histórias de Carlos Castaneda (famoso antropólogo peruano, que participara das primeiras aparições de Cláudio em *Esalen*), vindo a descobri que o pensamento, vida e obra de Cláudio Naranjo me acompanhariam para sempre. Não obstante, apresentá-lo no âmbito da psicologia acadêmica, tornou-se um grande desafio,

⁷ *Das Unheimliche*.

⁸ *Idem*.

já que a ideia desse estranho como alteridade, traz consigo rompimentos e dificuldade do encontro com o outro.

Seja como for, esse evento traumático despertou em mim o que desde sempre já possuímos, a curiosidade pelo mistério do não-saber, nesse estranhamento invisível na sua origem, mas que comunica uma espécie de sensibilidade estética (*aesthesis*)⁹, isto é, aquilo que por meio das sensações é perceptível nos sentidos da sensibilidade.

Destarte, atualizado num apelo de uma *voz silenciosa da consciência*, no qual o silenciar é ouvir a si, isto é, ser mostrado em si mesmo para o seu próprio, um elaborar e transmitir algo que guarda a possibilidade de uma escuta, algo primordial, que significa um estar aberto existencial a esse outro em sua manifestação, enquanto nos convida a pensar esse estranhamento, e nos empurra ao mistério, que Campbell(2010, p. 22) atualiza na sua *mitologia criativa* quando postula, um campo auxiliar do desenvolvimento humano em que o indivíduo “desenvolve-se em consonância consigo mesmo, com a cultura, com o Cosmo e, com esse *estranho*¹⁰, algo que está tanto fora, quanto dentro de si e de todas as coisas: de onde as palavras voltam, junto com a mente, sem haverem alcançado seu objetivo.“ Diferentemente da tradição freudiana, que compreende esse *estranho* como um sintoma a ser suprimido, um estado patológico do qual se deve sair.

Por conseguinte, a partir da minha experiência, se revelou uma espécie de clareira iluminativa (*Lichtung*) que, ao interpelar a realidade e o desvendar desse *estranhamento*, a partir do despertar da consciência sobre o real e a realidade, se constituiu, então, a abertura de um horizonte na perspectiva de uma clínica de raiz hermenêutica des-constructivista, que encaminha uma *práxis*, estratégias do cuidar, que garantem uma abertura que avaliza o não saber, em que se revela e se compreende uma concepção de saúde integrada e não mais apenas normativa, um estado fixado em patologias, mas como um processo que comporta uma complexidade sistêmica, uma evolução não linear de processos iterativos para o poder-ser que revela nas relações humanas, tanto a saúde, como também os adoecimentos psíquicos e o sofrimento.

Portanto, sob uma intuição fenomenológica, se desenvolve aqui uma dialética das polaridades em que, o apolíneo e o dionisíaco, forças complementares de uma via poética¹¹, que subscreve a esse pensamento um caráter ontológico no âmbito da psiquiatria, da

⁹ Do grego: percepção, sensação.

¹⁰ Grifo Nosso

¹¹ Poético do grego *poiein*, *poiésis*, que designa o fazer, o produzir de algo.

psicologia, da antropologia, da história, da arte e espiritualidade que marcam experiências de cunho transpessoal, e revelam esses estranhamentos problematizados por Freud (1912-1913; 1920-1922; 1927-1931; 1937-1939) na construção de sua doutrina, em que as idiossincrasias e concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos se tornam presentes.

De modo que, temas ligados à pesquisa, às vezes impenetráveis ou ambíguos, de uma teoria geral na constituição do psiquismo e das consequências para clínica, para além ou aquém das psicologias, em especial na doutrina freudiana, que se tornaram alvo de questionamento dentro de suas próprias hostes, ou das assim chamadas escolas psicanalíticas e suas matrizes, uma vez que sobre o mesmo fenômeno, comunicam linguagens distintas. Ou o contrário, sobre diferentes fenômenos pretendem uma unicidade de sentido, já desde o início, na problemática dos intraduzíveis, isto é, das palavras conceitos que ganham destaque na própria doutrina, mas não que não se possa “traduzir”.

Nesse sentido, diz Cassin (2018, p. 17) que, “o intraduzível é antes o que não cessa de (não) traduzir”. Assim como *Trieb*, e tantos outros, em nosso caso o emblemático *das Unheimliche*, que parece revelar que sobre a subjetividade humana, a teoria freudiana instala uma divisão, na verdade, uma cisão intransponível na unidade do Eu e na transparência dos atos da consciência. Ou seja, não somos in-divíduos, porém seres divididos entre sistemas psíquicos contraditórios.

Refletindo sobre esse desafio, a partir da minha descoberta adolescente do inconsciente, nesse conto do *in-familiar*¹², e como se daria o seguimento das minhas inquietações sobre a constituição e funcionamento do psiquismo, fenômeno que, sem dúvida, implica em tomadas de decisões não apenas na pesquisa, todavia na própria clínica, encontrei em Figueiredo (2005, p. 163) que a grande questão das pesquisas científicas é que: “só há pesquisa no sentido moderno e institucionalizado do termo quando o pesquisador ou uma comunidade de pesquisadores se apropria de um domínio.”

Sendo assim, do ponto de vista epistemológico, a clínica pareceria, então, enclausurada sob a hegemonia do pensamento representacional e, da noção de verdade como adequação, que não comportaria as distinções dadas pela linguagem e historicidade, porém onde a experiência corresponderia a um *ethos* originário, verdade(*alétheia*)¹³ revelada do ser,

¹² *das Unheimliche*.

¹³ Cf. cit. abaixo: Heidegger, 2003, n.1, p. 159.

constituindo uma dimensão espaço-temporal, como nova possibilidade à compreensão da complexidade do Self enquanto *personalidade total*¹⁴.

Porquanto, nossa proposta, já em seu método - fenomenológico hermenêutico - reflete uma compreensão holística na manifestação espontânea dos fenômenos, uma hermenêutica da experiência da vida fáctica, em que o hermenêutico revela as possibilidades existenciais da experiência vivida da vida, nas quais as propriedades de um sistema, ou de um organismo, não podem ser explicadas apenas pela soma de suas partes. Como seres epocais, vivemos no aqui-e-agora, onde “eu sou a cada vez”, que não significa como afirma Harada (2009, p. 111) “a *egoidade do sujeito-eu-individuo*, na sua autoafirmação, em um domínio que possa reduzir-se a teorias e técnicas e revelar algum sentido, mas a vida mesmo e os modos de ser do ser humano e suas vicissitudes, que é sua *existencialidade*”.

Logo, ao fazer a correlação eu-mundo, compreendi que a hermenêutica da facticidade não quer responder o que é a ciência, porém uma reflexão sobre a verdade (*alétheia*) e os entes, em que o homem surge como instância reveladora do ser, ente que se encontra já e sempre absorvido pela facticidade de seu mundo, ao mesmo tempo que é marcado por uma relação originária e indissolúvel com o ser, resguardando, entretanto, como afirma Heidegger (2003, n.1, p. 159):” desde antemão, lembremos mais uma vez que: verdade é *desvelamento, manifestação* do ente, qualquer que seja o seu modo de ser.”

Na clínica hermenêutica, o que propomos, no intuito de coparticipar da abertura de um espaço de coexistência, em que os indivíduos são autorretratados na originalidade de seus processos (primários e secundários), implica em compartilhar a consciência da experiência vivida nas relações parentais, na qual condições emocionais surgem em triangulações e alianças, edípicas ou não. Tendo em vista, ao compreendermos as relações afetivas sob três facetas distintas do amor, *eros, ágape e philia*, que orientarão a constituição do psiquismo, acaba-se por exigir uma hermenêutica desconstrutivista, no ambiente familiar, dessas alianças visíveis e invisíveis que, desde os primórdios da vida dos bebês articulam a formação de identidades e diferenças fundamentais na constituição do Self.

Do ponto de vista da capacidade e destreza clínica, exige dos terapeutas não apenas o “estar consciente” dos processos, que na linguagem da Gestalt está orientado pela *awareness*, conceito que os gestalt-terapeutas espanhóis traduziram por *dar-se-conta*, mas também a compreensão da etiologia das neuroses que pretende o eneagrama da personalidade, conforme

¹⁴ Cf. "The Self: A contribution to Its Place in Theory as Technique by D. C. Levin. In "The Search for the Self". Ed. Karnack 2011. London.

propõe Naranjo (2008), já antecipada na Segunda Conferência Internacional de Gestalt, em Madrid 1989, como uma contribuição de Naranjo para a clínica gestáltica através da sua sistematização da proto-análise.

De forma que, a ferramenta ordinária desse processo, o *eneagrama da personalidade*, oferece, através de vivências controladas - *setting* de grupo terapêutico - respostas que fazem apreender a estrutura da personalidade. Tal processo faz ressurgir multiversos de modos de conviver e operar da linguagem na dinâmica das relações parentais, falas que são verdadeiros pontos cegos, pois operam a partir de uma paixão fundamental na percepção de si e do outro, que impactam, radicalmente, na compreensão do si mesmo não apenas num viés de “saúde mental” que traduziria um transtorno da personalidade, mas na amplitude da saúde psicológica dos indivíduos.

Nessa perspectiva, o presente estudo objetiva compreender os fenômenos que estruturam e orientam a vida psíquica, por meio de uma abordagem fenomenológica - Gestalt Viva – e à luz da Psicologia dos Eneatipos de Cláudio Naranjo, propor intervenções originárias de uma clínica hermenêutica desconstrutivista dessas relações, baseadas em tal perspectiva também, mas especificamente, tomar em conta esses verdadeiros axiomas, as paixões que devem ser compreendidas no sentido proposto por Maturana e Varela (1995) relativos a *poiésis*, produção. Como aponta Mariotti (1999)¹⁵, o termo *autopoiese* surge em 1974, em artigo de Varela, Maturana e Uribe, que definem os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos, em uma dinâmica que os constituem, ao mesmo tempo, autônomos e dependentes do meio ambiente.

Assim, diferentemente dos manuais como DSM e CID, que são essencialmente descritivos, ainda que se possa fazer alguma correlação das estruturas psicopatológicas incluídas nesses compêndios, ao revelarem traços que se evidenciam nos indivíduos como características tipológicas, pelo contrário, é na relação dinâmica com a pessoa, em que os fenômenos se revelam no ambiente possível, não como uma enfermidade na qual transtornos ou disfunções do psiquismo reduzem de forma radical as possibilidades dos encaminhamentos e congelam as intervenções psicoterápicas, já que se impõem com *força de lei* e de mercado, sobre os próprios processos clínicos.

Ou seja, o que o que fica subtraído é, justamente, a compreensão dos sintomas pela escuta atenta à narrativa do paciente, na história de vida dos sujeitos que padecem de sofrimentos psíquicos - por uma arbitrária e convencional estratégia de agrupamentos de

¹⁵ Disponível em: <http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2021.

comportamentos, que passam a ser considerados como sintomas - a fim de auxiliar no complexo processo de construção de sua singularidade. No entanto, não se trata mais de um ajuste à realidade dos fenômenos, pelo contrário, o ajuste deve ser pela integridade do Self, uma via *autopoiética* na direção da cura. Nesse sentido, o “estar presente”, a presença insofismável do terapeuta já exerce um contágio, como agente de cura, não interpreta os fenômenos da relação no ambiente clínico, que deve ser um “laboratório controlado” como se diz nas classes de psicopatologia na Gestalt Viva.

De tal modo, a clínica hermenêutica, ao revelar os *egotipos*, atualiza uma *práxis* desconstrutivista, que se dá no próprio compreender (*Verstehen*)¹⁶, essencialmente é o que se busca nas relações terapêuticas nas quais se propõem uma dialética baseada em princípios que acolhem as diferenças, através da qual o terapeuta e o paciente, na perspectiva de um campo colaborativo, constroem um ambiente em que se possa sustentar e reparar os danos originários do sofrimento, no desvelamento de um *ethos* originário, como um fenômeno existencial constitutivo do psiquismo próprio às relações humanas.

Portanto, a relevância do presente estudo reside em buscar, por meio da Gestalt Viva de Naranjo, o reconhecimento de uma estrutura profunda do psiquismo revelada por uma consciência *hermenêutica*, isto é, consciência que investiga o espaço-tempo das manifestações do “si mesmo”, em que toda alteridade pode se manifestar irreduzível ao outro, promover o autoconhecimento do sujeito sobre si mesmo e suas formas de estar no mundo, abrindo novas possibilidades mais próprias e autênticas de existência.

De forma a promover o autoconhecimento sobre si mesmo, já preconizado desde o oráculo de Delfos, “conhece-te a ti mesmo”, conjuntamente com seu esquecido complemento revisitado por Foucault (2004), o “cuidar de si”, uma arte maiêutica, fonte originária longínqua dessa compreensão. Nesse sentido, a *complexidade*¹⁷, argumentativa da linguagem proposta pelo eneagrama da personalidade, que engloba os aspectos físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais indica que, é através de uma *paixão básica* que congrega toda a problemática do amor, como fonte e origem dos adoecimentos psíquicos, revelados na disfuncionalidade dessa tríade originária das relações humanas, pai, mãe e filho, que subscreve uma mudança paradigmática, ou de matrizes para a psicologia clínica em geral, que será demonstrada ao longo desse trabalho.

¹⁶ *Verstehen*(*compreensão*) na *areté* heideggeriana é um *existencial* que constitui a abertura para o ser-com. Assim, o que se abre no compreender, o compreendido, é sempre o que pode revelar-se em si mesmo como isto ou aquilo.

¹⁷ Cf. MORIN, 2001, p. 176 - 193

Cláudio é agente e testemunho privilegiado de uma “nova era” de grandes movimentos sociais que, sobre o espírito da contracultura ficou marcada por transformações que não se podem definir apenas a partir do antiautoritaríssimo ou de suas correspondentes liberdades. Dizia Naranjo (2019a, p. 10) que se assemelhava à famosa afirmação de Nietzsche: “Deus está morto”, que foi um profundo místico cujo “super-homem” não foi outra coisa senão a mente desperta e liberada dos jovens, que se desinteressaram pelos valores convencionais e, que foram levados a uma busca que a cultura não podia oferecer. É nesse ambiente revolucionário que surgem novos caminhos psicoterápicos na compreensão do comportamento e da conduta, como a Gestalt que teve em Perls (2002) seu *ethos* original e originário - com pretensões de uma “revisão da teoria e método de Freud”, subtítulo já na primeira edição de 1942 - que inauguraria uma proposta de transição da psicanálise ortodoxa, algo que se perdeu algures, para uma nova psicoterapia mais integrada ao nosso tempo.

Como testemunho dessa nova psicoterapia, que se contraporia na sua gênese à sua matriz psicanalítica, dizia Cláudio que a gestalt terapia era a forma de Fritz fazer terapia, como teoriza em *La Vieja y Novísima Gestalt*¹⁸ reeditada e revisada como Terapia Gestalt¹⁹, ambas com o subtítulo: “*actitude y práctica de un experiencialismo atóxico*”, que outorga à Cláudio a posição de herdeiro dessa tradição, com o resgate do carisma e estilo de Perls, um renascimento desse velho movimento contracultural. Como afirma Peñarrubia no prólogo dessa edição: “Claudio teoriza sobre o que viu Perls fazer na sua epifania californiana em que ‘falava do presente, do contágio e da transparência, da autorregulação orgânica e das técnicas como extensões da atitude do terapeuta, não como teorias psicológicas’.”²⁰

Todavia, a gestalt que encantava psicanalistas e terapeutas de todas as tendências, fato que gerava amor e ódio das plateias, já que esses *settings* terapêuticos - influenciados pela teoria da *awareness*, sob os nomes de treinamento de sensibilidade e grupos-T - de certo modo, acabaram sendo vistos como apresentações públicas da sua capacidade curativa, pois dizia Cláudio, que já não interessava à Perls desenvolver uma “teoria gestáltica”, porque nessa altura das coisas contava com os aportes e desenvolvimentos da própria psicanálise.

Por outro lado, desde o início de suas pesquisas sobre a personalidade, até mesmo por sua formação psicanalítica com Mateo Blanco, na Universidade do Chile, e outros aportes, Cláudio ao construir seu modelo da mente, guarda certa simpatia como as ideias de Freud.

¹⁸ NARANJO, 1989.

¹⁹ NARANJO, 2017.

²⁰ Cf. Prólogo, In: NARANJO, 1990.

Resguardando que, no processo de elaboração do desenvolvimento emocional abandona, definitivamente, através de um novo paradigma - o paradigma triunitário - tanto a epistemologia freudiana, quanto a histórica divisão entre as ciências da natureza e as humanidades, mais ainda, resgatando a espiritualidade presente nas grandes tradições sapienciais da humanidade.

Seu pensamento constitui-se, então, sob as determinações de uma psicologia fenomenológica e uma exegese dos padrões para o desenvolvimento psicoespiritual do homem, que reflete a partir de um novo modelo de mente - bio-pisco-espiritual - na sua busca para uma compreensão original e originária da condição humana, ao mesmo tempo em que se aproxima, conceitualmente de Winnicott, e vai se afastando, progressivamente, de Freud e da maior parte dos psicanalistas pós-freudianos.

Cláudio já não toma as psicopatologias e suas dinâmicas como ponto de partida para elaborar o que seria o processo de desenvolvimento emocional do ser humano. Sua orientação é uma espécie de *gnose*, que faz uma aproximação entre a psicologia, a antropologia, a arte e a psiquiatria, em especial, a espiritualidade de matrizes orientais, tendo em vista uma integração das diferentes tradições culturais, em busca da sabedoria (*sophia*), mas que compreende o comportamento e a conduta dos seres humanos dentro das suas próprias limitações socioculturais, marcadas pelo poder restritivo e castrador de uma *mente patriarcal*, marca indelével na origem da própria Civilização.

O modelo de Naranjo propõe, então, uma *práxis* diferentemente de Freud, onde a religiosidade humana parece ser um problema, pelo contrário, é um constructo cultural, *autopoiético*, sustentado pela experiência que integra psicoterapia e espiritualidade que, de maneira inequívoca desvela a diferença constitutiva do próprio Eu. O homem é o produto de si mesmo e a aceitação do outro é, então, o fundamento que confere condição sem a qual não é possível o amor a si mesmo e ao próximo, um processo que aflora, segundo Maturana e Varela (1995, p. 50) como “fenômeno existencial da consciência de si, numa expansão dos impulsos naturais de altruísmo comunitário, precisamente como condição necessária do social, e não por meio de imposição de uma superestrutura diferente da nossa”.

Por isso, nas suas fileiras, fala-se de um processo que abre um campo de possibilidades que fazem emergir, através do que compreendo, como *ato poético* uma forma criativa de viver que reflete um contínuo processo de aprendizagem e transformação de si mesmo, pelo qual uma pessoa além de reconstituir seu *self* ao longo do processo, descobre e compreende um estilo de ser, confluyente com suas características, de sua família, da sua cultura e comunidade, uma proto-análise orientada na dinâmica da gestalt, que guarda

semelhanças herdadas da própria formação psicanalítica de onde provém tanto Perls como Naranjo, na análise de si mesmo.

Entretanto, no ambiente terapêutico, o mais importante é a transmissão viva de uma filosofia implícita, realizada pelo apoio, contágio, transparência e autenticidade do terapeuta, fundamentos originais e originários da própria Gestalt de Perls (1988; 1997; 2002) que acompanha o aparecimento do auto apoio nos processos de desenvolvimento dos que buscam ajuda e um saber sobre si mesmo, todavia sem nunca esquecer o confronto às manipulações neuróticas em que nos perdemos na cotidianidade de nosso ser. Ou seja, distancia-se de teorizações desnecessárias, as categorizações como o DSM e CID, que impõem um afastamento e esfriamento da relação empática entre terapeutas e clientes.

De modo que, tendo como matriz filosófica, a contribuição da *hermenêutica da facticidade*, de Martin Heidegger, esse projeto, assume um desdobramento hermenêutico do psiquismo, em que, nos modos de ser do ser humano as identidades e identificações serão determinações que apontam para uma interpretação de perfis existenciais, onde a “descrição da saúde e da doença psicológica...é uma questão das identificações e alienações do self.”²¹

Portanto, desde a fenomenologia hermenêutica, através do eneagrama da personalidade, um mapa que reflete e testemunha o ocultamento do ser - já preconizado por Laing (1982, p. 41), como uma “insegurança ôntica” - revelam-se as falhas na constituição e nas funções operativas do psiquismo e, mostra-se que a metapsicologia freudiana, ao estabelecer um aparato determinado por três instâncias, o ego, o superego e o id, no qual a vida infantil é tecida, tanto no narcisismo, como no complexo edípico, de onde faz surgir, exatamente, o superego, uma doutrina que privilegia a teoria da sexualidade infantil e suas vicissitudes - marco na compreensão da vida psíquica humana - entretanto, constitui-se como um reducionismo epistemológico, já que, anteciparia a partir desse aparato as “verdades reveladas” para todos as idiossincrasias da conduta e comportamento humano.

Todavia, como sabemos, a partir da própria interpretação e desenvolvimento da teoria estrutural que as questões que envolvem tanto a constituição do Self como o narcisismo, tornaram-se o ponto fulcral da discórdia e das interpretações de toda e qualquer orientação e análise clínica na contemporaneidade.

Ainda é preciso dizer que, durante todos esses anos da minha trajetória junto a Cláudio, sempre presenciei sua admiração por Freud, ainda que não o considerasse um terapeuta, na ordem do cuidado, tão aplicado a seus pacientes como Fritz Perls. Claudio

²¹ PERLS, 1997, p. 49.

carregava uma manifesta decepção quanto aos resultados das análises freudianas, que pareceriam estar muito voltadas a seu labor teórico científico, do que para a própria pessoa. Porém, em si mesma não me parecia uma mera crítica ao pensamento psicanalítico, pois desconfio que mantinha a esperança de que suas proposições pudessem ser compreendidas, sob outras circunstâncias, como um processo de autoconhecimento e amadurecimento, no qual as diferenças seriam respeitadas como tal, quiçá integradas, ainda que com interpelações à saúde mental que as patologias carregam em si próprias.

Por outro lado, sem compreender que essa teorização não promove uma experiência real, ou seja, sem a *práxis*, não se entende que a autoanálise, a partir do eneagrama da personalidade é uma vivência compartilhada, que não pode ser experimentada apenas teoricamente. Somos seres incompletos, o devir e a nossa incompletude são as marcas indelévels de nossa humanidade.

Também, não se deseja uma mera crítica à psicanálise ou mesmo a Freud, muito menos o desconhecimento das psicopatologias, pelo contrário, é a partir de sua grande obra seminal, que se busca uma abertura iluminativa para a nova psicologia, que na compreensão da Gestalt viva surge como uma psicologia para a Consciência, que foi a busca de Cláudio Naranjo, no rastro da autenticidade clínica de Fritz Perls.

*φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ*²²

²² Surgimento já tende ao encobrimento. (Heráclito, fragmento 123). In: *Os Pensadores Originários*. (Tradução de Emmanuel Carneiro Leão).

INTRODUÇÃO: A VIA POÉTICA, UMA PSICOLOGIA PARA A CONSCIÊNCIA

Usando como qualificação da ‘fenomenologia’ o termo ‘hermenêutico’ não indicava como é de costume uma metodologia de interpretação, mas a própria interpretação, assim essas novas concepções de linguagem e verdade imbricadas na noção de historicidade, não pareceriam ignorar que o verbo grego ἑρμηνεύω está associado a Hermes, o deus que traz a mensagem do destino: ‘ἑρμηνεύειν’ é a exposição que dá notícia, à medida que consegue escutar uma notícia. (HEIDEGGER, M. 2006, § 7)

Desde o final do século XIX cientistas e pesquisadores cobram por um lugar de destaque no desenvolvimento da Psicologia Científica, não por acaso, com Wundt (1874), Brentano (1874) e James (1890), surgem também as questões epistemológicas e de métodos investigativos que os acompanham. Segundo Kuhn (1987, p. 223) com a multiplicação dos campos de conhecimento, frutos de uma revolução científica, configurou-se um processo histórico descontínuo, que introduziu paradigmas, alterando radicalmente o modo de pensar o objeto próprio a cada disciplina, enfatizando, entretanto, que, “somente aqueles que retiram encorajamento da constatação de que seu campo de estudo (ou escola) possui paradigma, estão aptos a perceber que algo importante é sacrificado nessas mudanças.”

Assim, compreendendo o que o autor chamou de estrutura comunitária da ciência, em que as mudanças que orientam o pensamento se resumem, invariavelmente, à sua matriz disciplinar, indica que as teorias são, de certa forma, reducionistas na compreensão geral dos próprios paradigmas. Por conseguinte, é do rigor do pensamento científico, dos modelos epistemológicos e das ontologias regionais que nos acompanham, que provém uma crise oriunda da modernidade, atualizada como uma crise da civilização mesma, que se revela no século XX, segundo Foucault (2006, p. 173) com uma sociedade disciplinar, panóptica de sujeitos vigiados, obedientes e adestrados. Todavia, segundo Han (2005, p. 23) surge agora uma sociedade de desejos reprimidos pela autoridade de uma mente patriarcal, em que o próprio aparato freudiano, se constituiria pela positividade de um novo paradigma, - o paradigma do desempenho. Dessa forma, sugere uma nova mudança paradigmática, em que:

[...] o aparato psíquico freudiano, dotado de mandamentos e proibições, estruturante e estruturado na sociedade disciplinar, dominado pelo medo e pela angústia frente à transgressão, já não se aplica ao sujeito do desempenho da pós-modernidade, já que, é a “consciência moral” (*Gewissen*), que reflete o próprio aparato pautado pelo ego cumpridor de um dever, imposto por essa consciência moral já desvirtuada (superego). (HAN, 2005, p. 81).

Sendo assim, é na matriz da mente freudiana, na qual o patriarcado dominante constitui suas configurações, que se concentra a própria atividade psíquica inconsciente, ou

seja, a atividade de uma consciência moral que se manifesta em um duplo juízo, em que afirma Perls (1977 p. 24), “o potencial humano é diminuído tanto pelas ordens não apropriadas da sociedade, como pelo conflito interno”, que na sua linguagem é uma batalha interminável entre o que chamou de “*top dog e under dog*”, o mandão e o mandado, que se fundem em um só e mesmo indivíduo.

É exatamente essa autorreferencialidade, segundo Han (2015, p. 80), que gera uma liberdade paradoxal, que é a fonte de todo adoecimento psíquico da sociedade do desempenho, isto é, das manifestações psicopatológicas dessa “liberdade”, já que: “o aparato psíquico freudiano é dominado pelo medo e pela angústia... o trabalho prestado pelo ego freudiano consiste sobretudo no cumprimento de um dever...o inconsciente freudiano não é atemporal.” Acrescenta ainda Han (2015, p. 80), pela palavra de Nietzsche, que: “por falta de repouso nossa civilização caminha para uma barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo.”

Por outro lado, Carneiro Leão (2017, p.57) compreende que a globalização revela uma avalanche de fenômenos, que podemos identificar “na sociedade do conhecimento, na sociedade em rede, na sociedade do consumo, na cibercultura, na engenharia genética, na eliminação e perda da linguagem simbólica, na inteligência artificial, nas próteses microeletrônicas, o ciborgue!” Ou seja, que a própria atividade humana em todas suas determinações acaba por construir um mundo dominado pelo que Heidegger na sua conferência de 1953: *A questão da técnica*, chamou de *Ges-tell*, outro desses intraduzíveis, que fundamenta o que em sua essência se refere a expressão *esquecimento do ser*, desde que se compreenda fundamento como o acontecer originário de cada coisa.

Toda essa problemática em Heidegger remete ao pensamento grego, em especial a Aristóteles (1973, p. 267), em que *techné* denota uma capacidade intelectual que tem a ver com fazer ou criar (*poiésis*). Todavia, ainda que, a compreensão da origem desses conceitos e de suas interpretações seja pertinente a esse projeto, certamente, aqui não é o lugar e nem seria desejável uma discussão filosófica sobre *poiésis*, *práxis e phronêsis*, na direta relação com *techné*. Portanto, apenas indicaremos *poiésis*, no sentido que lhe atribuiu Maturana (1995, p.88) como elemento estruturante de nossa proposta, pois significaria que aquilo que avança do não-ser para o ser é concomitante a essa *Ges-tell*, que nos é revelada num processo *autopoiético*, isto é, a verdade (*alétheia*) do que estava oculto na não existência para seu existir.

Nesse sentido, podemos concluir com Carneiro Leão (2017):

[...] que o homem já é parte de uma rede global técnica, padronizado por uma ordem rizomática, em que cada elemento só tem sentido quando vai se transformando em elementos de um sistema [...] que toda resignificação de um elemento repercute e reverbera sobre o conjunto todo e o modifica, o que implica em últimos termos que a sociedade globalizada está presente em cada uma de suas partes, pois opera uma relação de exclusividade entre os elementos do sistema que se compõe de autonomia, unicidade, universalidade e totalidade (CARNEIRO LEÃO, 2017, p.58)

De maneira que, se os postulados da psicologia moderna, desenvolvidos no pós-guerra, têm sua evolução profundamente marcada pela robotização do homem, afirma Bertalanffy (2012) serem:

[...] frutos de uma experiência de psicologia manipuladora em grande escala... precisamente, em condições de redução de tensões e satisfação das necessidades biológicas apareceram novas formas de transtorno mental...formas de disfunção mental originadas não em pulsões reprimidas, necessidades insatisfeitas ou stress, mas na falta de sentido da vida. (BERTALANFFY, 2012, p. 217)

Seja como for, para além das narrativas contemporâneas do agir humano, ao retornarmos aos primórdios do pensamento grego, quando a “alma humana” era dita em termos do que o pensamento aristotélico concebia como múltiplas possibilidades do ser, era sobre o agir prático da vida, uma arte de produzir (*téchnē*) que se debruçara todo saber-fazer. Podemos pensar, então, que os conceitos de saúde e doença, frutos dessas narrativas, ao descreverem fenômenos vitais da experiência humana, de certa forma, construíram uma unidade psicofísica do ser humano, o *eu*. Na atualidade os modelos de desenvolvimento humano se multiplicam em inúmeras teorias e práticas clínicas, que corroboram as hipóteses desse desenvolvimento, tendo em geral um viés que estabelece a patologização dos comportamentos e da própria linguagem.

Desde os gregos antigos, afirma Augras (2012 p. 9) que a clínica (η κλινική) remetia à ideia de acamados, doentes que necessitavam de cuidado médico, e sua evolução se confunde com a própria história da medicina ao longo dos séculos. Na modernidade, a psicologia clínica se associa, inevitavelmente, a ideia de enfermidade, pois descende diretamente da psicopatologia e se alimenta do psicodiagnóstico, entretanto, ao se reduzir ao âmbito da fala, inaugurando as narrativas do comportamento cotidiano definidas pelo hábito, constrói uma linguagem que perfaz todo o dizer humano.

Também, Kristeva (2002. p. 9) reconhece que, os adoecimentos da alma humana (*psyké*), passam por grandes transformações, culminado entre os médicos da Antiguidade a separação metafísica entre corpo e alma, sob a qual construíram uma analogia que prefigura a psiquiatria moderna. Atualizada pelo dualismo de Freud (1920, p. 63) que diz:” nossas

concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais, definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição se dando, não entre os instintos do ego e instintos sexuais, mas entre os instintos de vida e os da morte.”

Todavia, tanto o diagnóstico como as psicoterapias, ao se remeterem ao comportamento, catalisaram a patologização da fala cotidiana, que se impôs como característica fundamental da psicanálise freudiana. E, do ponto de vista de uma teoria da adaptação da conduta, se articula no duplo princípio que comanda o acontecimento psíquico, o princípio do prazer e princípio da realidade. Contudo, alerta Ricouer, (2009 p.119) que: ” não se deve, afinal, perder de vista que a realidade da alma não se refere senão à unidade global, massiva do ser humano na sua ligação do psíquico ao corporal”.

É inequívoco, portanto, que toda psicologia clínica, tem como objeto de estudo a compreensão dos modos de existência dadas por narrativas das relações humanas, nas quais a interatividade dos sujeitos com o mundo revela padrões de comportamento.

Diz Bertalanffy (2012),

[...] que a psicologia tanto teórica como aplicada foi invadida por um mal-estar com respeito aos seus princípios básicos, uma nova orientação nas várias escolas neo-freudianas que tinham como um princípio comum não considerar mais o homem como autômato reativo ou robô, mas como um sistema ativo de personalidade, um constructo em que sua compreensão irá depender da formatação teórica adotada na sua constituição, ou no campo da pesquisa em que suas características ou a forma como as teorias a conceituam, acabam por definir as principais propriedades de um sistema e, conseqüentemente, um modelo da mente que vai orientar toda clínica psicoterápica (BERTALANFFY, 2012, p. 217)

Para o desenvolvimento de uma *práxis* psicoterápica, que realiza a experiência fenomenológica e hermenêutica do agir humano, a experiência fática do viver envolve não apenas a investigação do “ser do sujeito” e da sua subjetividade, como um constructo que se dá no velamento e desvelamento próprio ao mundo da vida, porém a *práxis* em que *physis* poderia traduzir-se por *ethos*, ao consideramos as palavras como “fontes originárias” não portadoras continentes do já sabido, em que a realidade humana se apresenta na experiência histórica, social e individual, o que possibilitaria uma abertura à natureza da sua própria humanidade.

Segundo Heidegger (2007, p.199), para os gregos a “*physis* que os romanos traduziram por *natura*, é o que faz com que algo surja de si mesmo, ou seja, *autopoieses*, mas o que é mais antigo que os tempos, sendo desde tempos imemoriais é o ser, que para o homem foi esquecido no próprio esquecimento de si mesmo.”

É nesse sentido, diz Carneiro Leão (2017, p. 29), que: “o fenômeno vida cria, nesta

dinâmica de transformação, em que cada modalidade de condição de vida é uma originalidade, como se fosse uma palavra que nunca pode ser repetida, uma palavra que, só para ser falada tem que transformar-se.” Portanto, ao abarcar a dinâmica da relação eu-mundo, ser-no-mundo não é apenas a redução cartesiana do sujeito e sua subjetividade que irá aparecer no horizonte da sua historicidade, menos ainda uma dicotomia dualista entre corpo e alma, mas a tarefa de pensar a facticidade da experiência humana no âmbito dessas relações, uma hermenêutica fenomenológica, que inaugura uma mudança paradigmática e desvela a natureza dos fenômenos, uma compreensão não de um instrumento de redução de tudo à subjetividade, ou de transformação de tudo em objeto, mas o que na sua ambivalência e no seu ínsito vínculo com o homem, revela-se como uma aparência própria de sua humanidade

Sabemos que as estruturas mentais, de acordo com Freud (1923-1925) são organizadas em determinações específicas de um aparelho psíquico mecanicamente estruturado, com funções dadas às três instâncias: o ego, o id e o superego, nos quais forças ou pulsões que dariam uma resposta contundente às vicissitudes humanas, atualizadas de uma hierarquia restritiva, que pretende aplicar à originalidade da vida humana, desde os sistemas tribais nas hordas primitivas uma proibição, o incesto, revelado no complexo edípico como o fenômeno estruturante da natureza da personalidade e organizador da comunidade, que acaba a todo custo traduzindo uma repressão ao “instinto fundamental”.

É a própria natureza(*natura*) humana, portanto, determinada por situações que implicam, desde tempos imemoriais, restrições de alguma forma ética, sendo lícito pensar, então, que um *ethos originário* se impôs como proibição e severa obrigatoriedade? Quando colocamos em perspectiva essa proibição com a ideia de que o objeto científico não é dado, mas construído, fundamento de um espectro epistemológico, compreende-se que o conhecimento científico não é um refinamento do senso comum, todavia uma ruptura com a forma que se traduz nos mitos, ou no hábito o comum conhecer.

Figueiredo (2019, p.43) declara que na compreensão do comportamento humano, “ao longo de muitas décadas em que foi elaborado, o pensamento psicanalítico sob formas e modalidades dos adoecimentos psíquicos criou duas grandes matrizes: “a uma, chamamos de matriz freudo-kleiniana; a outra caberá a denominações de matriz ferencziana.”

Na atualidade, sob a vasta literatura psicanalítica, que descreve teorias e interpretações do funcionamento da psique a partir dessas matrizes, em geral problematizando sobre os dois modelos teóricos que estão na base do pensamento freudiano, historicamente parecem que foram separados e considerados como incompatíveis, pois - o modelo pulsional e o modelo

das relações objetais - descrevem diferentes metapsicologias e, conseqüentemente, modos de existências que velam e revelam, no seu limite, referentes a enfermidades da mente, patologias que, de acordo com a escola em que são concebidas, constroem ou reconstroem modalidades de funcionamento psíquico em diferentes quadros e enquadres clínicos constituídos previamente, ainda que sob as determinações da interpretação e da transferência.

Seja como for, os modelos e suas patologias, como regra geral, remontam os caminhos percorridos por compreensões teóricas e técnicas, como dito acima, baseadas na interpretação e na transferência, princípios *sine qua non* a psicanálise não existiria, que nas diferentes escolas se encontram sob as diretrizes de suas próprias metapsicologias. Entretanto todas trazem as marcas do processo de cisão para a constituição do Eu.

Historicamente, antecipado por Hartman (1968), em sua *Psicologia do Ego*, há uma tentativa de estabelecer uma teoria do comportamento, em que surgem as questões iniciais da constituição do psiquismo e, que vêm à tona, especialmente, nos conflitos de ordem estrutural que privilegiam as chamadas “funções do ego” na problematização da ideia de personalidade e, por consequência, das formulações teóricas sobre saúde mental, tema bastante controverso na história da psicologia moderna, porém que não pertence ao arcabouço conceitual da psicanálise, na teoria estrutural da mente, no entanto é, por excelência, o objeto inspirador de nossa pesquisa.

Assim, tendo em vista os conceitos freudianos das mudanças aloplásticas e autoplásticas, ressalta Hartman (1968, p. 26) “que a ação humana adapta o meio a funções humanas, e que, depois o ser humano adapta-se ao meio que ele ajudou a criar, isto é, aprende a atuar aloplásticamente”.

Contudo, ao levantar problemas intrínsecos à psicanálise, tanto na sua psicologia do ego, como na finalidade terapêutica e, como uma consideração educacional, Hartman (1968, p.26) dá-se conta que o conhecimento da realidade não é sinônimo de adaptação à realidade, e que, “a saudável vida mental do adulto nunca está, provavelmente, cem por cento isenta de um mecanismo de negação e substituição de uma ou outra realidade pela formação de fantasias.” E, de certa forma conclui que, “talvez não tenha ainda sido compreendido, em todo seu alcance, até que ponto foi proveitoso que Freud tivesse formulado sua doutrina das neuroses sobre alicerces não ‘apenas especificamente humanos’, mas ‘genericamente biológicos’.

E, conclui Hartman (1968):

[...]Freud (1926), contribui significativamente para a resposta quando enumerou os três fatores predominantes que desempenham um papel na causalidade da neurose e criam as condições em que as forças da mente são lançadas umas contra as outras: a prolongada impotência e dependência da criança humana, o período de latência e o fato de que o ego tem de tratar como perigos certos impulsos instintivos. Freud caracterizou um desses fatores como biológicos, outro como filogenéticos e o terceiro como puramente psicológico (HARTMAN, 1968, p. 27).

Por outro lado, a *Psicologia do Self* de Kohut (1971), além de rejeitar a psicologia das pulsões, desafia a clássica noção de neutralidade do analista e expõe as feridas iatrogênicas oriundas de terapeutas mal treinados, em prol de sua própria visão sobre o self, que abre uma nova perspectiva clínica baseada na crença de que as vulnerabilidades narcísicas cumprem um papel significativo na produção de sofrimento, de modo que tanto a reflexão sobre a empatia, as configurações narcísicas inconscientes e o narcisismo como problema estrutural do psiquismo, temas que acompanham os desenvolvimentos teóricos e clínicos, desde seu aparecimento com Freud (1914), se tornaram cruciais às contribuições para a compreensão e o tratamento dos estados emocionais.

Vale salientar que, as análises do Self desde Kohut (1971, p. 13), antecipam já nas suas considerações iniciais ao tema, que metade dos conteúdos da mente dizem respeito às vicissitudes da personalidade narcísica e, que, a separação conceitual proposta por Hartman (1968) entre self e o eu revelam uma nova estruturação da mente, sobre o *narcisismo* e a problemática do Eu.

Algumas teorias que reinterpretam a tese freudiana - da teoria sexual nas fases do desenvolvimento humano - são seminais para uma releitura do próprio ciclo vital. Como Winnicott (1970), por exemplo, em que o desenvolvimento emocional, que constitui sua “teoria do amadurecimento”, a problemática do Self se dá sobre modos distintos, a saber: o self falso, o self verdadeiro e o self incomunicável.

Assim, é possível assumir num quadro teórico inicial, em que a personalidade não está integrada, isto é, que numa desintegração regressiva há um estado primário ao qual a regressão conduz. Postulando, então, uma não integração primária, que faz surgir no conceito de dissociação, levando-o a compreender as distorções do ego em verdadeiro e falso, instalando uma certa confusão sobre a distinção entre *ego* e *self* que, Luiz C. Figueiredo em suas classes teóricas, sugere que se possa compreender em dois sentidos, um em que o Eu se manifesta numa dimensão do Self e outra em que o Eu se compreende no âmbito do ego, que de certa maneira marcam uma distinção entre duas matrizes, a primeira de cunho fenomenológica, já que Self é um fenômeno interpessoal, e a outra eminentemente metapsicologia, em que se abatem todas as dificuldades teóricas e diagnósticas das escolas

oriundas da doutrina freudiana que, acabam por acentuar novas metapsicologias com estratégias de interpretação e manejo, reveladoras do psiquismo da pós-modernidade.

Entretanto, é preciso dizer que para Perls (1997, p.49) “self é um sistema de contato...sua atividade é formar figuras e fundos...self é precisamente o integrador...o artista da vida... na interação total organismo/ambiente... desempenha um papel crucial de achar e fazer os significados por meio dos quais crescemos.” Porém, se o self de alguma forma se aliena, num falso self, diferentemente do sistema freudiano, se configuraria o ego um sistema de identificações e alienação que, do ponto de vista terapêutico necessitaria da *awareness* até que se restaure espontaneamente a sensação de ser que assume o controle de si mesmo.

Na Psicologia dos Eneatipos, proposta por Naranjo (1994), o self é sempre fruto de uma experiência que se movimenta entre o ser e o não-ser, assim como sua formação está estreitamente associada ao desenvolvimento de um ciclo evolutivo, que tem no seu modelo de mente a configuração de uma mudança paradigmática - o *paradigma triunitário* - que se estrutura nessa via que remete à chamada “psicanálise relacional”, em que o self é visto como um agente que se apropria de certa maneira das instâncias originais da segunda tópica, ego, id e superego, enquanto funções de uma agora unidade de agenciamento do psiquismo, autônoma, o Self.

Diante de todas essas teias de significações, do ponto de vista clínico é fundamental compreender como o self se organiza e se coloca no espaço-tempo do psiquismo, que se torna o grande desafio teórico que incide sobre as três instâncias do aparato freudiano, a personalidade narcísica e outras psiconeuroses.

Em todo caso, acreditamos que a proposta, que desenvolveremos na presente pesquisa, atende à expectativa, que em nossa interpretação, ajusta-se ao pensamento do Dr. Naranjo, ao apresentarmos um estudo que testemunha essa nova psicologia - Psicologia dos Eneatipos – com destaque para sua ferramenta teórico/experiencial, o *eneagrama da personalidade*, na compreensão do psiquismo e do desenvolvimento e amadurecimento humano, que fundamenta o que pretendemos chamar de: “a via poética da Gestalt Viva.”

Se a teoria freudiana é uma construção heurística dos fenômenos mentais, desenvolvida pela observação direta de fenômenos empíricos de casos particulares, que se constituiu e consolidou nas formulações mais gerais a respeito da dinâmica psíquica, podemos, então, inferir que a vida psíquica, determinada a partir do inconsciente, refletido nas condutas e comportamentos dos indivíduos, tem seus conceitos explicativos, também configurados por *modelos motivacionais*.

Parece evidente que uma arquitetura da mente é crucial e determinante, tanto na evolução do psiquismo freudiano, quanto do comportamento e conduta humana. Dessa maneira, não surpreende que as relações das crianças com os pais, que explicariam as neuroses, quiçá as psicoses, sejam construídas, primordialmente, a partir de modelos explicativos que teriam sedimentado funções específicas às atividades do inconsciente.

Talvez, a questão sobre quem somos em nossos modos de ser, tanto na história como na biografia dos indivíduos apareça, diante disso, como decisiva na própria historicidade do ser humano, no sentido de uma fenomenologia dos próprios fenômenos que de si mesmos realizam a verdade (*manifestação*) do ser e que se afastaria radicalmente da fundamentação da metafísica da subjetividade. A fundamentação histórica da metafísica, que embala todas as ontologias regionais, seria, assim, um entendimento do homem em relação a si mesmo, isso significa que toda compreensão de algo em seu ser remonta à compreensão do ser originário, na qual o ser humano compreende a si próprio na temporalidade de seu existir.

De modo que, para a experiência primária do *ethos*, como um ato *autopoético*, fenômeno irrecusável da vida humana, se ofereceria, na forma de uma linguagem originária e original, de tal maneira que o real em sua estruturação (*eidos*), o que se manifesta em toda e qualquer realização, como uma evidência inaugural no horizonte do mundo-da-vida, revelar-se-ia como manifestação principal à realização de toda experiência humana.

Posto isso, compreende-se que, ontologicamente é o homem em seu ser o objeto de toda investigação clínica, já que é originária essa relação do homem consigo mesmo. Porquanto, o estudo das relações humanas não pode furtar-se ao desafio inicial de pensar a manifestação do sujeito (eu) em sua determinação ontológica, isto é, na dinâmica da temporalidade do seu processo histórico, já que anteciparia no próprio fenômeno toda e qualquer manifestação do real. Ainda que, na específica estruturação do real, em todo modo de ser, haja uma ambiguidade, isto é, o modo de ser dos entes e o ser mesmo.

Dessarte, esse “obscurecimento ôntico”, do qual fala Naranjo sobre a compreensão da personalidade, que traduz o *ethos* originário na ambiguidade do real, isto é, o ser sendo e seus modos de ser, é verdade (*manifestação*)originária, pois anterior a toda e qualquer representação, em si mesmo é ato poético (*poiésis*) na qual o sujeito(eu) não está representado em identidades e identificações, mas na singularidade de cada indivíduo.

Segundo Lima Vaz (1999, § 1) na manifestação do *ethos* está implicado a realidade histórico-social dos indivíduos, e sendo o *ethos* grego a primeira passagem referência do termo Ética, portanto um índice heurístico, a experiência primeira do *ethos* revela uma estrutura dual característica e constitutiva, inseparavelmente, social e individual. De modo

que, estaria em questão o modelo metafísico que sustenta a dicotomia sujeito/objeto, conseqüentemente, a imbricação das relações entre o sistema psíquico e o sistema social em que está imerso.

Faz-se mister salientar que, além de colocar em evidência o sujeito (eu), como o subsidiário de um conjunto das características psíquicas de um indivíduo, instância reguladora do agir humano, ainda que cada ente na sua individualidade possa experimentar o impedimento de suas potencialidades, como também pode vir-a-ser, maximamente, aquilo o que é, pois, a forma (*eidos*) do impedimento e do desenvolvimento das capacidades subjaz a cada ente específico, revelar-se-ia um fenômeno social constitutivo da própria comunidade.

Logo, a fenomenologia de todo fenômeno, enquanto uma hermenêutica fenomenológica, para a investigação do humano no homem, isto é, sua *humanitas*, abre um espaço para o encontro e desencontro com a ética das ações, um conhecer e sintonizar-se com a principalidade do que é e está sendo, não remetendo, mas provindo de uma fonte originária, resguardando que, as manifestações do *ethos*, como uma fonte raiz originária, suscita, antes de tudo, uma certa atenção para o modo de ser e dar-se da fenomenologia, pois esta não é, nem quer ser, nem mesmo pode ser conhecimento.

Segundo Carneiro Leão (2013 p.29, 30), a fenomenologia é, exclusivamente, “um conceito de método, *ein Methodenbegriff*, que não remete para nenhum conteúdo ou objeto de uma determinada região do real.” Sendo assim, o que nos resta é “levar a sério o ser do que é, e está sendo, pois o que a fenomenologia nos traz é que toda perspectiva de estabelecer uma compreensão do real, seja epistemológica ou não, é uma intencionalidade da consciência (*Bewusstsein*).”

Essa é uma tarefa, predominantemente, da hermenêutica fenomenológica ao investigar desde os primórdios a relação mãe-bebê na constituição de um modo de ser, que se traduz como self na atualizada *teoria estrutural da mente*. Além disso, se toda verdade no plano ôntico emerge da verdade, no sentido ontológico, e se toda ontologia é uma fenomenologia, pois é ciência do ser dos entes em seu conteúdo manifesto, *ethos*, como manifestação, é possibilidade originária para a temporalidade do fenômeno humano, que realiza um envio histórico do sentido através e pela linguagem, na qual os percursos da ação humana surgem dentro de uma unidade vital da experiência, uma estrutura de realização, ser-no-mundo.

Ser e agir é o ato inaugural de toda ética, entretanto, diz Carneiro Leão (2013p. 124) “só é possível chegar à essência do modo de ser e do dar-se de uma ação, por já se porvir de

lá, isto é, rompendo com a metafísica da subjetividade, que põe toda sua autonomia na razão de poder e na vontade de querer.”

Sendo assim, uma reflexão em que agir e produzir (*poiésis*), revelados no *ethos*, se inserem de alguma forma na ordem do mundo para modificá-lo, na construção e/ou reflexão de uma psicologia fenomenológica, terá seu desfecho, inevitavelmente, realizado no âmbito necessário de uma hermenêutica fenomenológica. A hermenêutica é fenomenológica, o que significa que em seu âmbito objetivo, a vida fática, em relação ao estilo de vida do ser humano em seu ser, e no seu falar (*légein*) é o próprio fenômeno. Esse desvelar-se para o “despertar da consciência” seria uma espécie de doação. Heráclito²³ considera, em um dos seus famosos fragmentos, que a forma como esse “acontecer da verdade” se dá é ambígua, obscura, é um mostrar-se escondendo-se, φυσικς κρυπτεσθαι φιλει²⁴

Por tudo isso é que, uma fenomenologia do ser se constitui como orientação fundamental dessa investigação, pois nos ensina que na fenomenologia de todo fenômeno, este não é um fato único isolado, com diz Carneiro Leão (2013 p.37): “todo fenômeno é concreto, nasce com a realização da realidade de qualquer real. Heidegger chama de conceito ôntico a realização positiva do fenômeno, seja na ciência, seja no mundo da vida cotidiana. “

É na distinção fundamental de uma hermenêutica fenomenológica, que podemos compreender a crise da própria clínica, pois a compreensão da psicologia do profundo para a construção de uma identidade é ambivalente, tanto quanto reflete a obscuridade do sentido no horizonte de toda realidade, pois trata-se da dinâmica de ser e não-ser na fenomenologia de todo real. Além disso, se a plenitude ou vazio do eu encontra-se contraposto à plenitude ou vazio de seu mundo, eu e mundo formam constantemente uma unidade dialética, na qual não é um polo que empresta ao outro seu sentido, mas é o sentido mesmo que emerge inversamente da oposição entre os dois polos.

De modo que, a partir do pensamento de Cláudio Naranjo, propomos a hipótese do *ethos originário*, como fator de integração nas relações triádicas constitutivas do psiquismo, *ato poético* que opera o paradigma triunitário em diferentes manifestações humanas, nas quais as disposições afetivas de toda forma de ser, que rompem com a estrutura patriarcal freudiana e, de resto, denunciam a própria civilização estruturada por uma *mente patriarcal*, impeditiva da capacidade criativa do indivíduo frente às vicissitudes e peripécias da própria vida humana. Salientando que, no limite da clínica, como afirma Carneiro Leão (2017 p. 32), “todo ser

²³ KIRK, RAVEN, SCHOFIELD, 1994.

²⁴ Fragmento 123 de Heráclito; “surgimento tende ao encobrimento.” (Tradução: Carneiro Leão)

humano só é criativo situado a partir de um mundo. O que a investigação clínica pode descobrir são os feitos e os fatos de superfície da vida psíquica, nascidos e brotados do modo próprio de a pessoa estar no mundo dentro de uma história e coexistindo com outras pessoas.“ Assim, *ethos*, como um ato poético, estruturado pela *unidade triádica* de Cláudio Naranjo, aporta uma mudança de matriz, que caracteriza uma teoria com raízes nas pesquisas modernas da neurociência e que revela, no âmbito da biológica, da filogenética e no aspecto puramente psicológico, já intuído por Freud (1925-1926), a condição estrutural do psiquismo humano a partir da evolução embrionária do que se convencionou chamar, os três cérebros: o instintivo, o límbico e neocórtex, que o pensamento de Naranjo associa, na expansão da problemática do amor - *teoria dos três amores* - que Freud substancializa e reduz às pulsões de Eros, ou com recursos às metodologias, em explicações do modo de funcionamento do seu aparato psíquico, na verdade, segundo Fulgêncio (2017) uma “ficção heurística”, para ir além daquilo que os dados observáveis da psicologia em seu sentido fenomenológico descritivo fornecem.

Consequentemente, é a partir de uma renovada problemática do amor, agora posta pela teoria dos três amores de Naranjo (2015), rompendo a escravidão da teoria da libido, como potência que baliza toda dinâmica psíquica, que essa investigação compreende a produção da subjetividade na construção de uma psicologia fenomenológica e de suas interações familiares e sociais. Nesse sentido, dialoga com as contribuições das concepções de Self, desde a teoria estrutural da mente, particularmente a visão que privilegia o humano no seu agir ético, considerando o que chamamos de “obscurecimento espiritual” ou “obscurecimento ôntico” como a perda do ser, que orienta toda a Gestalt oriunda de Fritz Perls e Cláudio Naranjo e que tem no pensamento diferencial do filósofo alemão Friedlaender (2007) uma de suas âncoras conceituais, a “indiferença criativa”.

Desse modo, em conformidade com a compreensão de que toda psicopatologia acarreta um vácuo existencial, mas como consequência sustenta também um corolário de cura, num processo dinâmico em que nossos males são quase sempre interpessoais, afirma Cláudio Naranjo (2015, p.47) que: “a neurose não consiste em um conflito nuclear dentro da pessoa – como entre um impulso e uma defesa inconsciente particular – e sim uma distorção de toda a personalidade”. Significa dizer que a personalidade age contra si mesma e que já não há mais uma distinção entre neurose do sintoma e distúrbios da personalidade, pois toda neurose é em si mesma caracterológica. Sugere, então, que tomar como referência as reverberações das psicopatologias da personalidade na sociedade é apreender, também, sobre a inércia letal das instituições sociais que criamos.

Certamente os indivíduos se verbalizam a si mesmos em condições sociais que se alternam, isso implicaria que a psique se configura junto ao mundo circundante dos sistemas sociais, nos quais os indivíduos são mais facilmente observáveis ou, mais observáveis diretamente. Ao que parece, os indivíduos podem ser, também, observados ontologicamente em seus sistemas sociais, na forma em que refletem padrões de comportamento e conduta, em contextos nos quais se manifestam.

Sendo assim, se pode dizer que a atribuição implícita ao conceito que, para Perls é um dos fundamentos de toda a sua clínica, a *autorregulação organísmica*, assim como a *awareness*, também a qualidade, predominantemente, dionisíaca do *ethos gestáltico* que, segundo Naranjo (2017 p.33), “está posta à autoridade científica e, incorporada à Gestalt terapia com uma confiança na espontaneidade que, assim como no “hedonismo humanista”, não é uma questão diferente, contudo uma tradução biológica do existencial de ser si mesmo.” Portanto, na sua lealdade à autorregulação organísmica, Perls não só foi um herdeiro de Freud, quem primeiro apontou as vicissitudes da repressão, todavia um continuador do seu próprio analista, Wilhelm Reich de quem afirmava ser a primeira pessoa a ter mais fé no instinto do que na civilização.

O que quer que seja , é do *logos* hermenêutico que se realiza a descrição do *ethos*, inaugurando essa complexidade sistêmica na via triunitária, via de acesso para uma psicologia clínica fenomenológica, tendo como objeto de estudo as manifestações das modalidades existenciais subjetivas e transitórias, um fluxo contínuo do pensar, sentir e agir, congruentes ao reino instintivo ao âmbito afetivo e à cognição, que constituem as três divisões fundamentais da psicologia fenomenológica, indicando que a estrutura do psiquismo do ser humano é tríplice. Na verdade, a própria estrutura de um ser humano é tríplice, antes de diferenciá-lo do tubo neural no embrião, já que muito antes esse embrião já estava constituído por três camadas: o endoderma, o ectoderma e o mesoderma.

Na modernidade, a clínica psiquiátrica, sob a influência de Kraepelin (1907), que ao final do século XIX passa a admitir a heterogeneidade de doenças mentais, ao mesmo tempo em que as distingue em grupos e as classifica em categorias, que serão retomadas em 1980 com o DSM-III, numa espécie de higienização do discurso, na qual a terminologia sofre grandes alterações, em que parece não serem as pessoas o foco das investigações, nem mesmo a dinâmica dos processos relacionais, contudo as enfermidades psíquicas que se sedimentam em categorizações de investigação científica. Mas ainda, pelo fato de pretender,

através de diagnósticos descritivos uma autoridade epistêmica evidente, e que não tem uma definição clara de saúde mental ou mesmo bem-estar emocional.

Desde Kretschmer (1967), posteriormente, com Sheldon (1972) que fez uma correlação entre corpo e temperamento compreendendo três tipos constitucionais: os *cerebrotônicos*, que corresponde a uma constituição física ectomórfica, os *viscerotônicos*, aos endomórficos e os *somatotônicos*, mesomórficos, que a constituição do caráter e as variedades do temperamento tomaram um impulso na compreensão da personalidade. Cláudio Naranjo, no desenvolvimento da sua *teoria dos egotipos*, em correspondência com a neurociência, afina uma disposição da natureza humana à própria evolução, com os chamados três cérebros: o reptiliano, que é a inteligência arcaica dos seres vivos, responsável pelas atividades conativas humanas, o sistema límbico que origina a empatia e o amor materno dos mamíferos e o cérebro propriamente humano, o neocórtex.

Essas concepções científicas, compreendidas, como os três princípios que se manifestam em nossa estrutura física, em que a anatomia do nosso cérebro se corresponde com o pensamento, sentimento e ação, que podemos reconhecer nas ordinárias expressões quando alguém diz que a pessoa fala “desde a cabeça”, do “fundo do coração”, ou “desde a barriga”. Agora, associadas à teoria dos três amores de Cláudio Naranjo, como estruturantes de um “psiquismo vivencial”, isto é, uma experiência fenomenológica relacional humana, já que revela não apenas as instâncias operativas de uma unidade referencial metapsicológico, mas uma dinâmica existencial integrativa e sistêmica, desvelada por “três pessoas interiores”, constitutivas dessa complexa trindade existencial, reestruturando o próprio ciclo vital, diferentemente da concepção heurística neokantiana do aparelho psíquico freudiano.²⁵

Sendo assim, é por meio do aprofundamento da *proto-análise* que as manifestações psíquicas, reveladas no eneagrama da personalidade, que podemos compreender as psicopatologias cristalizadas pelo DSM e outros compêndios classificatórios, não como formas de vida enfermas cristalizadas, ou enfermidades mentais irreconciliáveis, entretanto como características que se revelam em traços ou fatores de uma iteratividade relacional, em que as intervenções clínicas em conformidade com o pensamento sistêmico enquanto uma *via poética*, abre possibilidades relacionais para uma forma de cuidado, uma psicologia que não segrega as pessoas, pelo contrário, as incluem sob uma ética do cuidar.

Do ponto de vista filosófico, a hominização do homem está ancorada na ontologia fundamental de Heidegger, em que se marca o território distinto de uma forma peculiar de ser

²⁵ Cf. FULGÊNCIO, 2008

dada na linguagem, verdade e historicidade, como elementos paradigmáticos revelados na *hermenêutica da facticidade* como possibilidade para toda e qualquer psicologia fenomenológica.

A hermenêutica da facticidade cumpriria seu destino como via de acesso a uma *verdade originária*, verdade radicada num dos resultados da analítica existencial: o da estrutura fundamental do compreender (*Verstehen*), constituído pela própria estrutura da cura (*Sorge*): *preocupar, ocupar e cuidar*. E a dimensão da historicidade concorreria para configurar outra concepção de verdade (*manifestação*), radicada agora no cuidado, abrindo espaço para a construção de uma Ética do cuidar, que é o fundamento mesmo de uma clínica psicoterápica baseada no amor, ou nos três amores: *eros, ágape e philia*, que realizar-se-á pela via poética da Gestalt Viva.

Visando atingir os objetivos propostos, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica com base fenomenológica, em torno da Psicologia dos Eneatipos e da Gestalt Viva de Cláudio Naranjo, como na intrínseca relação à *teoria estrutural da mente*, mais especificamente pelo viés das psicologias do Self, de forma a evidenciar a constituição de uma clínica hermenêutica fenomenológica, que não reflete apenas teorias e técnicas, e sim a experiência pessoal compartilhada, que na perspectiva de uma gestalt viva, reflete a dimensão intuitiva dos processos e possibilita intervenções clínicas baseadas nessa perspectiva e na minha prática com a teoria. Para tanto foram desenvolvidos quatro capítulos divididos em três partes.

O capítulo um da primeira parte, compreende a natureza *autopoiética* da mente, uma linguagem poética (*poiésis*), em que estão imbricadas de tal forma nos processos constitutivos do *paradigma triunitário*, no desenvolvimento do psiquismo, as matrizes biológicas e clínicas da constituição do próprio cérebro, nas quais a “biologia do conhecer” de Maturana e as diretrizes da neurociência que confirmam o *cérebro trino* de Paul MacLean, refletem na constituição embrionário (o endoderma, o ectoderma e o mesoderma), revelada desde as pesquisas de Sheldon, em sua psicologia das diferenças constitucionais, sobre a variedade dos temperamentos humanos, os elementos determinantes dessa evolução. Ao mesmo tempo em que problematizamos a própria teoria estrutural da mente desde seus fundamentos originários e originais em Freud (1923).

No segundo capítulo, desde a teoria estrutural da mente, que sofre grandes mudanças em torno das dinâmicas intrapsíquica, em que os modelos de estruturação da personalidade se constituíram, baseados na teoria da pulsão e das relações objetais, apontamos o modelo interpessoal. Embora a teoria interpessoal contenha em si as sementes de uma teorização intrapsíquica, diferente da teoria freudiana, em que compreendemos a natureza

autopoiética da mente, dada por uma arquitetura do psiquismo na qual um *ethos* originário se revela como constituinte primordial dessa estrutura, pela diferenciação eu, self e personalidade, estruturas que dialogam com o próprio instrumento investigativo, o *eneagrama da personalidade*.

A segunda parte é a explicitação do paradigma triunitário, que fundamenta a proto-análise, na qual constelações interiores, isto é, dinâmicas intrapsíquicas e interpessoais revelam funções do self em sintonia com nossa capacidade de amar, em que uma etiologia das neuroses será desenvolvida, exatamente, como um impedimento dessa capacidade amorosa que, em seus três aspectos, ou seja, o amor filial erótico, o amor materno compassivo e o amor ao pai admirativo, estão corrompidos por uma paixão, e por isso mesmo promovendo um falso amor que alimenta uma estrutura deficitária.

O capítulo três descreve o desenvolvimento da proto-análise, enquanto uma cartografia da mente, em que estruturas triádicas se constituem como os elementos dessa mudança de matrizes das funções do Self. Como elementos axiomáticos dessa teoria, em que falhas do ambiente revelam um desvio da nossa capacidade de empatia e colaboração, que se constituiu em estratégias infantis de relacionamento e, se mantém como modos de existência em padrões de relacionamento neuróticos.

A terceira parte, em seu capítulo único, compreende a própria clínica na sua dimensão fenomenológica e hermenêutica, como um processo *iluminativo (lichten)*²⁶, que implica na abertura de uma clareira, que torna visível o espaço invisível de suas manifestações, aquilo sobre o qual o homem funda seu habitar para a compreensão dos modos de ser. Assim, uma via clínica hermenêutica *iluminativa*, através da Gestalt Viva, ressignifica a compreensão das relações humanas fixada em patologias através das *competências existenciais*, que resgatam a gênese do amor, pela dinâmica dos três amores, *eros, ágape e philia*, um *processo dialógico* em que o Eu entendido nas dimensões do Self é sempre atualidade e, os princípios apolíneo e dionisíaco, que sustentam uma ética do cuidado como fundamento dessa clínica é, relação e participação nos processos, ainda que uma separação seja constitutiva de toda singularidade.

No apêndice, disponibilizam-se algumas vinhetas, buscando compreender o problema crucial das relações transferenciais que, à luz do eneagrama da personalidade, confirma a *práxis* iluminativa no seu aspecto desconstrutivista das identidades (*ego-paixões*), em que Gestalt terapeutas experimentados, colaboradores do Dr. Naranjo no desenvolvimento da

²⁶ Cf. HEIDEGGER, 1977, p. 39.

psicologia dos *ego-tipos*, aplicam sobre si mesmo uma autoavaliação que responde às três questões orientadoras do seu desenvolvimento.

Assim, no espírito de uma análise da transferência, como também da própria formação desses terapeutas, que se mostra não no sentido de projetar sobre o presente percepções ou respostas ao passado, mas em viver desde o viés de nossas percepções e condutas, que refletem nossa personalidade no tempo presente, aqui-e-agora.

Nessa pesquisa, realizada em seminários promovidos pela *Fundación Claudio Naranjo*, em vários países, com mais de 700 terapeutas, se publicou²⁷ o resultado de 27 *egotipos*, personalidades que são constituídas através dos 9 *egopaixões* que lhes correspondem sob a influência dos 3 instintos: o sexual, o social e o de conservação, que estão representados pela tríade original da constituição do psiquismo, ou seja, inconsciência, aversão e avidez, em seus devidos pontos nucleares do eneagrama.

Assim, se pergunta como a personalidade (*ego*) entendido de acordo com a dinâmica relacional do eneagrama, a psicologia dos eneatis, interfere no andamento da terapia, e como um terapeuta se vê limitado em sua atividade profissional por essa interferência, finalmente, que facilidade encontra em sua atividade profissional um terapeuta a partir de seu próprio ego. Como se diz nas hostes dessa tradição, para a “vocação de curar almas”, que não se apoia em teorias e técnicas, entretanto em sua experiência pessoal do caminho interior percorrido, e em sua criatividade.

Vale salientar que ainda disponibilizamos, uma publicação de Naranjo²⁸ sobre os elementos básicos do eneagrama e das perturbações do amor para sua plena compreensão. Advertindo que o trabalho aqui concebido é um recorte que visa compreender a estrutura básica do modelo de mente desenvolvido por Naranjo, que implica numa mudança paradigmática para a clínica psicoterápica, uma Gestalt Viva à luz do Eneagrama da Personalidade.

Finalmente, no epílogo, a transcrição do poema, *o paradigma triunitário* de Claudio Naranjo.

²⁷ NARANJO, 2015.

²⁸ Disponível em: https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/personality/paixoes_patologias_e_motivacoes_neuroticas_portuguese.pdf. Acesso em: 28 mai. 2022.

Primeira Parte: A natureza autopoietica da mente: matrizes clínicas e biológicas

Do ponto de vista epistemológico, a etiologia das neuroses que nos acompanha, terá suas matrizes postuladas desde a biologia do conhecimento, proposta por Maturana e Varela (1950), na qual uma concepção da organização dos sistemas vivos, *autopoietica*, é matizada no resgate das emoções de uma *deriva cultural*²⁹. Sendo assim, a evolução natural do ser humano, seria uma ocorrência centrada na emoção que determina esta deriva. Nesse sentido, é uma disposição amorosa que permite as recorrências de encontros na aceitação do outro em sua autenticidade e legitimidade, e que tem origem na convivência social, porquanto surgimos como seres humanos na constituição da linguagem.

Destaca-se aqui a formatação do cérebro humano desde as pesquisas de MacLean (1990), que compreende a história evolutiva desde os répteis aos mamíferos. Segundo este autor, em sua evolução, o cérebro anterior de mamíferos avançados expandiu-se como uma *estrutura trina*³⁰ que reflete anatômica e quimicamente os aspectos comuns ancestrais com répteis, mamíferos primitivos e mamíferos tardios. E, que o desenvolvimento da tríade comportamental, isto é, os três aspectos principais para a transição evolutiva de répteis para mamíferos, foram os cuidados maternos, a comunicação audiovisual para manter contato com os filhos e o jogar.

Assim, o processo em que os seres vivos produzem a si mesmos, *autopoiesis*, já não comportaria apenas o domínio da sua matriz biológica, mas uma iteração relacional entre vários campos constitutivos da evolução do desenvolvimento emocional humano

CAPÍTULO 1- ARQUITETURA DA MENTE: UMA EPIGÊNESE DO PSIQUISMO

Durante a ontogenia de um organismo e seu sistema nervoso, o organismo está produzindo continuamente mudanças estruturais de primeira e segunda ordem, disparadas por suas respectivas interações em seus respectivos meios. (MATURANA, H. 1995, p. 46)

A história evolutiva da constituição do cérebro humano, desde suas matrizes biológicas até suas representações mentais, que a neurobiologia confia à tripartição da epigênese embrionária, o endoderma, o mesoderma e o ectoderma em que Sheldon (1972, p. 15) busca estabelecer uma taxonomia básica que possa projetar tanto as estruturas somáticas,

²⁹ Aquilo que na organização dos sistemas vivos, desde qualquer mudança estrutural, interfere com sua *autopoiesis*.

³⁰ Grifo nosso

quanto as funções psíquicas dos seres humanos em suas próprias palavras, “um sistema capaz de comparar, classificar e medir a individualidade, suficientemente sensível para ser compreensível e, amplo o suficiente para explicar a maior parte da variedade de diferenças humanas.”

Portanto, capaz de revelar numa funcionalidade tridimensional em suas dimensões espaciais e temporais, tomadas aqui como a experiência primária constitutiva do psiquismo, originária do próprio embrião, configurariam a dinâmica psicossomática das funções do Self. Nesse sentido, Sheldon (1972, p. 15), tem como referência a palavra freudiana que fala de “fatores psicogênicos que afetam o organismo como, às vezes de fatores somatogênicos que afetam a mente, como necessidade de substituir o sistema rudimentar da dicotomia mente e corpo por uma concepção de um continuum.” Nessa concepção, “qualquer tentativa de compreender qualquer sistema de *análise de fragmentos da conduta*³¹ deve em última instância ocupar-se de toda a personalidade, tanto do ponto de vista dos processos mentais quanto dos processos físicos.”

Por outro lado, a partir das pesquisas de Paul MacLean (1990), neurocientista estadunidense, a ideia de um cérebro tripartite, o cérebro triuno e o sistema límbico que são as bases evolutivas dos sistemas cerebrais mediadores das emoções, se estabelece com a evolução biológica desde o embrião até sua fase final conhecida, o neocórtex, como modelo piramidal da consciência.

Tal modelo consiste em três formações em que, cada um desses aspectos tem sua própria inteligência, seu próprio senso de tempo e espaço e sua própria memória, entre outras funções. Esses três cérebros, ou “inteligências” são, na ordem de evolução; o cérebro reptiliano, o cérebro límbico e o neocórtex, que estão interligados a nível neural e bioquímico, sendo que cada um controla diferentes funções do nosso corpo; ainda que não possam ser pensados cronologicamente sua funcionalidade exige coparticipações na ordem de sua estruturação ao longo das eras.

Visto que, o aspecto reptiliano regula as funções fisiológicas involuntárias do nosso corpo, é responsável pela parte mais primitiva, os atos reflexos, como a resposta automática e involuntária que faz um ser vivo, na presença de um estímulo específico. Não pensa nem sente emoções, só age quando nosso corpo pede, tem como função específica o controle hormonal, a temperatura, fome, sede, motivação reprodutiva, respiração, entre outros.

³¹ Grifo nosso.

O sistema límbico é depositário de nossas emoções e memórias, como sabemos, localizadas na amígdala, considerada a base da memória afetiva. Entre suas funções e motivações estão o medo, a raiva, a empatia, as relações sociais, as habilidades cognitivas: memorização, concentração, autorreflexão, resolução de problemas, capacidade de escolher. Vale ressaltar que grande parte da responsabilidade de alcançar esse estado de saúde integral recai sobre uma estrutura do sistema límbico, a amígdala que podemos dizer, condiciona nossos sistemas de autocontrole executivo e emocional, o cérebro propriamente humano, o neocórtex, ao mesmo tempo em que condiciona nossa saúde física, instintiva, reptiliana. Enfim, que representam o cérebro emocional inconsciente em contraposição ao neocórtex ou, cérebro racional consciente.

Dessa forma, a constituição biológica embrionária dos organismos na evolução dos processos mentais que revelam tanto as matrizes biológicas como as matrizes psicológicas dessa evolução, que a própria etimologia da palavra psicogênese atesta (do grego; *psyche*, alma e *genesis*, origem), como fenômeno constitutivo do psiquismo e de suas funções, estão relacionados, originariamente, desde a relação primordial mãe-bebê, que tem seu pioneirismo em Ferenczi (1924) no modelo de mente de caráter biologizante que segundo os críticos representa uma "virada"³² no pensamento freudiano.

Sua estrutura é, agora, apropriada por um agenciamento estrutural em que o Self surge como detentor de funções que são as representações do aparelho psíquico freudiano. O Self é um ente autônomo. Desde a centenária teoria estrutural da mente que teve em Freud (1923) sua estreia grandiosa, e ao longo de sua história vai se "transformando" até o aparecimento da psicologia do self em Kohut (1971), vai de certa forma se complexificando até sua encruzilhada final nas chamadas *análises relacionais*³³.

Para Naranjo a constituição do psiquismo está, de acordo com as exigências do bebê, na sua interação com o ambiente, de certa forma, tal como predica Winnicott (1990, p.29), ou seja, pela capacidade empática de acolhimento das necessidades do infante, fato que nunca pode ser realizado em sua plenitude, seja pela inevitabilidade da *falha básica*³⁴ do ambiente, ou no trauma inicial do nascimento, um desamparo existencial, como defendeu Rank (2016), ou por ocorrências traumáticas ao longo da vida, que de acordo com sua magnitude e temporalidade determinará o grau de conflito na constituição e continuidade do Self

³² Cf. KUPERMANN, 2019.

³³ Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00797308.1950.11822886>. Acesso: 11 abr. 2022.

³⁴ Cf. BALINT, 1968

verdadeiro, que não significa, “o verdadeiro self”, mas o que é verdade em si mesmo na experiência de tornar-se o que se é.

1.1 A organização psíquica originária: anseio, aversão e inconsciência

O modelo estrutural que tomamos aqui tem suas raízes nas três posições relacionais constitutivas do psiquismo, que remontam ao pensamento budista: ignorância, apego, aversão. Freud também reconhece a mente na sua dimensão trinitária. São fenômenos específicos que marcam a dinâmica do comportamento emocional do ser humano, e revelam uma superestrutura baseada nas vivências familiares e relações parentais que orientam o comportamento enquanto doam sentido a cada modo de ser.

Vale enfatizar que do ponto de vista dos vínculos afetivos, refletem padrões em contextos específicos, nos quais distúrbios formativos - psiconeuróticos, sociopáticos ou psicóticos - que manifestam uma deterioração da capacidade de manter vínculos afetivos, como compreendeu Bowlby (2015, p. 165-187), em geral é primária e deriva de falhas no desenvolvimento de um ambiente potencialmente desfavorável. Cláudio cita uma tríade originária que integra três princípios básicos da vida humana, em conformidade com a psicologia budista como referido acima, a inconsciência a avidez e a aversão, relacionando-as com três formas de amor de sua teoria estrutural: *eros, ágape e philia*.

Há, portanto, um *ethos originário* que gera sentido, pois desenvolve-se como um sistema integrado, no qual, o *si mesmo* reflete uma relação integradora dessa disposição amorosa triádica, que amplia e complementa a teoria do desenvolvimento emocional freudiana, já modificado pelas posições de Klein (2006) - *esquizoparanóide e depressiva* – e asseguram as passagens fundamentais do ciclo das emoções na constituição do psiquismo saudável, que compreendemos nessas três posições da estrutura triádica original do budismo, como pontos de inflexão de um sistema que, para a psicologia dos eneatis é a referência estrutural do psiquismo adoecido, pois se estabelece sobre uma deficiência ôntica-ontológica, “o obscurecimento do ser”, baseado em uma paixão que se constitui sobre uma crença cognitiva, a fixação, e um falso amor que a sustenta.

1.2 Eu, Self e Personalidade

Somos processo que ocorrem, e nos equivocamos ao nos identificarmos com eles, pois não existe uma identidade permanente. (NARANJO, 2015, p.246).

Freud (1920-1923) ao estabelecer uma mudança na dinâmica dos processos psíquicos, que daria maior amplitude e consistência à problemática do inconsciente, determina na história do pensamento psicanalítico o que ficou conhecido como a virada na teoria estrutural da mente. Desde então, essas propostas teóricas embalam a pesquisa e a análise, ainda que se tenham produzido alterações relevantes, até ao ponto em que profetizam sua própria extinção, outras, no entanto, se dedicaram a aprofundar uma compreensão que Laplanche e Pontalis (2012, p. 126) apontam na “diferença conceitual entre ego, enquanto instância, subestrutura da personalidade, e o ego enquanto objeto de amor para o próprio indivíduo”, ou seja, ego como instância psíquica e ego como pessoa, e que Hartman propôs dissipar a partir da noção de narcisismo:

Quando se utiliza o termo narcisismo, parece muitas vezes que se confunde dois pares de opostos: o primeiro diz respeito ao si mesmo (*soi*) [self], a própria pessoa em oposição ao objeto, e o segundo diz respeito ao ego [como sistema psíquico] em oposição as outras subestruturas da personalidade. No entanto, o que se opõe a investimento de objeto não é investimento do ego [*ego-cathexis*], mas investimento da própria pessoa, isto é, investimento de si mesmo (*soi*) [*self-cathexis*]; quando falamos de investimento de si mesmo (*soi*), isso não implica que o investimento esteja situado no ego, no id, ou superego [...] seria possível esclarecer as coisas definindo o narcisismo como investimento libidinal não do ego, mas do si mesmo(*soi*)” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2012, p.126).

Com a tradução canônica realizada por James Strachey para *das Ich(ego)* - Freud (1923) - instalou-se uma imprecisão no uso dos elementos constitutivos do próprio aparato psíquico freudiano que, faz surgir a ideia de self, para remediar essa imprecisão etimológica como, por exemplo, na teorização de Klein (1996), na qual self surge quando se refere às tensões criadas por fantasias de conflitos internos nas relações com “nós mesmos” (*ourselves*) e, que, paulatinamente, vai se integrando ao seu discurso sobre o amor e ódio nas relações materno infantil, assim, afirma Klein (1996, p.382), “o processo pelo qual a mãe é investida libidinalmente está ligado ao mecanismo de projetar, para dentro dela, sentimentos bons e partes boas do self.”

Diante disso, temos em mente a opção que nos parece mais congruente, seguindo a tradução de Paulo César Lima de Sousa³⁵, e que foi realizada pelas línguas latinas que acompanham *ispisis litteris* o termo original *das Ich*, distinguindo o pronome pessoal eu, ainda que *ego* tenha se tornado um termo incontornável na comunidade internacional. Seja como for, diferentemente de Freud (1923), pelo qual uma organização estrutural constituiu-se como os elementos *ego, id e superego* e, posteriormente, pela revisão da teoria da angústia, Freud (1926), em que o *ego* é colocado no centro do funcionamento psíquico e das realidades do comportamento, mas que é em grande parte inconsciente de si mesmo.

Na teorização de Naranjo (2008), o *ego* é um obscurecimento ôntico em que identificações narcísicas são produzidas como núcleo central de uma paixão, isto é, um *ego-paixão* que de certa forma, se assemelham ao termo freudiano *Idealich* que traduziria a ideia de um *ego ideal* que, na linguagem da Gestalt se compreende como uma figura que surge de um *fundo*. Pareceria óbvia e quase inevitável, então, a analogia com o inconsciente e as pulsões endógenas freudianas, ainda que não seja provável essa interrelação sistêmica, pois se trata de experiências no âmbito de duas dimensões, uma profundamente teórica, ainda que suas premissas sejam da ordem experiencial na clínica, que se constituem como conceitos ao longo de décadas, a outra, vivida fenomenologicamente entre duas pessoas, originariamente correlativa a unidade psíquica que compreende a originalidade do psiquismo humano na relação primária mãe-bebê e, que constrói um psiquismo arcaico sobre o qual há grandes interpretações e teorias.

Desde o ponto de vista do pensamento holístico e sistêmico, que as integrariam, a proto-análise compreende que o amor a si mesmo e o narcisismo guardam uma distância própria à natureza do psiquismo. Na teorização dos “*três amores*” de Naranjo (2007), que está a serviço da constituição do seu modelo de mente, a partir do *eneagrama da personalidade*, os *egotipos* se constituem em padrões de relacionamentos em contextos, em uma dinâmica conflitiva com as figuras parentais, introjetadas. Tais figuras serão interpretadas não como elementos de uma estrutura metapsicologia, mas como representações vividas de relações interpessoais, e que exercem as “funções intrapsíquicas” de um agenciamento que será compreendido como Self, que desde a embrionária *psicanálise relacional*³⁶, surge como manifestação nuclear constitutiva da personalidade total.

³⁵ FREUD (1923-1925). Obras Completas, v. 16.

³⁶ Cf. Stern, Donnell B. *Prepared for the Porto Alegre Psychoanalytic Society*. August 2020.

Na teoria dos três amores, sobre o amor a si mesmo e o narcisismo, há uma grande distância, pode-se dizer que, quem toma a si mesmo como sua própria inspiração, se vê como alguém a quem o mundo admira, um sedutor que corrompe o amor admirativo, *philia*, próprio ao relacionamento que, nessa estrutura cumpre uma função intrapsíquica na figura internalizada de uma das “três pessoas interiores”: o pai.

É fundamental ressaltar que, o desejo narcisista é uma espécie de violação da dinâmica natural dos processos de ajustamento nas relações parentais, *híbris* na antiga linguagem dos profetas, e que se mostra em vínculos afetivos em vários estilos de manipulação, mas é hedonista por natureza, isto é, pode tomar o aspecto da liberdade dionisíaca para si, pois não sabe que essa liberdade só floresce pela interferência do princípio apolíneo, que inspira sobriedade, uma reparação virtuosas ao seu lema existencial hedonista. Estabelecendo, portanto, uma via de escape, *autopoiética*, que na clínica torna-se evidente como possibilidade intrínseca da dialética das polaridades, o apolíneo e o dionisíaco, num gesto reparador de um “falso self”.

No eneagrama da personalidade, sob a ordenação dos três instintos (social, sexual e de conservação), por exemplo, é encargo do *ego-paixão*, a *gula social*, alguém que se vê como aquele que merece ser salvo e tornar-se um puro de coração. Sua personagem, pode ser vista em figuras reveladas da cultura, que de um ponto de vista do “ser realizado”, ou seja, que transcende a paixão pelo cultivo da virtude apolínea, a sobriedade. São Francisco é o protótipo personagem histórico dessa disposição existencial, que no desvio da virtude que se supõe própria ao santo, se transforma num *ego-paixão*, um mecanismo neurótico que leva o indivíduo à perseguição de um ideal. Em sua condição existencial aproxima-o de um caráter extremamente indulgente, em que sua máxima é o prazer a todo custo, como forma de evitar a dura realidade do viver e o inevitável sofrimento, vê-se como alguém especial merecedor da santificação.

Logo, a gula como paixão dominante da personalidade, configuraria um *egotipo* que carrega em si, como toda paixão uma incapacidade de ver a si mesma, alguém que parece ter estacionado num *tempo perdido*, que pode ser encontrada em alguns mitos, como Peter Pan, equiparável a um complexo neurótico no sentido freudiano, que na terminologia moderna é um “oral receptivo”. Talvez seja o mais narcisista dos *egotipos* juntamente com os *vaidosos*, estudados por Naranjo (2008), que fundamenta a psicologia dos eneatisipos, ou *egotipos*, como dito anteriormente, que se constituem através de uma paixão, ou um “pecado” que nos desvia a visão. Cláudio fala de um obscurecimento ôntico que se manifesta como identidade em identificações, o *ego* ou a personalidade que na etiologia das neuroses, diz Naranjo (2007,

p.9) é o núcleo central de todas as enfermidades mentais, posto que, carrega em si “uma problemática amorosa que se originou por problemas emocionais e frustrações amorosas, e se perpetua através da interferência de nossa exagerada necessidade de amor - consciente ou não.”

Seja como for, podemos dizer que a unidade triádica do Self, na configuração do psiquismo é, na verdade, na sua origem e constituição, uma evolução do dualismo pulsional freudiano, já que se apropria dos seus axiomas estruturais e os relaciona com a experiência fáctica da vida, os fenômenos em suas manifestações, ou seja, as experiências vividas. Portanto, uma conjunção transmatricial, compreendida nas relações intrapsíquicas, metapsicologias, e pela vivência fenomenológica, entre pessoas.

CAPÍTULO 2 - A PROTO-ANÁLISE

A caracterologia clínica de hoje destaca a conduta sobre o aspecto dinâmico ou motivacional. Estou convencido de que a caracterologia motivacional que reflete o eneagrama das paixões constitui, como mapa dinâmico, um complemento decisivo para quem busca informação com o objetivo de ampliar sua consciência. O valor terapêutico do *insight* acerca do que seja o coração emocional da neurose só pode ser comparado ao poder terapêutico do *insight* acerca desse coração cognitivo da neurose, que a “proto-análise” apresentada por Ichazo declara o mais fundamental e resistente à mudança. (NARANJO, 2009, p.245)³⁷.

A análise que cada pessoa aplica a si mesma, seja do ponto de vista da consciência moral, seja da inconsciência dos atos recalcados no psiquismo, são experiências localizadas no corpo, que de alguma maneira registra as emoções, as sensações e os sentimentos. Entendidas de acordo com a perspectiva da biologia evolucionária de Damásio (2011, §5) confluem com as ideias de Naranjo em que “mapas e padrões desvelam imagens orientadoras dos processos de relacionamento vivenciadas em nossa mente, não apenas como imagens visuais, mas auditivas, as viscerais, as táteis. Ou seja, as paixões são um complexo sistema de emoções, sentimentos e sensações que processam padrões em contextos.

Segundo Jasper (1979, p.24) “o fenômeno constitutivo originário do mundo da vida é viver no seu mundo próprio ... a vida somática é vida determinada em espaços reconhecidos pelos indivíduos como seu ambiente natural, a ‘alma humana’, por assim dizer, vive no corpo que lhe corresponde”. Nesse sentido, a análise clínica está imersa em traços reconhecíveis que, na economia dos processos, referem-se ao Self como personalidade total.

Podemos, então, interpelar qual o papel das teorias da personalidade tomados em relação a um tipo particular de indivíduo, um *egotipo* na linguagem do eneagrama. E, que compreensão é atingida na produção do conhecimento, que pretende produzir conceitos que possibilitaria a comunicação verdadeira (*légein*) suscetível de transformar em princípios que se possam aplicar universalmente. Padrões de respostas de um indivíduo, têm função integrativa ou organizadora, é uma força ativa na relação comunicativa do indivíduo, congruente com valores do ambiente em que vive, e podem ser vistos como a essência do comportamento dentro de uma determinada estrutura

Por outro lado, a estrutura brentiana inaugura a intencionalidade da consciência, isto é, que toda consciência tem seu objeto, toda consciência é consciência de algo, já que não se

³⁷Disponível em:

https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/personality/paixoes_patologias_e_motivacoes_neuroticas_portuguese.pdf. Acesso em: 28 mai. 2022.

procura algo se não sabemos o que procurar, no campo da intencionalidade da consciência o objeto de certa forma já preexiste; que o campo dessa experiência é da ordem das fantasias, da ilusão e desilusão não deixa de ser um juízo. Em todo caso, é uma frustração do pensar, sentir ou querer, um impedimento que altera as “ordens do amor”, que Naranjo (2007) introduz na economia do psiquismo, transformando a teoria sexual freudiano, que não podemos confundir, por certo o amor compaixão não é o mesmo que o amor da libido.

Winnicott (2019), por exemplo, quando se refere às experiências iniciais do bebê, fala de um *ambiente suficientemente bom* para que seja possível uma vida sana, e se a felicidade é intrínseca ao humano, assim como o acolhimento amoroso dos mamíferos, o princípio originária da maternagem, implica em um ato bondoso, o amor compassivo, ágape, que acolhe e cuida, não faz sentido uma origem do mal numa dimensão biológica, o infante não tem ainda sentimento de posse, já que, como afirma o próprio autor não existe “sua majestade o bebê”, o bebê não existe por um breve período, mesmo depois da primeira mamada teórica.

Logo, o mundo interno e ao mundo externo, necessitam é de ajuste, não de uma fronteira, só necessita de defesas o que está em conflito, ou ameaçado, obviamente se teço uma semântica dentro desse paradigma, os elementos dessa linguagem são postulados que sustentam o conflito, esse é um axioma das instâncias da doutrina freudiana, o conflito é a condição *sine qua non* as instâncias não poderiam existir, mais ainda, não há nenhuma zona livre de conflito no psiquismo freudiano, o superego é fator dominante de uma mente severa e violenta, a *mente patriarcal*, que constituiu nossa sociedade patriarcal como fruto dessa violência, não do amor que é inaugural da existência *autopoiética*, amorosa dos seres vivos.

Tendo em vista que, ao desenvolver o eneagrama da personalidade, o que está em questão para Naranjo é uma nova clínica constituída sob um novo modelo de mente - bio-psíquico-espiritual - que possibilitaria uma proto-análise em que padrões de comportamento podem ser reconhecidos na forma inicial das relações parentais, e se constituem como verdadeiras revelações de impedimentos de ordem amorosa, que na etiologia das neuroses de base psicanalítica poderíamos chamar de enfermidades mentais, já tão propagadas nos compêndios classificatórios psiquiátricos, como os DSM e o CID. De modo que, essa *práxis* que compreende padrões de relacionamentos em contextos são atos poéticos, criativos que evocam na experiência vivida a constituição dos processos de relacionamento em prol da convivência de um mundo compartilhado na sua máxima dimensão ética, estética e do cuidado do ser humano.

2.1 O Ethos originário

O começo é aquilo com que algo se inicia, o princípio é aquilo de onde isso vem... O começo é cedo deixado para trás, desaparecendo na continuação dos acontecimentos. O princípio, pelo contrário, evidencia-se primeiramente entre os acontecimentos e só no fim destes está plenamente presente. (HEIDEGGER, M. 1979, p.11).

De acordo Winnicott (2019), no princípio o psiquismo é compartilhado pela ação materna, de uma *mãe suficientemente boa*, é um amalgama, mãe-bebê que está em ação de proteção, para a necessidade do “aparecimento” do bebê, o eu primário desvelado no narcisismo, termo que o autor não tem muito apreço, ou pelo menos entende como pouco apropriado para marcar a identidade originária do bebê, que torna-se uma identificação, em seus termos um ‘objeto subjetivo’, que parece servir aos propósitos da sua doutrina do bom ambiente, e a crença de que a psique pode adoecer já no seu nascedouro se a ela se sobrepõe um ambiente inseguro que não lhe permite está entregue a sua tarefa natural de elaboração imaginativa, tendo que pelo contrário usar seus recursos para ficar a espreita dos perigos.

Para Naranjo (2008), os fenômenos específicos, originários marcam a dinâmica do comportamento emocional do ser humano, revelam uma estrutura triádica baseada nas vivências familiares e relações parentais que orientam o comportamento e doam sentido a cada modo de ser.

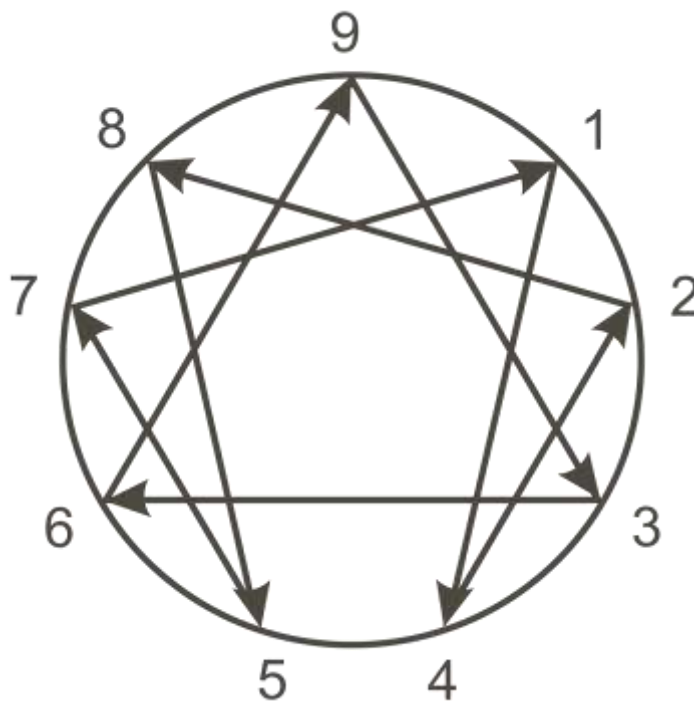
A tríade originária do psiquismo (inconsciência, aversão e avidez) que integra os três princípios básicos da convivência humana dispostas pelo eneagrama (preguiça, covardia e a vaidade), relacionam-se com três formas de amor: *eros*, *ágape* e *philia*, que constituem e estão a serviço de um *ethos originário* que gera sentido ao mesmo tempo a compreensão das condutas e comportamentos enquanto um desajuste amoroso, pois desenvolve-se como um sistema integrado, no qual o *si mesmo* reflete uma relação integradora dessa *disposição amorosa originária*, que amplia e complementa a teoria da libido freudiana, na sua constituição limitada a *eros*, agora alargada por essas duas dimensões do amor, *ágape* e *philia*, constituindo essa unidade triádica como via de ligação entre as paixões, ou melhor, entre as interrelações intrapsíquicas e interpessoais.

Encontrar o caráter, isto é, dar-se-conta (*awareness*) é poder abrir o caminho para a fonte originária dos nossos condicionamentos infantis, nossa forma de ser obsoleta. A natureza da própria *physis* distingue dois campos funcionais, o biológico e o psíquico. Assim a etiologia que revela as classificações tipológicas é construída nessa dupla relação. Todavia é possível separar o biológico do psíquico? Ora, as máscaras do reconhecimento nas

manifestações dos sistemas familiares, as triangulações, os introjeto carateriais, as lealdades visíveis e invisíveis, o outro, nesse sentido tem que ser de carne e osso. Todavia, como o homem entra no mundo é algo absolutamente distinto do animal. A questão é saber o que é esse algo? Assim, pensar um modelo de homem implica pensar antes de tudo esse algo originário da condições humano.

2.2 O eneagrama da personalidade: os padrões de relacionamento

O eneagrama da personalidade é uma aplicação que sugere um conhecimento dos tipos humanos, mas que se pode ilustrar nos grandes autores da literatura, do teatro e contemporaneamente do cinema, assim como em sistemas onde as pessoas não possam se reconhecer, como o DSM, pois prescindem do essencial dos que buscamos sobre si mesmos conhecimento em ambientes terapêuticas: a escuta que se dá nas relações mútuas entre as pessoas. Aí encontra-se tipos chamados, histriónicos, esquizoides, e tantos outros. Diferentemente, a aplicação do eneagrama aos processos de desenvolvimento emocional feita por Naranjo sugere uma necessidade neurótica básica, uma forma de ver o mundo em que cada pessoa de certa forma se sente muito bem em seu contexto, algo como uma “normose”³⁸, que implica um obscurecimento da realidade e que se manifestam sempre entre pessoas como padrões de relacionamento em contextos.



³⁸ Cf. WAIL, LELOUP, CREMA 2011

O Eneagrama

Segundo Bennett (1993) o eneagrama é um símbolo oriundo de uma tradição espiritual asiática, preservada na Asia Central, e nos chega através de um místico armênio que se autodenominava professor de dança, George Ivanovich Gurdjieff, que pela primeira vez traz publicamente a notícia de um cristianismo esotérico com raízes pré-cristãs babilônicas, definido como um “quarto caminho” para a evolução e desenvolvimento humano entre as formas de espiritualidades clássicas.

Todavia, é através do filósofo sufi boliviano, Oscar Ichazo, que o eneagrama se tornou uma verdadeira epifania na compreensão primigênia da personalidade, que marcaria a sistematização do que chamou de proto-análise, expressão usada para diferenciar sua pesquisa sobre o comportamento humano da psicanálise freudiana. Porquanto, o eneagrama é uma construção geométrica simbólica que foi aplicado à explicação de caracteres no âmbito da personalidade e que sugere por trás da sua multiplicidade, a compreensão de nove aspectos, *ego-paixões* baseados nos 7 pecados capitais do cristianismo, e no medo e vaidade, em que se configura no seu núcleo central três aspectos da constituição da *psique* de onde derivam os demais. Reconhecidos no medo (covardia), vaidade, e a acídia (preguiça) que dentre estes aspectos é fundamental que possamos concebê-la como uma inconsciência ativa.

Eneagrama das Paixões

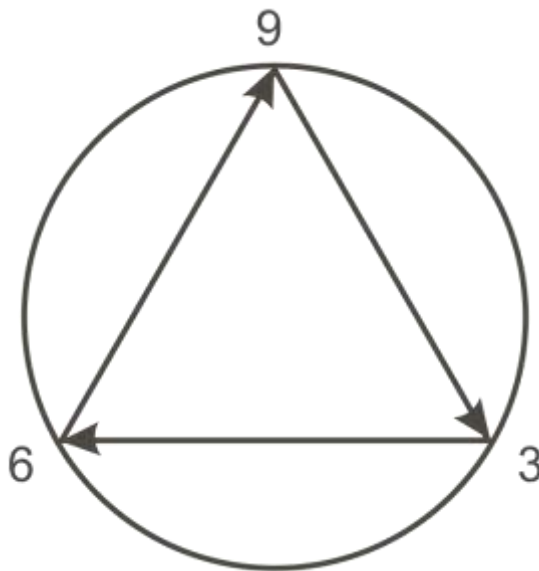


Para Naranjo (1985):

Se atribuirmos ao eneagrama uma “anatomia das neuroses” se pode dizer como de igual e destacada importância, também, “o medo dos freudianos e a “mentira” dos antigos rabinos; a inibição angustiante e a falsificação de si mesmo, inautenticidade ou vaidade. Esta é uma visão que parece coerente com a que, implicitamente, está presente na psicoterapia contemporânea, que recebeu as heranças freudianas e da psicologia humanista. NARANJO (1985, p. 67).

Segundo Freud (1925-1926) as neuroses têm essencialmente na angústia o seu eixo estruturante, de modo que se pode definir uma conduta como neurótica quando significa uma expressão de algo motivado pela angústia. Por outro, a corrente existencial da psicoterapia, apoia a sua visão das neuroses como perda da autenticidade.

Entretanto, dificilmente estes dois pontos de vista são separáveis, já que não se pode fugir da angústia, e o medo quase sempre vem acompanhado de uma traição a si mesmo, ou seja, uma perda de autenticidade. Esta relação recebe, portanto, reconhecimento na representação do medo (6) e da inautenticidade (3) como pontos simétricos que, no eneagrama estão unidos por uma linha na base do triângulo e, relacionam-se, como podemos perceber abaixo, como componentes de uma tríade. A preguiça (9) da consciência, como citado acima, uma inércia cognitiva.



A preguiça da consciência que se expressa como uma preguiça psicológica, isto é, um não querer saber o que se passa, não querer inteirar-se. Expressa-se na forma de uma distração crônica de si mesmo, acompanhada, por sua vez, de uma atenção exagerada ao mundo exterior. Essa posição acidiosa ante a vida reflete a perda da espontaneidade e culmina na

robotização. No plano da conduta, resulta na falta de interiorização, em uma excessiva inércia, fleuma ou passividade; no mais íntimo, junto ao esquecimento de si, uma perda da vitalidade.

Por outro lado, sabemos que a explicação fundamental da neurose na psicanálise é o medo infantil, que surge do fato da criança estar indefesa e dependente diante de um ambiente hostil. É o medo o que nos inibe, contrapondo-se à força de nossa instintividade natural. Freud (1925-1926), anuncia a ideia de que a angústia incita à inibição da qual procedem os sintomas que chamamos hoje de “sofrimento neurótico”.

Assim, o reconhecimento da ênfase no medo como problema fundamental do indivíduo como sugere Naranjo (1985) parece ter coincidido com uma época de grandes revoluções, especialmente os movimentos da contracultura dos anos de 1960-70, através do qual se confrontou o autoritarismo. É correto pensar, então, que uma sociedade autoritária, cuja estrutura fundamenta-se em impor-se através do medo, tenha se apoiado em pequenos e grandes segredos. Justamente por isso, o reconhecimento desse inimigo interior, que se expressa pelas ações do superego freudiano, tornam-se o foco das ações terapêuticas. Já que isto está na ideia fundamental do inconsciente, em que na psicologia da neurose, se atribuímos à “inconsciência” uma vontade de não saber, é a própria psicologia do inconsciente.

Todas essas características das relações intrapsíquicas, interpessoais, são vividas, ou sejam, são frutos da experiência fática dos indivíduos, não apenas construções teóricas heurísticas do psiquismo.

O eneagrama das paixões e fixações



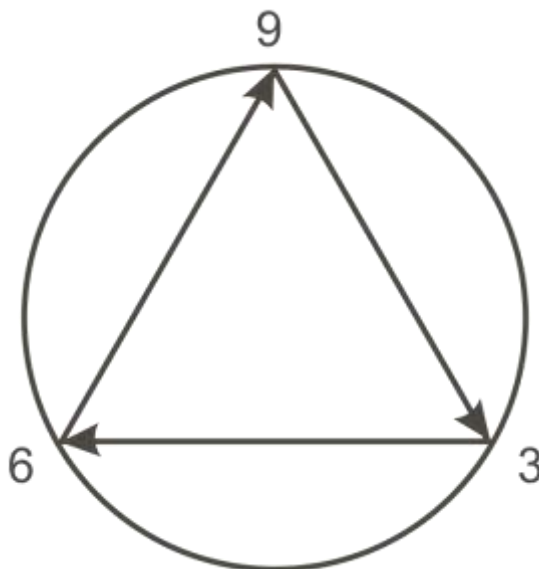
As paixões

Há uma predisposição subjetiva e inconsciente na maneira de cada um pensar, sentir e agir, que vai se formando desde a primeira infância. Segundo Naranjo (2008, p. 307), pode-se reconhecer no eneagrama uma tradição cristã muito antiga, que se constituiu como uma psicologia prática da época dos “padres do deserto”, e que “hoje podemos reformular essa doutrina ainda que todos tenhamos sofrido na infância maior ou menor frustração amorosa, todos desenvolvem uma maneira específica de tentar conseguir o que faltou, pois no centro do caráter existe – em recíproca relação um com o outro - uma forma de motivação por deficiência, um erro cognitivo.”

As fixações

As fixações são estratégias mentais, inconscientemente, que servem para justificar e perpetuar o comportamento automático e repetitivo. São cristalizações dos desvios da percepção que afetam as tomadas de decisão, erros cognitivos São apoiados sob um do sistema de crenças. As "ideias loucas" que transformam o comportamento em idealizações mais nobres, estão associadas às paixões e as potencializam de alguma forma.

O eneagrama abaixo exhibe os três pontos centrais que ocupam a posição das paixões localizadas nos vértices do triângulo: a preguiça (9), a vaidade (3) e o medo (6) consideradas como os alicerces da estrutura emocional, que correspondem à constituição básica do psiquismo aqui desenvolvido. Ou seja: inconsciência (9), aversão (6), avidez (3).



Considerando as dinâmicas das relações humanas e em especial as interrelação sustentadas pela paixões e fixações cognitivas inconscientes, serão descritas abaixo algumas características recolhidas ao logo dos últimos 50 anos por Naranjo (2008) para a sistematização dessas paixões.

Tipo 3

Egopaixão: Vaidade - Fixação: Simulação.

Identificação com a imagem idealizada de si; busca reconhecimento através do êxito; autoengano; facilidade de performance para o outro; fácil adaptabilidade a diferentes contextos/situações; se valorizam na expectativa do outro; mente organizada e orientada a resultados práticos; falsidade e superficialidade com sentimentos pessoais. Um tipo que segundo Naranjo é predominante na cultura norte-americana, conta que um mendigo nas ruas de Nova York tinha um cartaz sobre si que dizia: “ganhando, mas não o suficiente”.

Tipo 6

Ego Paixão: Covardia – Fixação: Dúvida

Contrafóbicos; medo de sentir ou mostrar que sente medo; covardia no trato autoritário ou acovardamento pessoal; insegurança; hierarquização de normas e obediência; ambivalência; defensividade; agressão defensiva; crenças rígidas; fanatismo; previsor de consequências; antecipador de perigos; supervalorização da força; cumprimento rígido do dever; sentimento de culpa; autoacusação; desconfiança de si. Sendo obediente silencioso e fiel a si mesmo, não vai ter problemas. Crer cegamente ser possuidor da razão.

Tipo 9

Ego Paixão: Preguiça – Fixação: Acomodação

Dificuldade em ser, alguém que esqueceu de si na prédica cristã: ”amar ao próximo como a si mesmo”, renuncia altruísta na visão de Freud, dispersão no fazer; atenção difusa; ocupação do tempo para evitar a interiorização; tédio existencial; descrença; narcotização e amortização de sentimentos; evita conflitos; atração pela participação em interesses coletivos; valorização da

necessidade do outro; disponibilidade para servir; dificuldade de escolher e decidir para não desapontar os outros; esquecimento de si; auto postergação.

2.3 Autopoiésis e linguagem

Segundo Maturana (1995) o humano surge, na história evolutiva da linhagem hominídeo, a que pertencemos, ao surgir a linguagem. Assim, na constituição dos sistemas vivos desde sua biologia estrutural - biologia do conhecer - até o psiquismo humano, percorremos uma grande distância evolutiva. Nessa travessia, Maturana (1995, p. 16) coloca de forma inequívoca a biologia no centro da análise dos fenômenos psicológicos: ” *o fenômeno do conhecer é um fenômeno do operar do ser vivo em congruência com sua circunstância, e, portanto, é um comentário do observador sobre esse operar*” , e nos oferece um novo horizonte de perspectivas, ou seja, matrizes para a desenvolvimento da clínica psicoterápica ao formular conceitos que nos orientam na compreensão do comportamento e da conduta do ser humano, baseado na inteligência dos fenômenos, que promovem a vida dos organismos desde sua estrutura molecular básica, *autopoiética*, e que têm como característica fundamental a colaboração amorosa.

Dando origem à linguagem, Maturana e Verden-Zöller (1993, p.16) situam o processo natural das relações materno-infantil, fenômeno biológico humano que envolve mãe-bebê numa relação de *cuidado*, diferentemente da monolítica teoria sexual freudiana, “compreendendo a sexualidade humana como um aspecto da vida relacional, corporal e espiritual, a alma humana como um domínio de *coordenações condutuais consensuais*³⁹”, um *linguajar* que surge a partir da biologia estrutural como elemento fundamental na harmonia amorosa das emoções, da convivência, do co-emocionar, não como uma partilha , pois isso já indicaria dividir a usura do negócio em detrimento do ócio, é como trocar o bem pelos bens, afirmava Naranjo.

Por outro lado, o antagonismo mente e corpo que constitui nossa tradição cultural, contrapõe razão e emoção num espaço psíquico determinado, um campo existencial que nega às emoções seu caráter constitutivo e colaborativo, o caráter que se constitui na própria evolução dos seres vivo, na compreensão do comportamento humano, do homem sobre si mesmo, o saber de si que toma múltiplas direções e, que impactam sobre a saúde mental do ser humano, são de acordo com as teorias a que respondem, escolas de pensamento que têm

³⁹ MATURANA, 1999, p. 220.

um paradigma que determina sua estrutura. São dogmáticas em sua natureza e sua existência tem como matriz o conflito.

Noam Chomsky (2018) é direto e claro na sua explanação sobre os acertos e erros de Darwin, especialmente no tocante à linguagem, como uma capacidade diferenciada entre os seres humanos na associação entre sons e ideias, que ficou conhecida entre os comentadores do séc. XVII como “maravilhosa invenção”.

Segundo Chomsky (2018):

Darwin enfatizou repetidamente sua convicção de que a relação natural foi o principal meio de modificação, mas não o único, observando explicitamente toda uma gama de possibilidades entre as quais se incluem as modificações não adaptativas e funções não relacionadas determinadas a partir da estrutura, todas elas tópicos vivos na teoria da evolução contemporânea. (CHOMSKY, 2018, p. 55).

Por conseguinte, está estrutura que está desde o embrião é parte do patrimônio genético. Ainda que se manifeste apenas em um estado específico do amadurecimento e sob condições especiais como outros aspectos da nossa “matriz mental”, conceito que segundo o autor passou por importante mudança na era galileana. Assim, “o conceito de mente foi formulado em termos do que foi chamado de “fisiologia mecânica”, a ideia de que o mundo natural é uma máquina complexa que, em princípio, poderia ser constituída por um artesão hábil”.⁴⁰

É dentro dessa perspectiva que Descartes (2000) arquiteta sua teoria da mente e do dualismo mente e corpo, desencadeando uma grande virada histórica na compreensão da linguagem humana e os meios para a expressão dos pensamentos, sentimentos e emoções que estão emaranhados à nossa fisicalidade ou constituição corporal, mas que não são determinados por ela, enfatizando o livre arbítrio, como sabemos, em suas meditações, princípio que estabelece o funcionamento da mente.

Entretanto, ainda que todas as movimentações das ciências modernas tenham gravitado em torno da teoria da mente que sustentou o dualismo mente corpo cartesiano, a unificação das linguagens, ou de um corpo de doutrinas, que unificam um modelo de mente - bio-psico-socio-espiritual - propostas por Naranjo, como já se disse, desde as descobertas da neurociência e da atualização do “cérebro trino” de MacLean e da “biologia do conhecer” de Maturana, são as vias que orientam a teoria do desenvolvimento emocional de Naranjo - o eneagrama da personalidade, em que admite uma ação impulsionada pela criatividade,

⁴⁰ CHOMSKY, 2018, p. 58.

autopoiética e configura o melhor que podemos fazer nas condições em que nos encontramos, de uma mente patriarcal e nas exigências adaptativas, ainda que sob os cuidados de uma *mãe suficientemente boa*, segundo a tradição. Há de qualquer maneira um processo alucinatório natural no desenvolvimento do Self, isso implica que podemos tomar caminhos desviantes para um desajustamento, que em tese configurariam uma psicose, razão que impacta sobre todo o processo de aquisição da linguagem em sua correspondência com o real, um obscurecimento do ser.

Segunda Parte: A proto-análise e as funções psíquicas

Ainda que, as vezes ponha ênfase no comportamental ou no cognitivo ou no afetivo, há pontos de vista implícitos em que todo traço de comportamento vem associado a um aspecto cognitivo e a outro motivacional. (NARANJO, 2008, p.12).

CAPÍTULO 3 - AS CONSTELAÇÕES INTERIORES E AS ESTRUTURAS TRINITÁRIAS

As estruturas trinitárias das constelações interiores qualificam a compreensão da teoria das neuroses desenvolvida por Cláudio Naranjo, na Psicologia dos Eneatipos.

Sua gênese é constituída pelo modelo de mente configurada na sua base sob três aspectos: *inconsciência, aversão e a avidez* como marco conceitual da tríade psíquica que, a partir das funções organizadas pelas *três pessoas interiores*, o pai, a mãe e o filho, determinam a teoria de *egotipos*.

Ainda, complementam a dinâmica das neuroses explicitadas nos três níveis fenomenológicos da subjetividade, o pensar, o sentir e o querer (agir), em correspondência com esses *egotipos* revelados pelo eneagrama da personalidade, que se apoiam num impedimento de ordem amorosa revelado a partir da teoria dos três amores, *eros, ágape e philia* que, sob a interferência de um falso amor se constituem como a problemática que congrega toda e qualquer disfunção da organização mental.

Assim, compreende-se que o núcleo da personalidade é uma neurose, que tem origem em nossos problemas emocionais identificados como frustrações amorosas, isto é, são motivações comandadas por uma força interna de cunho repressor, que Perls (2002) cunhou como o “exuberante *top dog*”, um mandão que exerce todo seu poder sobre um mandado, *under dog*, e que determina toda uma constelação de modos de ser humano, pois não é apenas o supereu freudiano que opera uma dialética intrapsíquica através das interrelações do eu id e supereu, em sua várias manifestações.

De modo que, na estruturação do psiquismo ou de como funciona o psiquismo em determinadas situações, as funções intrapsíquicas da família interior são experiências reais que estão vivas, introjetadas numa memória, ou uma “couraça” se dermos credibilidade às terapias corporais, como predica Reich (2004), um precursor da compreensão das posturas somáticas, que favorecem o reconhecimento das estruturas psicossomáticas do caráter como o núcleo do sofrimento.

Também, podemos dizer que Karen Horney (1981, 2001), ao estabelecer seus três vetores relacionais à constituição do psiquismo, talvez tenha sido a grande inspiração de Naranjo (2017, p.283) nas correspondências entre os adoecimentos psíquicos retratados no eneagrama da personalidade e as entidades nosológicas de Horney. Contudo, por uma questão de consistência do texto, apenas indicaremos três posições que correspondem a egotipos constituídos sobre os três grupos que podem ser encontrados, por exemplo, em Kretschmer (1967), os *histeróide* orientados aos sentimentos, os *epileptoides* orientados para a ação e os *esquizoides* com uma orientação para o pensamento.

Nesse sentido, Naranjo (2017, p.283) diz que: “o denominado tipo 2 do eneagrama⁴¹ (que agora se chama *caráter histriônico* no DSM IV, é um surpreendente exemplo “expansivo”, isto é, que enfoca situações conflitivas através de ceder e desistir”. Podemos encontrá-lo, então, quando Horney explana sobre as dificuldades da análise:

[...] o paciente começa a análise com sentimentos de superioridade [...] o paciente estabelece uma distinção muito cortante entre a imagem idealizada de si mesmo (em que tudo funciona perfeitamente) e sua neurose (que não tem nada a ver com ele) [...] por trás da superioridade que aparece na superfície, se oculta do ódio por si mesmo [...] não pode fazer nada [...] se põe nas mãos do analista [...] o paciente sai da análise com sentimentos de obediência em primeiro plano. Sente que é uma pessoa servil, tortura a si mesmo e está cheio de dúvidas destrutivas [...] (NARANJO 2003, p.179).

O *expansivo* de Horney - caráter histriônico - enfoca situações conflitivas através do agradecer e ceder, que corresponderia ao *egotipo 2 orgulho*, são os emocionais do eneagrama; por outro lado a disposição de *ir contra*, personalidade antissocial, corresponde ao *egopaixão 8, luxúria*, na qual os problemas se resolvem afastando o outro, ameaçando ou atacando o outro para afirmar-se, são os orientados para a ação, os motores, e o *distanciar-se* ou *retrair-se*, vetor que corresponde ao *egotipo 5, avareza*, uma personalidade esquizoide, intelectual do eneagrama, alguém que tem como meta retirar-se do mundo, não implicar-se nas relações afetivas, vive escondido para si mesmo.

Todas essas posições encontram correspondência em vários autores, além dos compêndios como o DSM e o CID, mas que não realizam uma experiência fáctica da vida, já que todo compreender e interpretar é condicionado, precisamente, por uma situação hermenêutica, e o que é a situação hermenêutica nesse contexto? É o próprio fenômeno que em si mesmo se mostra no parecer, aparecer e na aparência de toda experiência vivida na relação terapêutica.

⁴¹ Cf. Apêndice 1.

3.1 As três pessoas interiores e os três amores

O que tem em comum o amor entre os sexos, o amor maternal, o amor admirativo a um amigo e a benevolência para com um companheiro de trabalho ou curso? Vou me limitar a assinalar que três experiências, três diferentes amores – a atração erótica, a benevolência e a admiração - constituem, em suas transformações e variadas combinações, manifestações inquestionáveis da vida amorosa⁴². (NARANJO, 1995, p. 94).

Totilla Albert escritor e poeta chileno, tido por Cláudio como uma espécie de mentor psicoespiritual, foi quem instituiu a configuração experiencial fenomenológica das motivações no âmbito intrapsíquico e interpessoal, as *três pessoas interiores*, como um abraço de nossas partes interiores concebidas com as três formas distintas de amar, que inspiram a fundamentação da teoria da mente desenvolvida por Naranjo.

Essa concepção vai impactar definitivamente o modelo mental pelo qual Naranjo constrói sua teoria, já que os fundamentos são compreendidos nas próprias relações humanas como vivências compartilhadas, que se desenvolvem desde os primórdios dessa triangulação familiar e que tem correspondência com a ‘teoria do amadurecimento’ de Winnicott (1990) no que se refere à predominância de uma boa maternagem, sem a qual ou ainda que, reflitam um ambiente sano, pois não satisfazem na totalidade as necessidades existenciais dos bebês; as falhas são inevitáveis pela necessidade da frustração que opera internamente os desejos não satisfeitos da criança em sua totalidade que, segundo Winnicott (1990) devem ser conduzidos inicialmente pela mãe para a saúde psicológica da criança.

As concepções teóricas da mente humana nos levam para inúmeras reflexões que não podemos alcançar aqui, apenas indicamos algumas de uma maneira periférica, que marcam sua história, tanto do ponto de vista epistemológico como clínico, e que são relevantes nessa pesquisa. Nesse sentido, por exemplo, Balint (2014) estabelece três áreas na mente que se constituem como uma novidade para a teoria estrutural originária do eu e do id, a saber: uma aérea edípica, outra da falha básica e a área da criação, todas constitutivas do eu, além de afirmar que o narcisismo primário é insustentável. E, em questão está a problemática do amor, que o acompanha em todas suas teorizações posteriores.

Naturalmente, Winnicott (1990, 2021, 2019...) e pela sua grandiosidade teórica e experiencial ao mesmo tempo em que destaca Freud e Klein, enfatiza suas objeções às duas teorias no que se refere ao que ambas deixam de considerar: a importância do ambiente nos estágios iniciais, ou seja, a dependência do bebê e o fato de que este reage ao tipo de cuidados

⁴² Tradução nossa.

que recebe. Para Winnicott a agressividade é inerente à natureza humana e, portanto, inata, mas, segundo Oliveira Dias (2017) não no sentido constitucional, biológico ou psíquico, senão no sentido de pertencer ao estar vivo, é natural aos seres humanos, no entanto não tem uma única raiz nem significado unívoco. Ao contrário, tem várias naturezas e diferentes formas de manifestação.

As emoções que conduzem a *agressividade* para o eneagrama da personalidade são paixões do ego, uma espécie de *ideal do eu* no sentido negativo, emoções desagregadoras, algo que se deve renunciar, para os budistas conduzem aos três *venenos do coração*, exatamente como entende Naranjo na estrutura originária do psiquismo adoecido, a ignorância (inconsciência) a aversão e a avidez.

Todavia, embora inerente aos seres humanos a agressividade só se desenvolverá e se tornará parte do indivíduo, se lhe for dada a oportunidade de experienciá-la de acordo com a sua necessidade e emergência no processo de amadurecimento. É a atitude do ambiente, com relação à agressividade do bebê que influencia, de maneira determinante, o modo como este lidará com a tendência agressiva que faz parte da sua natureza humana.

Assim, tanto pelas correspondências com a teoria relacional de Naranjo, como pela ênfase nas “fases do amadurecimento“ que não são fases da evolução da libido que incidem sobre a agressividade natural dos seres vivos, os instintos naturais, podemos dizer, que é a problemática do amor ou das paixões, o fio condutor dessa pesquisa que, segundo Naranjo, permeia toda e qualquer relação humana, isso implica que os problemas da clínica psicoterápica são todos de ordem amorosa, mas o que é esse amor?

De imediato vem à mente o amor erótico, a libido que mantemos sob uma espécie de redoma de cristal, pela sua ambígua sensibilidade e fragilidade, tanto quanto pela sua agressividade dominante, um querer agir. Todo comportamento depende de fatores ambientais de um tipo ou de outro. Na vida animal, na própria maternagem dos mamíferos aparece a ideia de que foram eles que inventaram o amor compassivo, isto é, o acolhimento do outro através do seio materno, a fêmea que protege e cuida do seu filhote. Assim, o amor compassivo não é uma experiência de cunho erótico, mas uma expressão de acolhimento maternal que se originou na relação inaugural humana mãe-bebê, pois somos nós os humanos que podemos estendê-lo para além das nossas crias, e que organiza as emoções do self original e originário do infant.

Por outra perspectiva, sabemos que as funções adaptativas das emoções nos oferecem informações específicas sobre nossa experiência atual. Em si mesmas as emoções não são boas nem malfazejas, cada uma delas nos remete a necessidades e recursos específicos que

devemos mobilizar ou desenvolver para restabelecer nosso equilíbrio orgânico. Além disso, associado a cada emoção há uma série de diálogos internos, ao reconhecê-los podemos contribuir (com informações adequadas) para que cada um deles cumpra sua função reguladora. Esse diálogo interno é feito por três experiências reais na relação triádica pai, mãe e filho, outras configurações como a análise transacional de Bern (2010) trabalha com três entidades, o pai, o adulto e a criança.

3.2 A etiologia das neuroses

A revisão realizada por Figueiredo (2019) sobre temas que incidem diretamente no estudo do adoecimento psíquico e, conseqüentemente, na clínica, como afirma, representa uma interpretação dos problemas na extraordinária diversidade metodológicas e teóricas que os constituem. Enquanto fenômenos socioculturais têm sua gênese em Freud (1922), marcadamente ao longo dos últimos cem anos com a “teoria estrutural da mente”, é o campo em que se travam todas as batalhas contemporâneas sobre o psiquismo nos circuitos analíticos e de resto, na ordem dos encaminhamentos teóricos e clínicos pós-freudiano sobre os novos paradigmas, matrizes e modelos de adoecimentos.

Indica, então, que as discussões fundamentais desse desafio, têm suas raízes em duas grandes matrizes: a ‘matriz freudo-kleiniana’ e a ‘matriz ferencziana’ que deram origem a diversos modelos que foram sendo criados ao longo das décadas, nas discussões teórico-clínicas que na contemporaneidade se caracterizam pela articulação dos chamados “atravessamentos de paradigmas”⁴³. Fundamentalmente, problematizam a distinção que se referem ao intrapsíquico e ao intersubjetivo, pois revela a dupla matriz desses processos, o metapsicológico e o fenomenológico, que impactam definitivamente na mudança paradigmática dessa investigação.

Sabemos desde Winnicott⁴⁴, que a natureza dos processos constitutivos da experiência originária, primária dos fenômenos mentais, que a relação mãe-bebê revela, constitui na dinâmica do psiquismo o aparecimento do eu. E que, nos desdobramentos desse processo, surge a primeira expressão identitária do bebê, eu sou, separação dessa unidade originária,

⁴³ FIGUEIREDO, 2020, p. 18.

⁴⁴ WINNICOTT, 1990.

que Winnicott compreende como o próprio ego(auxiliar) do bebê, são determinantes na história dos adoecimentos psíquicos.

Por outro lado, Naranjo (2008) ao formular sua teoria das neuroses, propõe uma mudança paradigmática, na qual os impulsos ou pulsões são reintegrados às experiências no âmbito das vivências motivacionais, uma fenomenologia das emoções em que essas forças até então consideradas os axiomas fundamentais da topografia interior, como representantes da vida psíquica freudiana estão agora, ancoradas na relação trinitária das três pessoas interiores, na qual as funções psíquicas que se constituem como funções do Self: pai, mãe e filho, são experiências da pessoa.

Dessa maneira, o que vem a ser uma etiologia das neuroses no pensamento de Naranjo, está em conformidade com as motivações postas por uma paixão e uma fixação cognitiva, isto é, uma emoção que desperta a crença em nossa maneira de ver as coisas, e que reflete a realidade das relações, do ponto de vista do entendimento significa o meu jeito de ser, de modo geral, operam comportamentos originários desde tempos imemoriais nas culturas e comunidades. É, portanto, o próprio eneagrama⁴⁵ a fonte dessa nova etiologia, em que Naranjo (2008) fará uma correspondência em relação às patologias conhecidas pela psiquiatria atual, compreensão propostas por autores e manuais de psiquiatria como o DSM, o CID -10 e outros.

3.3 O Self e as funções psíquicas.

Ego", em análise, não é sinônimo de "personalidade" ou de "indivíduo"; não coincide com o "sujeito" em oposição ao "objeto" da experiência; e não é apenas a "consciência" do "sentimento" de si mesmo. Na análise, o ego é um conceito de ordem bem diferente. É uma subestrutura da personalidade e é definida por suas funções. (HARTMAN, 2017).⁴⁶

Ich e *Es* são os termos de uma abstração específica originária em Freud (1923) que constituem o aparelho psíquico, mas que sofrem uma tradução problemática, que não é fiel à etimologia dos termos originais. No plano puramente conceitual, entretanto, é preciso enfatizar que a noção de Self, por um lado, e a de ego e o id, por outro, são abstraimentos que pertencem a diferentes níveis da formatação do Eu (*Ich*). A personalidade, sob outra

⁴⁵Disponível em: https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/personality/paixoes_patologias_e_motivacoes_neuroticas_portuguese.pdf. Acesso em: 28 mai. 2022.

⁴⁶Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00797308.1950.11822886>. Acesso: 25 abr. 2022.

perspectiva, é uma noção que, como a identidade não pertence propriamente às narrativas freudianas que constituem a teoria estrutural da mente, mas pertence a um quadro teórico que perfaz toda a história da psicologia e, que está mais em harmonia com a observação do comportamento social e da descrição da experiência (pré)consciente de si mesmo na interação com os outros, de forma geral, não se assemelham às observações da teoria estrutural da mente.

Em seus primórdios, parece que a psicologia do ego de Freud foi mal compreendida por muitos analistas e não analistas, como uma ruptura com suas ideias originais sobre o fundamento biológico da análise, tanto o ego quanto o id se desenvolveram, como produtos da diferenciação, a partir da matriz do instinto animal, o id. Desde então, por diferenciação, desenvolveu-se não apenas a instância especial de adaptação do homem, o ego, mas também o id.

Entretanto, o Self que emerge na situação psicanalítica, especialmente com Kohut (1971;1977) conceituado em um modo comparativamente próximo à experiência, como uma estrutura ou configuração própria ao psiquismo, ou seja, com representações que estão localizados “dentro” do Eu, portanto, semelhante aos três centros de funções identificáveis, isto é, como uma agência da mente comparável ao ego, id e superego, instâncias operativas na constituição do psiquismo, mas que, ao longo do tempo vai se apropriando dessas funções e se tornado uma entidade autônoma numa relação comparativa às instâncias originais do psiquismo freudiano.

O Eu que agora se manifestaria em dois âmbitos distintos, por um lado numa dimensão Self e por outro enquanto Ego, surge de certa forma na “psicanálise relacional” que, segundo Stern (2020) “teve uma grande presença invisível no cenário da psicanálise americana por várias décadas. Sua principal teoria e seus fundadores, Harry Stack Sullivan, Erich From e Clara Thompson, fizeram importantes contribuições nessa direção durante os anos 1930 e 1940.”⁴⁷

Do nosso ponto de vista, encerra a diferenciação entre dois âmbitos da sua expressão, um metalinguístico, a metapsicologia do ego e outro experiencial, uma fenomenologia das paixões, isto é, as vivências do self.

Por outro lado, as interpretações dadas por Winnicott (1999) e (Kohut (1971), que se tornaram canônicas desse tema, ainda que carreguem inúmeras ambiguidades, nos aproximam aqui da perspectiva em que Self é compreendido como “personalidade total”, conceito que o

⁴⁷ STERN, 2020. (Tradução do autor).

pensamento de Naranjo, ao construir sua teoria da personalidade – o eneagrama da personalidade - denuncia um obscurecimento da experiência do ser, não como uma patologização da linguagem, posta em marcha pela psicanálise.

A etiologia das “neuroses” da psicologia dos *egotipos* está então, submetida, à ideia de uma “quebra” da relação com o ambiente, entendida como uma interrupção do *contato* numa dialética natural entre o organismo e o ambiente.

Sabemos que Gestalt, terapia teorizado por Goodman (1997) como uma “teoria do si mesmo” (self), o self não é nem ego nem eu, mas um processo de ajustamento criativo entre o organismo e o ambiente, já que os fenômenos mentais se produziram numa espécie de fronteira entre o *si-mesmo* e o ambiente, que teoriza como uma *fronteira de contato*, porém que outra coisa não é senão o velho e conhecido mecanismos de defesa.

Contudo, ao fazer uma apropriação das instâncias freudianas como funções self, algo que parece inspirado na “psicanálise relacional”, introduz um complicador à própria ideia de personalidade, que assume uma função psíquica ambígua, em que a representação à imagem de si mesmo permite reconhecer-se numa identidade, o próprio Self.

De nossa parte, assumimos a posição Self como um agente na estruturação do psiquismo que incorpora como funções intrapsíquicas as internalizações que Naranjo vai compreender como uma experiência factual das figuras parentais - *as três pessoas interiores*- portanto no âmbito de uma fenomenologia das emoções, diferentemente da metapsicologia freudiana.

Assim, podemos compreender que função organizadora do Eu na dimensão do Self, desde a psicanálise relacional, em que as instâncias do psiquismo freudiano, ego, id e superego, são funções de autorregulação do psiquismo, do ponto de vista fenomenológico, ou seja, relacional tem nas figuras parentais sua constituição simbólica, com as quais o ajuste à realidade nos fornece explicações sobre a *constituição estrutural das funções do Self*, e que correlaciona a saúde mental e as representações da realidade externa, é um processo intrassistêmico, que carrega a ambiguidade de dois mundos na constituição do psiquismo, a vida interior e o ambiente externo.

É fundamental ressaltar que, nessa investigação o que está em foco, primordialmente, é a desconstrução de uma interpretação equívoca do próprio eneagrama da personalidade, que está equiparado a um instrumento de diagnóstico em que os fenômenos constitutivos dessa teoria se tornaram entes fixos de uma psicopatologia que, como sabemos, desde a ruptura operada no campo da psiquiatria pelo DSM-III, quando se começou a definir as patologias psiquiátricas por referência a agrupamentos de sintomas, o que acarretou em desconsideração

das narrativas dos pacientes, das histórias de vida, das causas sociais e psicológicas específicas que podem ter provocado determinado sofrimento psíquico ou determinado comportamento.

Logo, o reconhecimento dos adoecimentos psíquicos, nesses manuais impedem a *autopoiésis* que, pelo contrário, a *via poética* propõe como o marco fenomenológico dessa investigação, e que implica, também, uma mudança paradigmática - o paradigma triunitário - em que a dimensão metapsicológica das funções psíquicas, se tomam agora não como numa transfiguração simbólica direta das representações das figuras parentais, introjetadas como três pessoas, mas uma experiência vivida entre o pai, a mãe e o filho, que se constituem como um marco referencial de uma psicopatologia experiencial e fenomenológica.

Assim, diante da exigência de uma sistematização dos processos que orientam a clínica hermenêutica, na via desconstrutivista, as funções de uma agência em que as relações amorosas são constituídas como instâncias psíquicas, na teoria freudiana, agora são compreendidas como fenômenos de uma experiência que pode ser temporalizada nas vicissitudes das relações parentais desde os primeiros sinais do surgimento do bebê.

Os conflitos “naturais” intrapsíquicos (id, ego e superego), diferentemente das representantes sociais, (pai, mãe e filho), que se constituem sob os três aspectos das “paixões” humanas (a inconsciência, a aversão e a avidez) são características de uma motivação, outra de suas funções. De modo que, essas relações só podem ser formuladas e compreendidas em termos de um conjunto de padrões em que as interrelações entre as diferentes áreas, enquanto funções do ego, ecoa como defesa e autonomia, por exemplo, o *egopaixão covardia*, que se constitui sobre um contexto fenomenológico, deve ser apropriado por uma função self de uma triangulação familiar originária, o pai, a mãe, o filho.

Destarte, ao responder sobre como se comporta um terapeuta experiente, em uma grande pesquisa promovida por Naranjo⁴⁸, em que se questiona como a personalidade interfere na relação terapêutica, responde que a grande dificuldade em conter e trabalhar as emoções da raiva, competitividade, desprezo, desvalorização, crítica, decepção ou sedução que o cliente sente em relação ao terapeuta, reside em “superar o equívoco de que em qualquer relacionamento que eu tenha com os outros, não deixarei uma marca significativa e, se isso acontecer, será mais pela fraqueza e fragilidade do outro do que pelo meu valor pessoal”.

⁴⁸ Apêndice 1.

A via poética, enquanto uma clínica hermenêutica, reflete, então um conjunto de características desveladas na e pela experiência em que as relações intrapsíquicas, intersubjetivas e interpessoais que se manifestam pela verdade(*alétheia*) do ente em seu ser, não podem, portanto, ser objetos apenas de uma interpretação, pois correspondem à experiência factual dessas relações. No entanto, para as correspondências com o pensamento de Claudio Naranjo, em que os modelos que colocam em evidência as funções do self nessa interação de paradigmas, como diz Figueiredo (2020, p. 18) é mister: “o acolhimento do desproporcional, o atemporal, o irreduzível, o trágico e o paradoxal como aspectos decisivos na compreensão do sofrimento psíquico e da produção da subjetividade.”

Terceira Parte: A via poética da Gestalt Viva: a hermenêutica iluminativa.

Qualquer livro pode descrever uma técnica, mas uma atitude deve ser transmitida por uma pessoa. (NARANJO, 2009, p. 13).

A hermenêutica iluminativa é uma via de acesso aos padrões de relacionamento em que a mente, enquanto um processo *autopoiético*, ao se configurar como uma paixão, ou melhor, um *ego-paixão*, desvela o estar-encoberto dos entes, ou seja, aquilo que ‘é’ sendo em seu modo de ser, num espaço de jogo em que somos e não somos o clarear do nosso próprio agir poético (*poiésis*). Portanto, na clínica não se pode antecipar nada além do campo do jogo, talvez nem isso, o próprio campo também é um constructo da relação. O iluminativo é, portanto, o pôr em obra dessa clareira em que a mente é um processo *autopoiético*, na qual estruturas se movimentam na produção da subjetividade.

CAPÍTULO 4 - A FENOMENOLOGIA DAS EMOÇÕES E A CLÍNICA: CONTÁGIO, APOIO AMBIENTAL E AUTO APOIO.

A consciência meditativa constitui o auto apoio mais profundo. (NARANJO, 2017, p.429).

Desde o Simpósio de Platão, sob os auspícios dos sábios gregos, surgem os primeiros contrastes que se revelam no tema do amor. A própria palavra *philo-sophos* indica uma espécie de amor: o amor como sabedoria. Ali se interpelavam os convidados desse famoso banquete para um discurso sobre a natureza de Eros. Uma *maiêutica*, que se transformou numa verdadeira epifania, e que podemos compreender, ao nos colocarmos com Naranjo (2005) na virtualidade desse banquete, como uma hermenêutica fenomenológica das emoções.

Antes de tudo, daríamos conta de que, o problema existencial que nos domina está na ideia do amor, mas que parece se manifestar por um falso amor, ou um desamor. Somos sedentos de amor e não percebemos que estamos lidando com as nossas manifestações narcísicas, numa associação de aspectos da mente representados por três centros: o instintivo, o emocional e o intelectual, que se manifestam, justamente, a partir das faculdades humana primordiais, o pensar, o sentir e o querer.

Do ponto de vista dos vínculos afetivos, a sua vez, seguem caminhos que integram a ideia do amor com a própria constituição do cérebro e, da interrelação dos fenômenos

psicofísicos que emergem daí para o desenvolvimento do humano que, na teorização dos três amores de Naranjo (2005), está em sintonia com as antigas tradições que nos reenviam ao pensamento grego, em especial ao budismo, e à fenomenologia inaugural de Franz Brentano ao explicitar o pensar o sentir e o querer como constituintes da alma humana, fundamentos originários da própria psicologia fenomenológica.

Há, contudo, no âmbito das ciências de modo geral, e nas academias universitárias, de modo particular, uma certa aversão ou, no mínimo um incômodo com a palavra ou o tema do amor, que nas hostes teóricas e seculares do conhecimento a própria palavra acabou desprestigiada.

Na modernidade se diz que houve um “desencantamento” que incide sobre o sagrado e o pensamento secular, que Nietzsche leva às profundezas como a “morte de Deus”. Pareceria ser o destino e um dever do homem à conciliação entre o sagrado e a autonomia absoluta, secularização que se manifesta pelo obscurecimento ou mesmo rechaço no mundo acadêmico, em que se fala tão pouco de amor, pois parece haver uma espécie de vergonha coletiva, fruto da civilização cristã ocidental que se vê fracassada coletivamente; socialmente, em criar um mundo colaborativo, empático, pelo contrário, o que temos é um mundo violento e cada vez menos solidário.

Segundo Naranjo (2005), há um certo incômodo secular sobre as ordens do amor, e que precisa haver certas “coisa preliminares” para que possa haver amor, e que coisas são essas?

Predica o preceito cristão que devemos *amar ao próximo como a si mesmo*, mas não se explica como chegar ao amor a si mesmo, pois dá como certo que já estamos nesse estado. Contudo, é verdade que amamos a nós mesmos? Ou nos odiamos, nos perseguimos, nos agredimos; a civilização mesma é uma ordem humana pacífica e amorosa, ou temos um regime de controle, que necessitamos de uma ‘polícia interior’, um agente interno que nos reprime e nos controla, que Freud configura como superego? Então, quem é esse superego que nos controla com uma autoridade tal que não temos escapatória? E, se é assim como podemos nos amar se estamos vivendo como um escravo ou um filho mal querido, ou indesejado?

Agora, por que necessitamos desse espírito repressivo e castrador? Por que que somos metade bons e metade maus? Ou, por que não temos confiança na nossa capacidade empática e, que somos boas pessoas? Ou, nos conformamos com os ideais a que se refere Freud (1930, p.121), pelos quais a própria limitação da vida sexual ou mesmo o ideal humanitário à custa da seleção natural, como predica no final de sua vida, sobre um mal estar na civilização, que

nos levaria a crer, que: ”a questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos de agressão e autodestruição.”

Podemos, então, perceber que uma certa desesperança, que está assujeitada ao controle, toma conta do pensamento dualista de Freud (1930, p. 121), já que acreditou que, porque somos suficientemente maus temos que nos reprimir para que permitamos que o nosso bom floresça, assim a civilização ou a partir dela se instalaria uma “neurose universal”, e que não pode ser diferente.

E, ao concluir sua última publicação, diz que: “cabe, agora esperar que a outra das duas ‘potências celestiais’, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?”

Para Naranjo somos caçadores, temos um espírito de conquista e domínio que é o resultado da constituição de uma mente patriarcal, que nos levou à criação de uma sociedade repressiva, autoritária e violenta. Portanto, a saída é a volta ao “espírito dionisíaco”, a liberação de si mesmo das amarras culturais às quais estamos submetidos. E, nesse sentido se afasta de uma epistemologia reducionista, pela qual o movimento iterativo das disposições afetivas se conformaria, a posteriori, pelo *dualismo pulsional* que o acompanha, pelo sentido de uma fenomenologia das emoções que, insiste no equilíbrio dos três amores, nas paixões motivacionais, como predica Naranjo no eneagrama da personalidade, como o ponto fulcral dessa distinção, capaz de orientar uma hermenêutica clínica desconstrutivista, longe das patologias impositivas tanto ao comportamento como à linguagem.

4.1 As competências existenciais: sabedoria instintiva, intuitiva e relacional.

[...] por mais que pareça utópico...ainda está claro o que é a riqueza interior: um conjunto de estados e faculdades mentais que poderíamos chamar de “competências existenciais”, para distingui-las das competências acadêmicas e laborais reconhecidas pelo mundo educacional. (NARANJO, 2013, p.74).

Ao afastarmos a nossa capacidade *autopoiética* da formação, adoção e transformação dos valores e princípios colaborativos, ou seja, de uma ética do cuidado, em que nossa sabedoria natural se tomou pela nossa mente patriarcal autoritária, em meio ao advento da automação dos meios produtivos, próprio do desenvolvimento da ciência, *a mathesis universalis*, que reproduz inicialmente o chamado *homo faber*, o construtor e fabricante de coisas, que na modernidade pareceria uma esperança de libertar o homem do seu fardo mais

antigo e mais natural, o fardo do trabalho e da sujeição dos sujeitos à necessidade, parece que perdemos o que há de mais esperançoso em termos de evolução social, que o cultivo da sabedoria individual, a compaixão, a liberdade e o desenvolvimento do amor.

Segundo Arendt (2002, p. 12), trata-se de um aspecto fundamental da condição humana e, que, “*a rebelião contra esse aspecto, o desejo de libertação das ‘fadigas e penas’ do trabalho é tão antigo quanto a história que se tem registro*”. Nesse sentido, toda a discussão desde sobre a condição humana, na modernidade, traz certa perplexidade pelo que Arendt (2012) chamou de “*via activa*”⁴⁹, isto é, o labor como condição humana da própria vida, o trabalho no qual a mundanidade corresponde ao artificialismo da existência humana e, a ação como atividade que corresponderia à pluralidade, pelo fato de que os homens somos todos os mesmos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

Sendo assim, o que espontaneamente o homem traz para sua existência, se compreendeu como uma mudança do *que* e do *por que*, para o *como*, isto é, para os processos, que marcaram uma grande mudança paradigmática em que essas competências existenciais, das quais nos afastamos, são sabedorias milenares presentes na cultura em formas diversas.

Segundo Naranjo (2019), é pelo resgate da sabedoria (*sophia*), instintiva, intuitiva e relacional, que se configurariam como a condição necessária, esquecida da humanidade em sua potencialidade natural de transformação, na atualidade, em um enfoque multidisciplinar para uma “era da consciência”, que a Gestalt terapia traz desde seus primeiros passos nos movimentos da contracultural dos anos de 1960, mas que não alcançou um lugar de mudança determinante capaz de desconstruir esse sistema piramidal de dominação.

Vale evidenciar que, no âmbito da psicoterapia, compreendemos também essa dicotomia entre dois sistemas, um que reflete o padrão de dominação, baseado na patologização da linguagem e, conseqüentemente, na subjugação dos sujeitos; outro, um sistema colaborativo, baseado no equilíbrio dos *três amores*, pelo qual uma nova política da consciência, que não esteja restrita apenas a processos psicoterápicos, esta, tinha esperança Naranjo que pudesse ser implementada em nossos sistemas de educação, desde os primeiros passos na educação primária, enfatizando competências existências. Como o amor ao próximo, a atenção ao aqui-e-agora, e ao desapego, ou nas orientações de matriz dionisíacas que põe em evidência a liberdade, a espontaneidade e a sintonia como nossas tendências naturais e com a natureza mesma. E o autoconhecimento, como forma de amor a si mesmo

⁴⁹ Cf. ARENDT, 2012, p. 20-26.

que tem alcançado seu maior desenvolvimento na mais moderna via de crescimento, a psicoterapia.

As práticas que ativam essas competências são originárias do programa para o desenvolvimento humano de Cláudio Naranjo, a partir do eneagrama da personalidade, ou seja, da compreensão de modos de ser daquilo que não somos, que só pode ser revelado por uma via poética amorosa, ou seja, a via poética de uma gestalt viva.

A hermenêutica do *si mesmo* reflete, então, um método de investigação que se integra a um processo sistêmico vivencial de transformação. Através de uma semântica que nos orienta por um mapa e que indica os sinais nos espaços e na temporalidade de nossas vivências, entre o intuitivo, conativo e o cognitivo, desvela o vazio que subjaz a dinâmica operativa do nosso mundo compartilhado, como um constructo com base na historicidade própria a cada indivíduo para sua pessoalidade. Esse núcleo é a sede das paixões (*phatos*) e entendimentos (*logos*) que buscam satisfazer uma singularidade psicossomática, que se revela como partes de um todo triádico com potencial criativo de transformação que, em última instância favorece a hominização do ser humano, na qual a vida se dá pelas manifestações de fenômenos estruturais, fruto de uma fenomenologia que tem na ética do cuidado seu *ethos* originário, o cuidar de si.

O desenvolvimento de *competências existenciais*, que põe em marcha o conhecimento de si, *Gnhout sauton*, “*conhece-te a ti mesmo*”, gesto originário da maiêutica socrática, que Foucault (2006) reconhece na sua *hermenêutica do sujeito* devedora exatamente do cuidar de si, configura uma mudança de matrizes na rota do conhecimento sobre si mesmo, pano de fundo de toda psicoterapia.

Cláudio Naranjo, a partir de um laboratório vivo, a céu aberto, ao longo de mais de 40 anos realizou experimentos em diversos países, confirmando o caráter multidisciplinar e multicultural, experiencial e experimental de suas pesquisas dentro de uma lógica quali-quantitativa, que realiza o aprendizado dessas competências existenciais, fundamentalmente orientadas num processo terapêutico, *gestalten* que desvelam estruturas de relacionamento para além de uma consciência objetual determinada por um aparato psíquico operador de um eu, ou como expressões de um self, ou como se queira chamar, uma unidade de representação posta pela linguagem, como reencontro de um *ethos* originário que caminha em direção da Consciência

A ciência hermenêutica, nesse caso, constitui-se sob a égide dos relacionamentos reveladores da transparência dos vínculos, que autorizam a afetividade nos encontros em cada momento de entrega e, que se realizam por uma espécie de contágio na equanimidade dessa

relação trinitária do amor, posto pelo amor erótico, amor compassivo e o amor admirativo das tradições sapienciais.

Isso implica que as enfermidades psíquicas são problemas originados no desequilíbrio do amor, ou melhor, dos três tipos de amor, e suas origens podem ser atribuídas a uma disfuncionalidade do sistema familiar, que é transmitida de geração a geração, como uma praga emocional que constitui a nossa própria civilização, perpetuando a verdadeira tragédia humana ao longo de sua história, a *mente patriarcal*. Logo, como predica Naranjo⁵⁰, através do desenvolvimento de uma consciência amorosa que nos torne liberadores do amor e amantes da liberdade, “para passar do paradigma patriarcal ao paradigma triunitário... nesse abraço a três entre, o pai, a mãe e o filho... e na família sana, assim como na família interior das três subpersonalidades em nossa mente tricerebrada.”

4.2 O apolíneo e o dionisíaco: autenticidade e meditação no contexto terapêutico

O essencial do terapeuta é ser transparente e que pratique o que predica, o ideal do terapeuta é sua autenticidade, pois é nela que radica seu potencial curativo. (NARANJO, 2007, p. 58).

Com a investigação das neuroses, a psicanálise vai se dando conta que, mais profundamente, há graves perturbações do psiquismo que são de ordem alucinatórias, as psicoses que se tornariam o grande desafio para a compreensão dos processos relacionais intrapsíquicos. Entretanto, é a compreensão do eu, por contraposição ao não-eu que nas investigações sobre o narcisismo na sua dinâmica constitutiva do Eu que se revelam grandes conflitos conceituais. Assim, ao fazermos uma correlação entre as tradições meditativas e a psicanálise no tocante à constituição do Eu, vê-se uma grande contradição. As imagens idealizadas, eu ideal, identificações e mascaramentos diante da vida, necessidades de gratificação, ideal do Eu, e outros tantos desvios, ou “paixões” na linguagem da psicologia dos egotipos, tornam-se a condição insular da mente que revela a *neurose universal*, como compreendeu Freud, uma condição natural da humanidade.

Enquanto na psicanálise se afirmar em um eu forte e bem constituído sem o qual não há nenhuma possibilidade de análise, nas tradições meditativas, pelo contrário, é um afastamento, um desapegar-se do eu e de suas necessidades, que possibilitaria uma

⁵⁰ Prólogo.

consciência de si mesmo em toda plenitude. Assim, a meditação quer que nos desfaçamos do eu, e as psicoterapias de matriz freudiana que o fortaleçamos, o que implica dizer que há um descompasso de ordem epistemológica na constituição desse conceito em relação a essas duas tradições.

Seja como for, parece que prevalece ainda nos meios acadêmicos, a opinião de que a meditação é uma espécie de alienação da verdadeira natureza dos processos psíquicos, algo de irreal e alucinatório próprio às psicoses, algo que nos remete ao que podemos compreender pelos estranhamentos da própria cisão do Eu.

Se pensarmos com a própria psicanálise, em todas as suas vertentes, ao logo dos últimos cem anos, os caminhos que foram se abrindo para a *teoria estrutural da mente*, em que o Eu juntamente com o narcisismo se tornaria o campo de todas as batalhas teóricas e clínicas, seria possível comparar o Eu da meditação e o Eu das psicoterapias? Já sabemos que aparecimento do self desde Kohut e Winnicott, se torna o grande referencial dessa problemática para aplacar as incertezas de um verdadeiro Self, ainda que jamais se tenha chegado a uma pacificação.

No âmbito dos processos psicoterapêuticos, a meditação cumpre a função de separar estímulos naturais da vida social e aproveitar a solidão de estar só consigo mesmo para uma desidentificação, uma espécie de “purificação” do que está na base da tríade originária do psiquismo, ou seja, a inconsciência, a aversão e a avidez. Nesse sentido, relata Naranjo⁵¹ em suas conferências o caso de alguém que tinha de si mesmo uma grande imagem e que ao atravessar um breve período de solidão proporcionada por práticas direcionadas em *settings* terapêuticas se deu conta que, em suas próprias palavras: “eu sempre achei que era uma pessoa especial, me equivoquei, sou uma pessoa ordinária.... mas que alívio!”

Ou seja, ao transformar o mundo interno lhe chegou um bem estar ao sentir que podia ser o que era verdadeiro. Todavia, há algo além desse eu verdadeiro? Esse parece ser o tema das tradições espirituais, *stricto sensu*, um eu transcendental ou transcendente da condição humana ordinária, que não cabe aqui nesse ensaio sobre clínica psicoterápica, porquanto, nas tradições espirituais essa passagem do eu ao não-eu, configuraria uma obrigação do homem transcendente de desidentificar-se com as necessidades cotidianas para encontrar uma identidade universal, inquietação que parece atravessar todas as culturas.

Seja como for, sabemos que o Self é uma integração intrapsíquica que toma forma com Kohut e se alastra pela tradição psicanalítica até sua máxima assimilação nas *terapias*

⁵¹ Disponível em: <http://mediterapia.es/>. Acesso: 6 jun. 2018.

relacionais, que executam o que Figueiredo (2020) aponta como um *atravessamento de paradigmas* ou seja, não segregam o intrapsíquico ao interpessoal, pelo contrário, intensificam uma concepção integrativa nos encaminhamentos clínicos. Assim, o Self como resultado de uma integração passa a uma condição de agente transmatricial e se torna a nova unidade insular do psiquismo e das abordagens relacionais que unem o intrapsíquico e o interpessoal, que amplia a capacidade de compreensão dos fenômenos nos processos psíquicos que nos conduzem ao que se pode compreender, na multiplicidade das abordagens psicoterápicas, ao que se resume numa teoria geral do cuidar.

Sendo assim, a clínica a partir desse atravessamento matricial, nos seus dois aspectos, o metapsicológico que atende à demanda intrapsíquica e o fenomenológico, que é da ordem das experiências interpessoais; desenvolvida na perspectiva da hermenêutica iluminativa, articula a integração do apolíneo e do dionisíaco, dos três amores e das as três pessoas interiores na formatação dos processos relacionais, onde a Gestalt viva torna-se, então, manifestação própria da via poética, uma clínica hermenêutica iluminativa, que busca desvelar e desconstruir as tipologias postas pelo eneagrama da personalidade.

Por outro lado, o fortalecimento do eu, na verdade, o sujeito da consciência que se revela no ambiente angustiante da solidão, quando parece que só nos resta suportar o desespero do sofrimento, nessa solidão em que estamos completamente des-integrados, o que caracteriza os estados psicóticos, em que não há um sujeito, um self integrado, um si mesmo.

No contexto psicoterápico, a meditação dirigida é um processo pelo qual a reintegração das partes cindidas do Eu, o 'self real', produz a si mesmo na distinção dos traumas iniciais em que se sedimenta o sofrimento psíquico e que acaba por constituir-se num círculo vicioso como o núcleo da personalidade, ou seja, padrões que são impedimentos na distinção de um sujeito da experiência, que diz eu sou, diferente de um sujeito que mira um objeto e não vê a si mesmo, não realiza o que a gestalt chama *awareness*, a consciência dos processos, como o natural desse reencontro consigo mesmo, o sujeito da consciência, que as traduções meditativas chamam de iluminação, sabedoria (*gnose*), entre outros.

Seja como for, para Naranjo (2005, p. 92) “apesar da tendência transpessoal e da espiritualização da psicoterapia, pode-se dizer que a experiência espiritual ainda não foi apreciada nem como fator terapêutico, nem como aspecto do desenvolvimento terapêutico.”

Desta forma, talvez, não devêssemos fazer uma distinção tão grande dessas experiências e compreender de onde se fala e para quem, pois no caso da superação dos traumas infantis quando a pessoa fala das lembranças infantis dolorosas, uma coisa é a

recordação dolorosa, outra é ela mesma, o Eu que se dá conta de si mesmo ao distanciar-se do sofrimento.

Também, como proposta geral, a meditação que não está assujeitada ao sofrimento, mas nos desinteressamos do pensar sentir e querer para observar mais o observador. Ou seja, a consciência que contém os fenômenos mentais que em si não é visível, não está no mapa, por isso as tradições budistas chamam de *vazio*, pois não pode ser vista apenas com o olho do intelecto, da razão operativa, *mathesis universalis*, que em sua natureza própria gera pensamentos, sentimentos e emoções, que promovem o acorrentamento a um “si mesmo” e a impossibilidade de desfazer-se “si”, ou seja, de uma interpretação idealista e idealizada do Eu na dualidade interior exterior, que nos afasta do encontrar-se no próprio seio do ser solidário, *dasein*, como definiu Heidegger e, que aborda toda sua ontologia fundamental como ser-no-mundo.

Dizia Cláudio nos nossos “encontros formativos” que ouviu de um Monje vietnamita nos anos de *Esalen*, que a espiritualidade para ele não era uma conquista de técnicas e tecnologias “espirituais”, mas a simplicidade de ir ao parque com sua mulher, ou dar-lhe flores sem nenhum pretexto, olhar os olhos aflitos do filho e acolhê-lo. A melhor mente não é a que quer transformar os outros, mas a que cuida de mudar a si mesma, para aceitar os demais, assim ter consciência da necessidade dos outros e poder ajudá-lo, algo assim como dizia Freud, que a terapia é um bem tão valioso que deveria ser disponível a toda a humanidade e, se compreendermos que toda relação contém de certa forma um aspecto transferencial, toda relação é terapêutica, estaríamos, então, muito próximos a esse ditado tão mal compreendido do cristandade: “amar ao próximo como a si mesmo”.

Portanto, essa relação entre meditação e psicoterapia é um caminho que se pode percorrer juntos, porém é a psicoterapia mesma a condição anterior, uma espécie de “limpeza da chaminé”, que nos faria superar nossa mente patriarcal, dominante e violenta, por onde se possa ter a esperança de integração dessa trindade originária, na qual a mudança paradigmática proposta por Cláudio Naranjo, *o paradigma triunitário*, é esse abraço a três entre o pai, a mãe e os filhos da família saudável: “o pai que manda sem mandar porque entende e inspira, a mãe que cuida sem cuidar porque ama e a criança que age sem agir porque é puro movimento.”

Vale ressaltar que, especificamente, o apolíneo e o dionisíaco nesse contexto meditativo e psicoterápico, que Naranjo (2014) vai nomear como *budismo dionisíaco*, que a princípio parece um oxímoro, já que o apolíneo implica uma renúncia aos impulsos e o dionisíaco uma não interferência diante da corrente da vida, que no contexto terapêutico

implica numa fé implícita na natureza instintiva e na espontaneidade que, podemos dizer, estão em sintonia com a *autorregulação organísmica*, aspecto fundamental da própria gestalt terapia .

Nesse sentido diz Naranjo (2014):

Falar de um budismo dionisíaco poderia parecer contraditório quando se trata do espírito da tradição Theravada, mas se justifica em referência à inclusão destas meditações clássicas em um contexto terapêutico que comporta uma visão teórica que, diferente de todas as escolas espirituais tradicionais, afirma a necessidade de desfazer-se do espírito repressivo, de reintegrar a vida instintiva, e de não confundir nosso ‘animal interior’ com as necessidades neuróticas resultantes de sua repressão crônica na cultural patriarcal. (NARANJO, 2014, p. 23).

O apolíneo da tradição grega é o que mira desde a neutralidade e que tem a capacidade de atirar flechas para destruir monstros. Naranjo atualiza com metáforas para desconstruir os “pecados”, desse *ego-paixão*, núcleo neurótico da personalidade, que se realiza por uma mirada neutra no processo transferencial, própria às análises de cunho freudianas, um olhar de sabedoria, digamos assim, que no âmbito das tradições meditativas, corresponde ao desapego, ou seja, soltar as amarras do sofrimento que se traduz pelo excesso de desejo e paixões, origem do sofrimento.

A *indiferença criativa* de Friedlaender (2007), a quem Perls (2002) se referia como a grande influência filosófica do seu pensamento - ou ponto-zero, de onde podia integrar os conflitos internos em que, o elemento de neutralidade, de desdramatização, desidealizada, que podemos ver na análise do self do senhor X realizada por Kohut (1977, págs. 142-153) quando compreende a análise de um paciente em dois estágios distintos, um que se aferra aos movimentos intrapsíquicos de um aparelho mental, e outro que compreende as relações interpessoais como a maturidade do processo terapêutico na construção do self.

Por outro lado, o dionisíaco é uma oposição a esse estado meditativo clássico de desapego, que é também uma idealização quando se opõe aos desejos naturais, instintivos do nosso ‘animal interior’, que nos remete a esse cérebro arcaico réptil, algo que não devíamos controlar, reprimir, pelo contrário, sustentar um ambiente acolhedor para a expressão dessa disposição afetiva, uma energia que as tradições orientais chamam de *kundaline*, e os reichianos e neorreichianos atribuem a uma bioenergia, que outra coisa não é senão as micro fibrilações dos próprios músculos e vísceras, que desde Kretschmer (1967) e Sheldon (1971) estão dadas nas variedades dos temperamentos e constituição das biotipologias.

Podemos apreender, então, que esse “fenômeno energético”, o serpentear da *kundaline*, como o propriamente dionisíaco, que no contexto meditativo se traduz numa fé no

organismo, fenômeno autopoietico, que a Gestalt compreende como autorregulação orgânica, conceito chave da própria clínica de psicoterapia.

Logo, torna-se compreensível absorvermos que o equilíbrio das três inteligências, ou seja, os três cérebros: o reptiliano, o límbico e o neocórtex, são chaves para uma *práxis* curativa e tem como meta liberar a instintividade natural do organismo, criminalizada pela cultura, como sabemos foi a tarefa inicial de Freud, quando afirma que também somos animais e devemos reintegrar essa disposição, da vida animal, que está fora do alcance da vida cotidiana da sociedade.

Consequentemente, a via poética é uma proposta de ampliar esse propósito freudiano desde a Gestalt terapia, em que a dramatização desses personagens, *ego-tipos*, são postos a descoberto pela hermenêutica iluminativa, desconstrutivista numa representação das próprias paixões, dadas pelo eneagrama da personalidade, identificações neuróticas que se leva a efeito em vivências e exercício, muito das vezes oriundos do próprio campo relacional, o *setting* terapêutico construído pela interação dos elementos que o constituem, as pessoas mesmas.

Algumas técnicas de meditação são exploradas por Naranjo (2005, 2014) nas quais se delineiam inúmeras formas de meditação dirigidas que conduzem os processos que orientam as terapias, em especial a *Vipassana*, que se constitui de inúmeras variantes de atenção, que se concentram sobre o corpo, as emoções, o nível motivacional das experiências, o pensamento ou a atenção mesma de um observar a si mesmo.

Faz-se necessário acrescentar também o que se compreende como *Shamata*, um aquietar-se que na ordem da experiência é um deixar ser, uma prática que possibilita o contato com uma experiência interior que propicia compreender as dinâmicas do sofrimento representadas no *ego-paixão*, do ponto de vista de um observador, na linguagem da Gestalt corresponde ao que Perls atribuía a *indiferença criativa*, ou seja, um ponto zero, no qual se pode ter uma experiência que nos permite um ajuste criativo, autopoietico na revelação dos processos que constituem o si mesmo, o Self como a pessoa total.

Seja como for, o fundamental nessa via meditativa nas relações terapêuticas, o que devemos pôr em evidência é o processo de transformação operado por essas intervenções, que podemos considerar como a viagem interior da qual fala Naranjo, que nada mais é do que um processo de amadurecimento que vai da inconsciência para a consciência desperta, da agressividade (avidez e aversão) à capacidade de amar, que são os elementos constitutivos da tríade básica do próprio psiquismo humano e se manifestam desde a primeira infância, na criança como uma estratégia para safar-se de um ambiente potencialmente perigoso em prol

de uma liberdade para uma maior capacidade amorosa, um entregar-se à vida em sua plenitude, como predica Naranjo no seu poema paradigmático, um abraço a três.

Levando em conta a compreensão sobre os paradigmas, desde Kuhn (1987), e seu desdobramento nas ordens transmatricial levada a cabo por Figueiredo (2020), no fundo as escolas psicoterápicas parecem que creem em poucas coisas, em ideias que compartilham em pequenos grupos, mas como se diz no pensamento holístico, fundamento dos gestalt terapeutas, que o todo não se pode compreender na soma das partes, pois é necessário ver as coisas em conjunto, ao mesmo tempo, devolver ao paciente sua capacidade auto terapêutica, através da compreensão (*verstehen*) e uma bondade real, que se implica nos processos, o todo do ambiente que se revela por contágio, apoio nos processos de cura.

Assim sendo, parece inadiável que se compreenda, diante da trágica situação social, que as escolas psicoterápicas tenham algo próprio que podem aportar ao desenvolvimento de uma maior consciência dos processos que nos releve que ao fim e ao cabo estamos todos no mesmo barco que naufraga, como diz Naranjo, é a civilização mesma a grande crise, pois o contrário são as terapias que estão a serviço na adaptação a uma sociedade enferma, já desde muito tempo, e se perde a potência da própria psicoterapia como um instrumento educativo, em certa medida a clínica mesmo que realiza uma atividade potencial desse ajustamento macabro.

Portanto, a hermenêutica iluminativa, em sua máxima potência desconstrutivista, um *ato poético* criativo, tanto quanto disruptivo, que passa à integração desses estranhos mundos que parecem irreconciliáveis desde uma visão unicista de paradigmas, para uma compreensão transmatricial que abre um horizonte de perspectivas para a construção de uma nova psicologia, a psicologia dos eneatis, como aporte a uma nova civilização, utopia que não podemos declinar sob pena de uma degradação terminal que nos alcançaria cedo ou tarde, como profetiza Freud (1930, p.121) sobre um mal estar na civilização: “a meu ver, a questão decisiva para a espécie humana é saber, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição.” Algo que nos parece tão atual quanto de sua data profética.

4.3 Os egotipos: as relações transferenciais.

Na psicanálise tem-se falado em muitos tipos de transferência, particularmente desde que entraram em circulação os conceitos de Kohut sobre a transferência narcisista e transferência em espelho, mas não me parece que se tenha explorado sistematicamente a relação entre o caráter e a transferência; e creio que seja válida a crítica...a psicoterapia freudiana tradicional quando esta pretende explicar o presente

a partir de situações passadas sem passar em sua explicação pela personalidade do paciente [...]. (NARANJO 2015, p. 12).

Segundo Laplanche e Pontalis (2012), a transferência é o processo pelo qual os desejos do inconsciente se atualizam sobre determinados objetos em certo tipo de relação que estabelecem com eles, e de modo especial estão dadas nas relações analítico-terapêuticas. De acordo com a compreensão da psicologia dos eneatis, trata-se da repetição de protótipos de infância vividos com o sentimento atual. A contratransferência, por sua vez, é entendida como a influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes do terapeuta.

É importante destacar que Laplanche e Pontalis distinguem duas possibilidades na contratransferência, tudo o que pode intervir na cura e que vem do analista, mesmo que não tenha sido provocado pelo paciente, e os processos que o analisando provoca no terapeuta.

A contratransferência também pode ser entendida como a reação do terapeuta à transferência do paciente. Assim, por um lado, há tudo o que o paciente sente, vivência, projeta com ou sobre o terapeuta e que não se baseia apenas no que está acontecendo no momento presente, e por outro lado, movimentos que têm suas raízes nas experiências são adicionados ao passado do paciente.

Da mesma forma, a contratransferência é tudo o que o terapeuta sente, percebe e projeta no paciente, o que é causado tanto pela troca presente quanto pelas experiências de experiências vividas no passado do terapeuta. Portanto, na relação terapêutica concreta constatamos que há uma grande variedade de experiências que se cruzam e se influenciam, e desvendar esse labirinto será uma boa parte do trabalho terapêutico.

Outrossim, transferência e contratransferência pressupõem em si mesmas um permanente processo de criação que gera uma distorção, uma realidade que não responde a processos conscientes ou voluntários nem do paciente nem do terapeuta. Do ponto de vista da Gestalt, trata-se de reconhecer os aspectos transferenciais e contratransferências que ocorrem no presente, entendendo-os não como uma forma de repetição do passado, mas como formas de organizar o presente onde nos situamos.

Seja como for, as dificuldades dos relatos pessoais que acompanham as vinhetas transcritas no apêndice 1 são os testemunhos da hermenêutica iluminativa, que é da ordem de uma linguagem poética, *autopoiésis*, que desvelam esse mapa orientador - o eneagrama da personalidade - e nos reenvia a um estado de ser, um retornar à consciência que permite nos relacionarmos com o real, uma presença atualizada no tempo, isto é, um processo de autorrealização em que o tempo vivido é a experiência de si mesmo, *awareness*, em que o contato genuíno estimula nossa *sabedoria orgânica* numa relação fluida com o ambiente,

não de um eu idealizado em que o afastamento de si está condicionado por fantasias que nos afastam da realidade, de outrem, o “obscurecimento ôntico”, que pode ser visto, por exemplo, na filosofia do diálogo de Martin Buber (2003):

A pessoa tem consciência de si como participante do ser, como um ser-com, como um ente. O egótico toma consciência de si como ente-que-é-assim e não de outro modo. A pessoa diz: eu sou; o egótico: eu-sou-assim. Conheço-te a ti mesmo para a pessoa significa: conhece-te como ser; para o egótico: conhece o teu *modo de ser*⁵² (BUBER, 2003, p. 74).

O afastamento dos outros, torna-se, então, um processo de adoecimento, uma tipificação em que cada indivíduo, ou tipo humano que reflete um padrão enferma-se na sua ‘individualidade imprópria’, que a psicologia dos eneatis tipos expressa em nove ego-paixões ou necessidades neuróticas, uma maneira de ver as coisas, ao que comumente nos referimos como “pensamentos irracionais”, ou “ideias loucas” na tradição do eneagrama e, que, frequentemente, estão ligadas ao ponto de vista da personalidade, por isso, diz Cláudio (2017, p.155) que, “perguntarmos, também, se no caso dos filósofos de vocação que tenham deixado marcas na história do pensamento ocorre que seus pontos de vista estão, também, estreitamente ligados à sua personalidade.”

Em vista disso, não são apenas as histórias e as narrativas de pessoas e terapeutas experimentados na psicologia dos eneatis tipos, ou dos *egotipos*, mas as próprias matrizes que constituíram a clínica, como a teoria das pulsões, a psicologia do ego, a teoria das relações objetais, a psicologia do self, a psicologia das orientações relacionais e outras, como a biologia do conhecer, em suas respectivas implicações para a conceitualização do comportamento e do caráter, que despertam a atenção para às inferências que podem ocorrer por meio da observação de pessoas através desses diferentes olhares.

Desta forma, as histórias e autobiografias de personagens históricos, poetas, filósofos, personagens do cinema, da literatura como os ego tipos de Shakespeare, ou Balzac, como já se disse, desde os caracteres de Teofrasto (1978), discípulo herdeiro da tradição aristotélica, se tornaram as fontes naturais de pesquisa para a psicologia dos eneatis tipos, de modo que, se pode dizer que é a vida em seu acontecer, que se atualiza a cada vez no tempo vivido, experienciado, que orienta essa psicologia, uma *via autopoietica*, que põe a descoberto o próprio do ser humano em seu ser.

Cláudio Naranjo ao construir a *psicologia dos egotipos* adota, portanto, um critério que acredita na experiência, nas vivências de cada momento, a cada instante de um ser

⁵² Grifo nosso.

vigilante que não é restritivo a objetividades dos fenômenos da experiência, pelo contrário, aposta numa imensa liberdade para criar, brincar e ser, um estar presente a si mesmo e a outrem. Assim, o que se chama de relações transferências num suposto espírito das “análises da transferência”, aqui é simplesmente a maneira como a personalidade do terapeuta ou do paciente interfere desvelando jogos manipulativos na relação terapêutica

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inevitável seria uma comparação entre o eneagrama da personalidade e os compêndios classificatórios de enfermidades psíquicas, aos quais nos referimos durante essa investigação. Entretanto, não podemos esquecer que a aplicação desse conhecimento é uma *práxis*, que resulta da investigação do Dr. Naranjo ao longo de toda uma vida, podemos assim dizer, uma viagem fenomenológica sobre os desafios da condição humana desde os primórdios do nascimento do bebê.

Por conseguinte, acreditamos que essa nova psicologia, psicologia dos *egotipos*, ou eneatispos como nomeia o Dr. Naranjo, vem para modificar os processos de acompanhamentos clínicos, além de revelar-se como um poderoso instrumento de autoconhecimento, pois suas ramificações com outros saberes impactam não apenas na clínica psicoterápica, mas também na formação geral do homem pós-moderno, uma verdadeira *paidéia*. Ou seja, abarca a cultura, a literatura, as tradições sapienciais, e a educação, na qual se revela um *ethos originário* na própria constituição da mente humana. Sendo assim, o que está em jogo, tem como meta uma psicologia da consciência, porventura uma política da consciência que enfatiza um sistema baseado na cooperação em que a existência de estruturas democráticas tanto no seio da família como em todas as instituições sociais, reflitam uma cooperação igualitária entre mulheres e homens e a crença de que a natureza promove relações empáticas e de respeito mútuo que busca compreender os processos em que as necessidades da própria civilização se constituem como um ideal de humanidade.

Além de estabelecer os fundamentos dessa nova disciplina, a psicologia dos eneatispos, o passo inicial, dado aqui na investigação dessa entidade, a personalidade humana, através do eneagrama da personalidade, cumpre um papel que podemos dizer que abre caminhos nessa clareira iluminativa, a consciência de si, como ficou demonstrado nessa investigação. Através dos depoimentos de pessoas sobre seu desenvolvimento profissional, que são verdadeiros relatos de crescimento de sua humanidade, nos quais o espírito de uma análise dos processos transferenciais, que é próprio à formação dos terapeutas, se mostra não no sentido de projetar sobre o presente percepções ou respostas ao passado, mas sim em viver desde o viés de nossas percepções e condutas, que desvelam nossa personalidade no tempo presente, aqui-e-agora.

É oportuno afirmar que uma investigação para cura de si mesmo, ou como se diz nas hostes dessa tradição, para a “vocação de curar almas”, não se apoia em teorias e técnicas, e sim na experiência pessoal do caminho interior percorrido, e em sua criatividade.

Vale ressaltar que, ao enfatizarmos a estrutura triádica básica da formação da personalidade, não se discorre sobre toda as aplicações do eneagrama, como o eneagrama das patologias, dos mecanismos de defesa, ou o eneagrama das virtudes em contraposição aos pecados (as paixões), todavia a compreensão originária e original, uma mudança paradigmática, que incide sobre toda formatação do psiquismo desde os primórdios da teoria estrutural da mente, para a construção de uma nova clínica liberta das classificações e patologização das relações humanas presente em manuais e compêndios da psiquiatria como conhecemos. Essa é nossa esperança!

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2002.
- ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*. Col. Os pensadores, v. 4. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.
- AUGRAS, M. *O ser da compreensão - Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1978.
- BALINT, M. *A falha básica. Aspectos terapêuticos da regressão*. São Paulo: Ed. Zagodoni, 2019.
- BERN, E. *LA INTUICIÓN y el Análise transaccional*. Sevilha: Ed Jerder, 2010
- BERTALANFFY, L von. *Teoría general de los sistemas*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 2006.
- CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus, mitologia criativa*. São Paulo: Ed. Palas Atenas, 2010.
- CARNEIRO LEÃO, E. *Aprendendo a Pensar I*. Teresópolis, RJ: Ed. Daimon, 2008.
- _____. *Aprendendo a Pensar II*. Teresópolis, RJ: Ed. Daimon, 2000.
- _____. *Aprendendo a Pensar III*. Teresópolis, RJ: Ed. Daimon, 2017.
- _____. *Filosofia Contemporânea*. Teresópolis, RJ: Ed. Daimon, 2013.
- CASSIN, B. (coord.). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. v. 1 - Línguas. SANTORO, Fernando; BUARQUE, Luísa (orgs.). Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.
- CHOMSKY, N. *Sobre Natureza e Linguagem*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2018
- DAVIS, B. F. (org.). *Heidegger - conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010a.
- DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2000.
- DIAS OLIVEIRA, E. *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. São Paulo: Editora DWW, 2017.
- GADAMER, H. *Hermenêutica em Retrospectiva*, v. 1, 2, 3,4 e 5. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2017.
- _____. *O Caráter Oculto da Saúde*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2006.
- ESTEVES VASCONCELOS, M. J. *Pensamento Sistêmico - o novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2002.

FIGUEIREDO, L. C. *As diversas faces do cuidar*. Ed. Escuta. São Paulo 2020

_____. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1989.

_____. *Revisitando as Psicologias - da Epistemologia à Ética, das Práticas e Discursos*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.

FIGUEIREDO L. C.; JUNIOR COELHO, N. *Adoecimentos psíquicos e a estratégia de cura*. São Paulo: Ed. Blucher, 2019.

FULGÊNCIO, L. *O Método Especulativo de Freud*. São Paulo: Ed. FAPESP 2008

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 2006.

FREUD, S. *Obras Completas*, 1912-1913. v. 11. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

_____. *Obras Completas*, 1913-1914. v. 13. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

_____. *Obras Completas*, 1923-1925. v. 19. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

_____. *Obras Completas*, 1925-1926. v. 20. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

_____. *Obras Completas*, 1932-1936. v. 22. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

_____. *Obras Completas*, 1937-1939. v. 23. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

FRIEDLANDER, S. *Pequeña Antología*. Madrid: Ed. Mandala, 2007.

FRITZ, PERLS. *A Abordagem Gestáltica*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1988.

_____. *Ego, Fome e Agressão - uma revisão da teoria do método de Freud*. São Paulo: Ed. Summus, 2002.

_____. *Sueños y Existencia - Terapia Gestalt*. Santiago, Chile: Ed. Cuatro Vientos, 2009.

FULGÊNCIO, L. *O método especulativo de Freud*. São Paulo: Ed. FAPESP, 2008.

_____. *Psicanálise do Ser*. São Paulo: Ed. USP, 2020.

HALL, C. S; LINDZEY, L. CAMPBELL, B. C. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Ed. Artmed, 2008.

HARADAS, F. H. *Iniciação à Filosofia*. Teresópolis, RJ: Ed. Daimon, 2009.

HARTMAN, H. *The Psychoanalytic Study of the child*, Feb 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00797308.1950.11822886>. Acesso em: 11 abr. 2022.

HEIDEGGER, M. *Caminhos de Floresta*. Ed Calouste Gulbenkian 1997

_____. *Essais et conférences*. Paris: Ed. Galimard, 1958.

_____. *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles* - Indicação da situação hermenêutica - Informe Natorp. Madri: Ed Trota, 2002d.

_____. *A caminho da linguagem*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2003.

_____. *Hinos de Hölderlin*. Ed. Instituto Piaget. Lisboa 1979

_____. *Hitos*. Madrid: Aleanza Editorial, 2007.

_____. *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 2006.

HENDRICK, I. *Work and the pleasure principle*. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21674086.1943.11925533>. Acesso em: 6 jun. 2022.

HORNEY, K. *El Proceso Terapêutico, Ensaio y conferencias*. Barcelona.: Ed La Llave 2003

_____. *La personalidad neurótica de nuestro tempo*. Baecelona: Ed. Paidós, 2010

KIRK,G.S; RAVEN,J.E; SCHOFIELD,M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*.Lisboa: Ed Calouste Gulbenkian 1994

KLEINE, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

KRETSCHMER, E. *Constitución y Carácter*. Barcelona; Ed. Labor 1967

KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

KUPERMANN, D. *A virada de 1928: Sándor Ferenczi e o pensamento das relações de objeto na psicanálise. 1928's turning point: Sándor Ferenczi and object relations thought in psychoanalysis*, abril 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000100004.

Acesso em: 19 abr. 2019.

LAING, R. D. *O Eu dividido*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1982.

LIMA VAZ, H. C. *Escritos Filosófica IV: Introdução à Ética Filosófica*. 1 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LINGIARDI, V.; MCWILLIAMS, N. *Psychodynamic Diagnostic Manual - PDM-2*. The Guilford Press -London 2017

LAO-TZU. *Tao-Te-King*. São Paulo: Ed.Pensamento, 2000

MACLEAN, P. *The triune brain in evolution: role in paleocerebral functions*. New York: Ed. Plenum Press, 1990.

MALHADAS, D; SARION, H. *Teofrasto: Os Caractéres*. São Paulo: Ed. E.P.U, 1978

MARIOTTI, H. *Autopoiese, cultura e sociedade*.

Disponível em: <http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MATURANA, H. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 199

MEZAN, R. *O Tronco e os Ramos - Estudo psicológicos da história da psicanálise*. São Paulo: Ed. Blucher, 2014.

MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro : Ed. Bertrand 2001

NARANJO, C. *La vieja y Novísima Gestalt - Actitud y Práctica de Un Experiencialismo Ateórico*. Santiago, Chile: Ed. Cuatro Vientos, 1990.

_____. *Cosas que vengo diciendo...* Buenos Aires: Ed. Kier, 2005.

_____. *El Eneagrama De La Sociedad*. Madrid: Ed. Yemas de Hoy, 1995.

_____. *Por Una Gestalt Viva*. Vitória-Gasteiz, España: Ed. La Llave, 2007.

_____. *Carácter y Neurosis - Una Visión Integradora*. Barcelona: Ed. La Llave, 2008.

_____. *La Mente Patriarcal*. Barcelona: Ed. Integral, 2010.

_____. *Sanar la Civilización*. Vitória-Gasteiz, España: Ed La Llave, 2009.

_____. *La Revolución que Esperábamos*. Barcelona: Ed. La Llave, 2013.

_____. *Ensaio sobre a Psicologia dos Eneatipos*. Barcelona: Ed. La Llave, 2017.

_____. *La raíz ignorada de los males del mundo e del alma*. Barcelona: Ed. La Llave, 2017.

_____. *Ascenso y descenso de la montaña sagrada*. Santiago-Chile: Ed. Vergara, 2019

_____. *Terapia Gestalt*. Barcelona: Ed La Llave, 2017.

NARANJO, C. et al. *Una era para la consciência*. Madrid: Ed. El Gran de Mostaza. 2019a.

Disponível em:

https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/personality/paixoes_patologias_e_motivacoes_neuroticas_portuguese.pdf. Acesso em: 28 mai. 2022.

PERLS, F. *A Abordagem Gestáltica e Testemunho Ocular da Terapia*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1988.

_____. *Ego, Fome e Agressão, uma revisão da teoria do método de Freud*. São Paulo: Ed. Summus, 2002.

_____. *Sueños y Existencia, Terapia Gestalt*. E Santiago: Cuatro Vientos, 2009.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Ed. Summus, 1997.

RICOEUR, P. *Na Escola da fenomenologia*. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2009.

RILKE, R. M. Rilke: poemas completos - Trilogia Rilke. Lebooks (ed.). Edição do Kindle, 03 nov. 2021.

SHELDON, W. H. *Las variedades del temperamento*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1972.

SOUZA, P. C. *As palavras de Freud - O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1988.

STERN, Donnell B. The psychoanalytic study of the Child. Read at the Convention of the American Psychoanalytic Association in Montreal May 1949. *Prepared for the Porto Alegre Psychoanalytic Society*, august 2020.

WIEL, P.; LELOUP, J-Y; CREMA, R. *Normose*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2013.

_____. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990.

_____. *O Brincar e a realidade*. São Paulo: UBU Editora, 2019.

_____. *Da pediatria à Psicanálise*. São Paulo: UBU Editora, 2021.

_____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ed. Martins Fonte, 1999

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. *Peragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Ed Cultrix, 2015.

APÊNDICE 1

As vinhetas (tradução realizada pelo autor)

Esses relatos foram produzidos de acordo com a provação de Claudio Naranjo sobre como se avaliavam experientes terapeutas que contribuíram ao longo dos últimos trinta anos para a construção da Psicologia dos Eneatipos, o que implica dizer que essa nova disciplina é uma obra coletiva que teve no gênio de Naranjo (1995, 2008, 2008a, 2012) sua condução e sistematização enquanto uma ciência da psicologia e psiquiatria geral. Os relatos foram publicados com o título proposto por Naranjo (2015): *El carácter en la relación de ayuda: Eneatipos y transferencia*.

Os depoimentos são referentes às condições básicas da estruturação do psiquismo, que têm origem na psicologia budista ao explicar os “três venenos” da degradação humana que impedem uma visão do homem sobre si mesmo. As paixões da vaidade, da covardia (medo) e da preguiça (acídia) tríade originária da estrutura básica da psique de acordo com o eneagrama da personalidade de Naranjo, que estão orientadas, respectivamente, pela avidez, aversão e inconsciência.

Na visão freudiana a neurose universal consiste basicamente na intervenção da vida instintiva, ainda que tenha se concentrado na interferência das primeiras manifestações do desejo sexual, na estruturação do psiquismo. Como vimos, na teoria dos três amores, essa concentração é rompida pelas três figuras da parentetização ou, as três pessoas interiores, pai, mãe e filho, que promovem uma mudança paradigmática na estruturação do psiquismo. Já não é apenas eros, mas também ágape e philia, as disposições amorosas que interferem diretamente na organização da vida mental.

Egotipo 3 Social: Vaidade (E3 Social)

Por Maria Zambrano

Nós, os vaidosos, necessitamos prestar atenção à forma que arruinamos nosso contato, porque mesmo a menor pretensão da honestidade e da sinceridade é uma pretensão que oculta sutilmente a necessidade de atingir o brilho de uma boa imagem.

Se sou meu próprio instrumento nesse ofício, tenho que refinar a escuta contratransferencial que, como as notas musicais, vem mostrar meus aspectos negados de caráter, que também compõem a relação com o outro. Trata-se, portanto, de encontrar o lugar

para retornar à experiência íntima e descontraída de ser e ouvir, para conter o automatismo e ir transitando desde o que coloco no outro para o que convivo com ele.

Como pacientes ou terapeutas, nós, os *ego-vaidosos*, buscamos socialmente adulação externa, brilho, reconhecimento social e a compulsão de fazer um nome para nós mesmos e tentar causar um efeito no outro. Seguimos o impulso de comunicar para confirmar algo que ninguém pode confirmar dentro de nós.

De que maneira a personalidade interfere no aproveitamento da terapia para um *egotipo 3* vaidoso social?

Como um paciente vaidoso social se deixa perturbar por quem está a sua frente? Ao longo do processo de terapia, tenta controlar a situação tomando diferentes caminhos: O autoengano.

Apresentamo-nos ao terapeuta mostrando o currículo das nossas conquistas profissionais e pessoais, em que a música não é mostrada, como se não existisse. Nós vamos à terapia para resolver alguns problemas e pretendemos concluí-los de forma rápida e eficiente.

Dessa forma, reproduzimos o mandato interno de fazer bem as coisas e, assim, alcançar a alegria familiar. A eficiência torna-se uma forma de desafio, e alcançar o "sucesso" torna-se a meta que nos cega. Senti que, com algumas sessões, os problemas seriam resolvidos, que tinham que ser transmitidos em pouco tempo, em alguns meses e pronto.

Mostrar que não sei é monstruoso. Mostrar o vazio de não saber é a coisa mais difícil na terapia. Lembro-me do meu processo em uma dinâmica de forçar a mentira, esforçando-me para ser um bom paciente. Empenhar-me para acreditar que o terapeuta é bom para mim, mesmo que eu não me sinta assim, esforço-me quando sinto que não quero estar lá em vez de acabar com isso. Mentir e dizer que é um sucesso prolongar a terapia, já que um fim seria um fracasso.

Na transferência, lembro-me sobretudo das defesas que tive com o terapeuta. Por um lado, foi ativado em mim o desejo de ser uma boa paciente, uma repetição infantil de ser uma boa criança para a mãe, que tinha que ser amada para obter sua aprovação por baixo, nessa relação ambivalente havia medo e uma sensação ameaçadora de ser descoberta. Esse aspecto é o que apartava da minha consciência, deixando apenas a ideia de que estava tudo bem.

O crack foi a morte do meu pai e quando senti a dor amenizei. Foi uma roupagem que coloquei para os outros; eles estavam no nível preparatório e eu estava em outro nível.

Somente através de um golpe na vida, como a separação de um casal, uma crise no trabalho ou os lutos pela morte de alguém, nos atrevemos a procurar e abrir mais a porta. É

preciso uma longa jornada para aceitar e se render ao fato de que existe uma verdade interior que não é o que os outros valorizam.

A sedução.

Diante da ansiedade produzida por deixar de fazer as coisas, interferimos no processo tentando desempenhar um bom papel com os pacientes e escondendo do terapeuta a parte desconfortável para salvar nossa boa imagem. Tendemos seduzir o terapeuta com simpatia, mostrando o que consideramos mais apropriado no contexto para encobrir nossa experiência de nos sentirmos perdidos ou desajeitados. A sedução é então uma defesa que nos distancia da confiança, de tal forma que, se o terapeuta cair em nossa rede, projetamos nele a sedução e questionamos sua capacidade de ajudar. Por essas razões, só começamos a confiar no terapeuta quando ele nos impõe limites.

Eu estava tentando seduzi-lo com simpatia sendo espirituosa. Isso me permitiu dizer o que eu queria no momento certo. Embora o terapeuta estivesse lá para me ouvir, eu tinha pouca vontade de dar passos. Preciso saber que você vai me tratar bem. Eu também tento ser gentil e bom para evitar sentir a ferida. Dediquei muita energia para convencer os outros a ir à terapia e encaminhei os pacientes ao meu terapeuta esperando que ele me apreciasse mais.

Eu estava tentando adivinhar quais eram os valores do terapeuta e torná-los meus em algum comentário durante a sessão. Não importava o que o terapeuta pedisse, eu contava tudo, mesmo que fosse algo bem escondido, coisas muito íntimas ou constrangedoras. Tentei adivinhar do que ele ia gostar e, se tudo tivesse que ser contado, eu o faria. Eu não percebia por que estava fazendo aquilo, não sabia o que estava acontecendo comigo na relação terapêutica.

O fato de trazer muitos pacientes, imaginando que ele gostaria, acabou sendo uma dificuldade na terapia até que um dia ele me disse: “- Trouxe tanta gente ligada a você que está na hora...”

Claro, nunca me ocorreu duvidar da qualidade da pessoa que me propôs e então comecei minha próxima terapia.

A sedução era para mim uma defesa que me impedia de ver o quanto eu estava desconectado de mim mesmo. Enquanto me divertia tentando agradar e satisfazer as expectativas que projetava em meu terapeuta, não assumi a responsabilidade pelo que estava acontecendo comigo. A situação logo ficou frustrante porque meu terapeuta não respondeu às minhas propostas e isso me deixou desolada. Como era possível que não pudesse seduzi-lo?

Esse comportamento automático de conseguir o que queria não estava funcionando. Se eu não consegui sua admiração e meu brilho, qual era o sentido disso? Esse fracasso abriu o

contato com a angústia, um sentimento de rebaixamento a um nível que eu nunca havia experimentado conscientemente.

Fale e não sinta.

Falamos para não aturar as lacunas e tentamos controlar o que o terapeuta diz: a questão é que não há nada fora do lugar. Sentir significa entrar em contato com nossa parte tímida e tímida, assim fugimos do contato real com nós mesmos e por isso nos custa muito estarmos em contato com o outro. Ao entrar em contato comigo, o que aparece é medo, porque no fundo há muito medo do que emana. Continuo muito desconcertada, sem referência ao fato de que o que sai de mim é meu. Por isso há um constante processo de reinvenção, com mudanças de cargo, profissão, orientação sexual, país ou cidade, ou amizades. Assim, surge um novo personagem que não é uma associação de outros personagens anteriores, porém algo novo.

Enchi as sessões com palavras, ideias, conceitos, para não sentir, todavia no fundo tinha muito medo. No entanto, quando me levo a sério e sinto, as palavras saem poucas e claras. Quando estou em contato com a emoção, sou bem compreendido.

Agressividade e raiva: evite uma imagem ruim.

Negamos nossa má imagem e por isso passamos muito tempo tentando garantir que apenas a boa apareça. Em outras palavras, é muito difícil para nós mostrar a transferência negativa, também é muito difícil mostrar raiva, agressividade e raiva na terapia.

Tendemos a retrofletir e somatizar em uma autoagressão cega que se mostra claramente no contexto do trabalho e do casal. Portanto, o terapeuta precisa ter paciência para que possamos transparecer essa parte de nós mesmos. No fundo, competimos com o terapeuta que busca ser o “melhor” e tentamos provar isso a ele. A cada momento, se construo o sucesso, construo-me porque sou uma construção permanente. Desta forma, o prazer é. Os aplausos virão. Mesmo quando estamos profundos, não perdemos de vista a esperança do aplauso.

Estou apenas nos olhos deles, só dou pão aos olhos deles e eles têm que ver algo bem-sucedido. Se eu não lhes der, o quê? Vamos ver, bem, nada.

A identidade depende desse sucesso porque, do contrário, resultaria uma desintegração, ou seja, uma dor enorme se os aplausos não vierem. A questão essencial que me dispara é ter que fazer o outro ver que sou brilhante e que acertei no alvo. Isso é mais importante do que qualquer outra coisa, o resto é secundário. Para conseguir isso, tudo pode ser usado, incluindo a conexão real e completa, mas usado para esse propósito principal.

Outro limite dos três sociais como terapeuta é o reconhecimento do verdadeiro sentimento.

Diante do paciente questiono se o que devolvo é autêntico ou melhor o que ele espera. Procuo não me adaptar ao outro e a partir dessa exigência estou exigindo que o paciente não possa ter assuntos cegos e não possa mentir. Portanto, é muito difícil ter um paciente que mente para mim. Muitas intervenções minhas são: “Eu não acredito no que você está me dizendo. O que você está me dizendo, eu não acredito que seja assim.”

Esta parte da nossa hesitação entre confiar no que sentimos ou não. Quando entramos em contato com o que consideramos verdadeiro, com o que sentimos, nem sempre o expressamos porque não nos interessa muito as palavras, nem mesmo as palavras que a paciente expressa.

Além disso, geralmente somos incapazes de simpatizar com a resistência do paciente e por isso é especialmente difícil para nós acompanhar pacientes com uma transferência negativa, a quem não é possível vender uma solução.

Com eles, o pragmatismo e a busca por recursos são acionados, pois esses recursos acabam sendo questionados e, por fim, nos impedem de compreender as causas de sua defesa. Nessas situações, a saída é parar, não ser cobrado e ir aos poucos devolvendo ao outro a responsabilidade do que está acontecendo.

Outro aspecto da contratransferência é a impaciência, que se torna visível em certa reação ao impasse e ao medo de não dá conta, de escorregar. Um exemplo desse fato é que a experiência de não se sentir capaz de ajudar a paciente, desperta em nós o que não podemos tolerar. Se o paciente não muda ou não melhora ou não entende, não posso esperar por ele. Suponha que há muito tempo, estou descendo e não aguento. O que aparece é a dificuldade em respeitar o ritmo do paciente em sua própria descoberta, embora em muitas ocasiões prevaleçam nossos critérios e prefiramos seguir na direção que escolhemos, a ousar caminhar junto com o paciente por um caminho ainda não traçado em que tememos perdermos. Eu tendo a me perder no cuidado ao paciente e ser superprotetora; o que acaba impedindo seu crescimento.

É uma repetição da minha necessidade de hiper proteção que ocorre em outras facetas da minha vida. Mas claramente não serve ao paciente porque acaba produzindo uma estagnação no processo. No outro dia, um paciente entrou na sessão irado. Ele estava me provocando com seus comentários sobre algo no escritório que ele não gostava e então me disse: “- Você está com a cara feia, está cansada? Perguntei se ele estava chateado com

alguma coisa, ao que ele respondeu: Não, é que você cuida demais de mim e às vezes eu quero te incomodar.

Embora neste caso fosse um paciente que tendia a evitar o contato afetivo, percebi que na interação eu tendo mais a agradecer do que a analisar o conteúdo da demanda do paciente.

Eu sabia a direção a seguir, mas perdi pacientes porque não consegui acompanhar em uma rota diferente da minha, porque a minha era melhor que a deles. Assim, as pessoas acabaram indo embora. Não tenho paciência para esperar o tempo que o outro precisa. Tenho a sensação de que se o paciente não melhorar, não posso esperar. Leva muito tempo e eu não aguento.

Para mim, se tem espaço para trabalhar com o paciente, sim; mas se eu perceber que o paciente não melhora ou não entende, aí eu desmorono e digo: “Não dá!”. Antes, se eu não sentia que o paciente estava se movendo, eu o mandava para o SAT⁵³, porque não tenho paciência para acompanhá-lo em um processo longo.

Acho que tendo a agir. Em muitas situações é minha forma de não suportar a angústia causada por uma situação que o paciente traz e que sinto que tenho que resolver e não sei como. Nesse sentido, tendo a me identificar com aspectos do paciente e entrar em acordo, o que acaba gerando uma perda da minha própria identidade, a partir daí perco minha capacidade introspectiva e a possibilidade de devolver a responsabilidade ao paciente.

Outras vezes me pego dando conselhos ou soluções para os pacientes. Nesses casos, não consigo ver como o outro delega sua responsabilidade a mim e como eu assumo automaticamente. Quando percebo, fico com raiva de mim mesmo, mas acho difícil ver que isso se deve à minha necessidade de encontrar uma solução na qual tento ficar bem na frente dele.

O custo da falsidade é não ser capaz de expressar o que realmente existe, nossos sentimentos autênticos, porque, em vez disso, geralmente mostramos os sentimentos corretos que moldam nossa rigidez.

Como sair da transferência em que o paciente pode nos fazer sentir onipotentes a partir do vínculo afetivo que estabelece conosco, para passar a vivenciar e, neste caso, mostrar erros ou sentimentos negativos que podem ameaçar a relação?

A saída dessa dinâmica é manter o foco em nós mesmos e em contato com o presente e com o corpo e tentar abrir mão da demanda. Trata-se de tomar consciência de nossas

⁵³ SAT é o programa desenvolvido por Naranjo pra acompanhar as pessoas durante 10 dias em regime de imersão.

necessidades narcisistas. À medida que o paciente nos proporciona satisfação ao nos valorizar por nossa condição de terapeutas, de alguma forma estamos usando isso; no entanto, seria uma questão de assumir essa circunstância, mas sem deixar de olhar para as reais necessidades do paciente.

Que facilidades encontra na sua atividade profissional um terapeuta por ser E3 social?

Temos a capacidade de descobrir as manipulações e reconhecer as máscaras dos outros. A gente consegue ver o que está de fora, ou seja, ver o que o outro mostra porque é um recurso que a gente usa muito. Além disso, temos alguma capacidade de «saber chegar a eles» desde a empatia e a simpatia. Temos a capacidade de observar de um lugar crítico, embora às vezes sejamos cruéis, especialmente quando nos deparamos com nossa intolerância.

Podemos, portanto, ser muito concretos e práticos no feedback e, ao longo do aprendizado como terapeutas, vamos alcançando um equilíbrio entre apoio e confronto.

Outra habilidade que com o tempo vamos lapidando é a de ter muito cuidado para não falsificar o contato físico, não falsificar o abraço ou apoio ao paciente, ou não fazer reconhecimentos gratuitos se estes não tiverem um significado expresso e se eles não forem sentidos como verdadeiros.

Por outro lado, como usamos muito a palavra, não confiamos em explicações ou discursos embelezados, que confrontamos diretamente. À medida que desenvolvemos a escuta e a ressonância corporal, nossas percepções e sensações serão a base do contato com nossa verdade e a partir daí poderemos observar os aspectos corporais e orgânicos do outro, reconhecê-lo e apoiá-lo com o que pode ajudar.

Como passamos por vazios, angústias ou lugares de “não fazer”, podemos habitar o silêncio e a partir daí ouvir de forma mais profunda para acompanhar com menos interferência e mais confiança. Um bom caminho para nós é nos separarmos do mundo para habitar um espaço onde possamos cultivar a esperança de experimentar o sentimento pelo sentimento, a fé pela fé; não é necessário um resultado porque já existe.

Quando observo como fico rígida no meu automático querer controlar a situação, querer entender tudo para me reconhecer como uma profissional séria que sabe o terreno que pisa, descubro que essa é a minha forma de não sentir medo ou insegurança, mas à custa de uma grande demanda interna que acaba por impedir o encontro real e sutil que surge entre os dois, o paciente e eu.

O que me ajuda é soltar o instinto, deixar os quadris se mexerem, ou seja, deixar o libidinal em sua dimensão mais dionisíaca se expressar e tomar seu lugar. Ficar um pouco

louco, ou seja, sair de uma sanidade espartilho me dando permissão para expressar o que me é apresentado.

Em outra dimensão, é libertar minha criança interior, experimentar a liberdade de soltar, soltar a estrutura pesada, mesmo correndo o risco de “fazer errado”. Isso me permite me livrar das teias de aranha e recuperar a confiança no orgânico.

Revelar os aspectos da contratransferência permite enriquecer a relação terapêutica, que é uma relação assimétrica e igualitária. O trabalho envolve perder o medo não só de assumi-lo, mas também de revelar o aspecto mais cortante, direto, abrupto, insensível e frio, que comumente inventamos. O trabalho também passa por nos mostrar a partir de nossa fragilidade, sem fazer para obter, mas apenas para acompanhar o que há. Mas isso também acontece deixando nossos cabelos soltos, não tendo medo de perder nossa imagem, reconhecendo o que é engraçado e rindo de nossa superficialidade.

Com a experiência de contarmos com nós mesmos e ser sem que sentirmos que somos o que fazemos, desaparece a desconfiança básica, que consiste em acreditar que somos os atores principais e que obter êxito depende de nós. Assim, à medida que cresce a experiência da inter-relação, aos poucos se abandona a vã esperança de que o outro esteja ali para nos fortalecer, e podemos vê-lo plenamente e em sua imensidão.

Quando esqueço minha necessidade neurótica de que o outro esteja lá para mim e o vejo realmente, há um êxito, pois é diferente daquele que procuro cegamente, porque é um sucesso onde o outro está e melhora, e eu sei que se esqueço, vejo e não julgo, se me apresento com amor, empatia, entre outros., isso é bom para o outro e também para mim.

Egotipo 6 Conservacional: Covardia/Medo (E6 Conservacional)

Por Claudio Billi

Como a personalidade interfere no uso da terapia para um egotipo conservação E6

Em primeiro lugar, a pessoa com esse eneatipo seis conservação, oscila entre a desconfiança do terapeuta e as altas expectativas do processo, o que torna a relação terapêutica insegura. Também porque a covardia do eneatipo seis não expressa claramente nenhuma das duas posições para manter o controle da relação. Dessa forma, fica difícil para ele elaborar o processo por não conseguir superar essa limitação.

Em segundo lugar, a falta de empatia e amor para com o terapeuta contribui para alimentar a desconfiança e o julgamento negativo sobre ele, o que é causado pelo fato de esconder seu próprio interior para controlar sua entrega na relação por medo.

Terceiro, a dúvida contribui para que as pessoas conservadoras do tipo 6 tenham baixas expectativas sobre o sucesso da terapia: "Vou precisar de muito tempo para obter resultados", "Não serei capaz de manter a disciplina de que preciso", não estou realmente pronto para o caminho que a terapia me pede", e assim por diante.

Por fim, a ideia de conflito e medo o impede de dizer o que gosta e o que não gosta na relação terapêutica, de modo que usa mais pretextos do que veracidade, o que não é honesto em qualidade.

Como um terapeuta é limitado em sua atividade profissional por ser E6 conservacional?

Os principais aspectos da personalidade da pessoa com eneatipo seis conservação que compõem seu estilo pessoal na convicção de uma terapia, e que ao mesmo tempo limitam suas possibilidades de experimentar novas opções no processo terapêutico são:

- 1) Tende a privilegiar o nível de explicação sobre o nível de compreensão: a tendência do terapeuta com esse eneatipo de buscar explicações é automática, o que o impede de mergulhar no fenômeno, ou seja, no que se manifesta tal como aparece. Portanto, uma maior capacidade de compreender o outro em nível fenomenológico o ajuda a contemplar o indivíduo como um todo e em seu ser imediato, deixando em segundo plano sua necessidade de construir hipóteses, mapas e categorias dentro das quais enquadra o que vê.

O desenvolvimento de uma maior capacidade de adiar essa necessidade e de tolerar a aparente incompreensão racional de determinadas manifestações, e ao mesmo tempo o desenvolvimento da capacidade de perceber a espontaneidade, são habilidades que fazem parte da evolução profissional do terapeuta com esse eneatipo.

- 2) É difícil para você estar em um nível de confronto por medo do conflito: para o seis conservacional, um estímulo para o processo de mudança surge quando você mantém suas próprias ideias em interação com o outro e aprende a defender seu valor.

Muitas vezes, o terapeuta com esse eneatipo interpreta erroneamente, como uma desvalorização do seu próprio ponto de vista, o fato de o cliente não ter entendido bem o que está afirmando, o que pode acontecer pela forma como ele se expressa, tanto confuso ou frouxo, ou ao contrário, muito rígido. Por isso, às vezes se surpreende ao perceber que o paciente simplesmente não entendeu, e que uma explicação mais clara e linear bastaria para que aceitasse o ponto de vista que lhe é proposto.

3) Em uma situação de confronto dentro da terapia, você tende a assumir uma atitude passiva em relação aos movimentos que poderiam ser esperados do paciente, embora também possa, de um momento para outro, propor mudanças de direção, correndo o risco de o paciente perceber uma ameaça excessiva.

4) É ambivalente sobre estabilidade e mudança: muita estabilidade gera tédio e sensação de peso, mas, por outro lado, muitas mudanças geram preocupação e medo.

5) Sente culpa em relação a possíveis erros terapêuticos e à fantasia de como estes podem prejudicar o cliente, e tem um medo excessivo de consequências negativas para si e para o outro.

6) É muito vulnerável a críticas e ataques, além de ter baixo controle das emoções, principalmente da raiva.

7) Oscila entre uma tendência inicial a assumir um papel de orientação e apoio e um grande sentimento de responsabilidade quando o cliente desenvolve dependência.

8) É difícil para você reconhecer seu próprio valor em casos de transferência positiva, e ele facilmente tende a se sentir desvalorizado na transferência negativa. Junto com isso, você tem dificuldade em assumir que os outros estão realmente interessados no que você propõe, porque nutre há muito tempo a desconfiança em suas habilidades e está convencido de que você não é realmente importante para os outros. O conservador seis acha difícil supor que o outro tenha um interesse real nele porque dúvida de sua pouca autenticidade e de sua tendência à manipulação. Assim, o eneatipo seis conservação projeta no outro o egoísmo que caracteriza sua forma pessoal de se relacionar.

Desta forma, o terapeuta deste eneatipo tem que superar o equívoco de que "em qualquer relacionamento que eu tenha com os outros, não deixarei uma marca significativa e, se isso acontecer, será mais pela fraqueza e fragilidade do outro do que pelo meu valor pessoal.

9) Tem dificuldade em conter e trabalhar as emoções de raiva, competitividade, desprezo, desvalorização, crítica, decepção ou sedução que o cliente sente em relação ao terapeuta.

10) Acha difícil recompensar autenticamente o cliente pelos resultados alcançados.

O que limita principalmente o trabalho terapêutico para um egotipo 6 conservação?

1) Suas dúvidas, juntamente com o medo de cometer um erro e ter que assumir a responsabilidade pelo erro. Sua tendência de autocrítica e culpar a si mesmo e aos outros reduz sua possibilidade de escolha. O que tira a dúvida do terapeuta, e como consequência da

culpa, é sua capacidade de sentir que o que fez, ou não, nasceu de uma necessidade, que talvez naquele momento não tenha sido compreendida clara e definitivamente, mas que existe e sustentou a escolha e o curso da situação.

2) Tende a se culpar, mesmo que o cliente tenha feito a escolha de forma autônoma. Um aspecto importante é que você tem a faculdade para desenvolver uma grande capacidade de ler sua própria história e a do cliente e, portanto, as escolhas feitas e as não feitas, em termos de afetividade e não de racionalidade. Se as escolhas feitas, e também as que não foram feitas, forem consideradas, vistas ou percebidas em termos de racionalidade, faltará algo, uma convicção que faça sair da dúvida ou do medo de errar.

3) Embora o eneatipo seis seja mental, o terapeuta seis conservacional tem uma estrutura cognitiva frouxa e atribui mais valor à afetividade do que ao conteúdo racional

Isso muitas vezes torna difícil para você perceber as inconsistências e contradições que o cliente está mascarando por trás de uma atitude cooperativa ou de aprovação. A sua forma racional corresponde aparentemente a um pensamento rigorosamente lógico, mas só permanece na superfície do problema porque, no seu âmago profundo, o seu pensamento é bastante indefinido e frouxo.

4) O controle das próprias emoções e o medo de perder o controle das emoções do cliente são situações que o egotipo seis parece pouco capaz de conter, principalmente se forem direcionadas à pessoa do terapeuta.

5) Ao nível da relação terapêutica, o eneatipo seis conservacional normalmente sente-se mais à vontade com pacientes que tendem a distanciar-se do que com pacientes mais envolvidos, ou seja, que tendem a desenvolver mais intimidade, porque com estes últimos conseguem perceber que suas estratégias de controle de relacionamento estão em risco e ele pode se sentir ameaçado em seu papel profissional.

Que facilidades um terapeuta encontra em sua atividade profissional por ser E6 conservação?
O que facilita o trabalho terapêutico do terapeuta do eneatipo seis conservação é uma atitude que pressupõe:

1) A continuidade da presença: em particular, o terapeuta deste eneatipo deve estar ciente de que os momentos em que se sente menos conectado com o outro e com a situação, embora provavelmente pareçam desconfortáveis, são profundamente úteis no desenvolvimento do processo terapêutico.

2) Energia: ser consciente de que mudar o rumo do processo é uma forma de evitar as dificuldades que estão ocorrendo em um relacionamento.

3) É importante que você fortaleça sua vontade de "estar" no relacionamento, contra a tendência de desaparecer ou desistir, como tem acontecido em relacionamentos significativos na vida, em que deixou o campo livre para os outros para evitar confrontos.

4) Criatividade: será útil para você acompanhar uma ideia ou proposta no aqui e agora, mesmo que improvisada. O terapeuta seis conservacional é consciente de sua capacidade de reunir os pensamentos dos outros para dar forma às coisas, porém pode ficar frustrado quando percebe que o resultado não é espontâneo ou criativo. Por outro lado, dá grande satisfação no seu próprio caminho de desenvolvimento descobrir que ser mais livre e criativo não só lhe traz alegria, mas também lhe traz sucesso e afirmação.

5) Siga suas intuições, mesmo que a racionalidade pareça negá-las. Uma maior confiança nas próprias intuições e na sua sensibilidade, embora possa parecer que estas não os conduzam numa direção coerente do ponto de vista racional, ajuda o terapeuta a desenvolver mais criatividade no processo e a sentir-se mais envolvido na mudança de pacientes.

6) Usar gentileza, respeito e aceitação, características que fazem parte do estilo típico desse egotipo, sem deixar de lado o fato de serem importantes para o cliente.

7) Confrontar seu estilo de trabalho com o estilo dos outros, conscientizando-se do estilo que caracteriza seu próprio egotipo em relação ao de outros terapeutas, o que lhe permite deixar de lado ideias de competição ou julgamento.

8) Mude o setting sempre que sentir necessidade e use, além da conversa, o corpo, a fantasia, a imaginação, a dramatização e a música.

Trabalhar a partir do "vazio de hipóteses": estar no vazio e permitir que o cliente explore o seu próprio vazio. O terapeuta deste egotipo tem dificuldade em aprender a não pensar; nisso, a meditação zen pode ser uma experiência importante para a mudança. Essa mudança ocorre quando você percebe que prestar atenção obsessiva às coisas e pensamentos nem sempre oferece segurança, pois tudo pode acontecer mesmo quando você está alerta e atento. Portanto, você deve entender que é possível experimentar o relaxamento sem se sentir culpado e aceitar que há muitas chances na vida.

9) Não transmitir de forma implícita suas expectativas pessoais de mudança ao cliente ajuda você a não temer a decepção ou ser considerado incapaz. Ao mesmo tempo, é importante que você não perca a esperança e que saiba esperar. Nesse sentido, você deve reconhecer que a situação está em constante fluxo, que tentativas de resolução podem levar a grandes colapsos, que é provável que você encontre o mesmo problema várias vezes e que a esperança pode se perder. Esteja ciente de que

isso o ajudará na supervisão a enquadrar os problemas de um ponto de vista diferente da culpa ou inadequação.

10) Ao eneatipo seis conservação também o ajudará no seu trabalho como terapeuta a assumir um papel profissional não definido por regras, deontologias, deveres ou critérios externos de adequação, mas a transformar-se progressivamente numa procura autónoma do sentido da terapia, numa ética e de valores e com seu estilo pessoal.

Egotipo 9 Sexual: Preguiça/Acídia (E9 Sexual)

Por Carmen Durán

Como a personalidade interfere no uso da terapia para um egotipo 9 sexual (E9 sexual)?

Em pacientes com estrutura sexual nove tenho observado certa relutância ou dificuldade em colocar na mesa o que lhes acontece ou os preocupa, como se houvesse uma informação que guardam e que só sai, pouco a pouco, se a terapia é longa o suficiente para permitir que a confiança se instale e eles se sintam bem-vindos.

A informação que detêm não tem tanto a ver com o anedótico, pois a narrativa dos acontecimentos cotidianos pode ser muito longos e entreter-se com detalhes triviais, sempre relacionados ao mundo externo, que lhes permitem manter na sombra tanto a carga de sentido que dão a essas narrativas como seu complexo mundo interno, seus sentimentos, fantasias e desejos.

Em relação à minha experiência pessoal como paciente, ocultar essa informação tem sido um dos maiores obstáculos que enfrentei, pois me permitiu não prestar atenção nas intervenções do terapeuta, justamente porque ele não tinha todos os dados.

Quando iniciei minha formação como psicanalista, antes de iniciar a análise didática tive que fazer parte de um grupo terapêutico. Ao final dos dois anos de trabalho em grupo, terapeutas e parceiros fizemos uma devolução do que havíamos visto de cada um no processo grupal. Um dos terapeutas me disse que eu tinha participado do grupo, que eu tinha falado muito, talvez mais do que a maioria, que eu tinha expressado muitas opiniões e falado muitas coisas, mas que ele, depois de dois anos trabalhando juntos, ainda não sabia de nada, quem eu era e o que se passava dentro de mim.

O resto do grupo achou sua intervenção muito dura e protestou em meu nome, mas eu sabia que era totalmente verdade, por isso escolhi essa pessoa como terapeuta individual, confiante de que não seria capaz de enganá-lo e que ele não me machucaria, e nem me

deixaria trapacear. Mesmo assim, quando terminei a terapia cinco anos depois, uma parte do meu mundo interno permaneceu intocado: tudo o que tinha a ver com sentimentos agressivos, sua expressão e sua canalização. E, embora o terapeuta tenha colocado de volta diante dos meus olhos, o processo ficou lá e deixei essas questões de lado até que, muitos anos depois, fiz o Processo Hoffman.

Acredito que tal atitude esteja relacionada ao autoesquecimento. A desconexão, a falta de crédito ao íntimo e a tentativa de proteger o mundo interno da rejeição externa e de mim próprio, dão origem à supressão de sentimentos tanto de amor quanto de ódio porque, em suma, se tenta esconder esses sentimentos mesmo dos outros, o próprio olhar, banalizando-os e acreditando, como diz Isabel Allende, que "enquanto as coisas permanecerem no limbo das palavras não ditas, elas não têm realidade".

O processo de sobreadaptação para ser aceito, para ter um lugar no mundo, tem um alto preço que inclui a renúncia e o esquecimento do mundo interno, que segue seu curso de certa forma dissociado da realidade cotidiana. Esta é a razão pela qual o nove sexual narra situações vitais da vida, que objetivamente podem ser dramáticas, de forma gritante, sem envolvimento emocional, o que é útil para manter a desconexão emocional e, ao mesmo tempo, esconder os sentimentos ao olhar do outro, outro cuja desaprovação se teme.

A forma de se esconder é muito diferente da do egotipo cinco avareza, pois o nove não é introvertido ou tímido, mas jovial e mais ou menos falante. Enquanto o cinco fala pouco e o faz em código, o nove se expressa em um nível simbólico e interpretativo, austero em outro sentido, pois evita falar do concreto ou do anedótico. No entanto, o objetivo é o mesmo, algo como testar o terapeuta e verificar se ele é confiável: o tipo cinco quer verificar se o terapeuta consegue entender o que vai dizer, o nove se consegue aceitar.

A princípio, pensei que essa ocultação tinha a ver com minha história pessoal, especificamente com a rigidez do caráter de meu pai e sua rejeição à minha emotividade e minhas lágrimas, mas depois descobri que, por uma razão ou outra, o nove sexual, em sua dependência fusional do outro, tende a atuar assim.

Uma paciente expressou uma simples anedota durante o processo terapêutico que, no entanto, a levou, entre outras coisas, a esconder seus sentimentos devido ao medo do mal-entendido e da rejeição. Quando ela tinha uns nove anos, na saída do colégio houve uma comoção com certo tom de briga entre as meninas quando estavam recolhendo seus casacos. A freira responsável pela sua aula chegou muito zangada e deu um tapa nela, que calmamente vestia o casaco alheia ao assunto.

Ela ficou magoada e indignada com a injustiça. Quando contou sua história em casa, não recebeu o apoio que precisaria, e quando conseguiu que os pais fossem à escola para protestar, a freira negou os fatos, negou o tapa, ridicularizou-a por ter ido até os pais e a obrigou a admitir sua mentira diante de toda a turma que, tendo presenciado o fato, não a defendeu.

Outra paciente, também concluiu que era melhor não falar quando, por volta dos doze anos, descobriu o pai com outra mulher. O medo de ser abandonada, a identificação com a dor da mãe e a dificuldade em administrar a ambiguidade de seus sentimentos foram elementos que a levaram a permanecer em silêncio. Mais tarde, ela conseguiu quase esquecer o assunto até que passou a acreditar que o evento não poderia ter sido real e que era sua imaginação.

A tendência à generalização a levou à ideia de que era melhor ficar calada sobre certas coisas e esquecer seus próprios sentimentos para lidar com os dos outros.

Portanto, o nove sexual, não devemos esquecer que o mecanismo utilizado para realizar essa desconexão não é, como nos tipos dois orgulhosos, a repressão, mas a supressão, de modo que os conteúdos são "voluntariamente" relegados à consciência e não afetam o comportamento diário além do esforço envolvido em mantê-los estacionados, ou seja, deixamos de lado para nos envolver com o outro que é de maior importância.

Acho que a dificuldade do confronto também atrapalha o processo e influencia na ocultação de tudo o que, intuitivamente, achamos que o terapeuta vai desaprovar. A banalização do que conta pretende evitar que o terapeuta lhe dê importância. Por exemplo, uma mulher relatou de forma superficial certas situações de sua vida de casal e profissional que nos permitiram vislumbrar como sua tendência a agradar o outro poderia voltar-se contra ela e levá-la a atitudes oblativas que ela tentou normalizar.

Em um momento posterior de sua terapia, ficou claro para ela que, se enfrentasse essas questões em sua verdadeira dimensão, teria que fazer mudanças em sua vida, mudanças temidas por causa da insegurança de onde partiu e por causa de seu medo de quebra de ligações fusionais. Era como um jogo; se o terapeuta não percebesse a importância das situações, iria encorajá-la a perseverar, e não a mudar. Às vezes, esse tipo de atitude pode confundir o terapeuta que está acompanhando um nove sexual, para que ele não perceba a profundidade dos problemas, porque o paciente lhe conta de maneira trivial e não está emocionalmente envolvido neles.

Como paciente, tenho experiência nisso. A desvantagem que observei é que quanto mais você "engana" o terapeuta para acreditar que está bem quando está exausto por dentro, mas você justifica não confiar no terapeuta e não seguir suas instruções.

Perceber esse ponto de falsidade e desmantelá-lo sem um confronto muito duro, que poderia pôr fim à terapia, é uma tarefa que o terapeuta deve enfrentar, portanto, ele deve se permitir ir além do que o paciente mostra.

Alguns anos atrás, tratei de um paciente com um sério problema de relacionamento conjugal. Seu desacordo afetivo e o ambiente de filiação que a mentalidade liberal dos anos 60 supunha a levaram a ter algum relacionamento extraconjugal. Uma das pessoas com quem se associou, ofereceu-lhe o tipo de co-encontro emocional e sexual que ela desejava; ela se sentiu vista, elogiada e amada.

No entanto, ela renunciou a esse relacionamento e optou por "salvar" seu parceiro insatisfatório, alegando que o marido não digeriria o abandono e que ela não poderia arcar com a responsabilidade de vê-lo mal. Confrontar essa posição, e principalmente o que ela implicava, como renunciar a amizades e até relegar seus interesses profissionais a segundo plano para evitar ciúmes e proteger seu parceiro, levou-a a encerrar seu processo terapêutico.

Depois de muitos anos, quando retornou à terapia, conseguiu falar da ambivalência de seus sentimentos e da futilidade de seu esforço e ousou, não romper com o parceiro, mas enfrentar sua posição com mais assertividade. Ela também foi capaz de expressar ambivalência sobre seus filhos e seus sentimentos negativos em relação ao marido, e considerando que, pelo menos, ela poderia dizer não às exigências dele.

A tendência a agradar a um terapeuta assertivo e confrontador, e o terreno fértil de um grupo terapêutico que valorizava positivamente o confronto, levou um paciente a encenar a agressividade que ele habitualmente reprimia. O fato de conhecer seu lado obscuro, com o que era mais negado, foi um evidente crescimento pessoal para ele e uma integração da ambivalência de seus sentimentos, mas gerou muitas dificuldades relacionais. Não podemos esquecer que no tipo nove, ainda que seja raro, as vezes coexiste no seu mundo interior o justo e o raivoso, e que ele está convencido de que a sua é a verdade, mesmo que os outros não a vejam.

Como nove sexual, por um lado, tem um grande desejo de amor e um ideal de fusão, cuja realização daria sentido à sua vida e, por outro, uma enorme dificuldade em receber amor, quando o terapeuta expressa a aceitação de forma genuína, não artificial - porque a intuição o coloca imediatamente em guarda contra a mentira e é muito sensível a ela - pude crescer e me abrir para a experiência da intimidade que supõe mostrar-se como alguém realmente é.

Mas sentir-se amado é, ao mesmo tempo, assustador. Foi assim que um paciente me contou de forma bem direta algo que despertou em mim muita ternura. Diante do meu olhar, que revelava esse sentimento, ele me pediu para não olhar para ele assim porque não sabia o que fazer ante essa atitude.

Uma paciente nove sexual veio a minha consulta por problemas com álcool. De acordo com sua primeira versão, tratava-se de problemas sociais porque bebia demais apenas quando saía com os amigos. Eu entendi essa explicação por um lado, de sua parte, para ver como eu reagiria, embora o assunto me parecesse bem maior.

Em princípio, não me aventurei a investigar o que mais havia ali, apenas descriminalizei o problema. Algum tempo depois, ela contou a um grupo sobre sua perplexidade com minha atitude, pois não estava preparada para que eu a aceitasse, mas para que eu a repreendesse e indicasse medidas para que ela parasse de fazer isso. Ela disse que estava prestes a não voltar porque achava que era mais louca do que ela. Acho que, realmente, ela não teria voltado se eu tivesse adotado a mesma atitude punitiva que ela internalizou.

Outra paciente veio para terapia comigo, como ela indicou, com uma motivação que apresentou como "profissional", ou seja, porque ela precisava cobrir certas horas de terapia pessoal para sua formação como terapeuta. Ela tinha tido uma experiência anterior com um terapeuta masculino que levou muito tempo para me revelar, até que finalmente me confidenciou que fez sexo com ele durante o processo de terapia. Em seu desejo de ser amada, não apenas aceitou a situação no momento em que ocorreu, mas também a defendeu com o argumento de que, por meio da sexualidade, ela poderia se sentir amada e aceita, o que abriu uma nova perspectiva sobre o mundo e sobre si mesma.

Quanto a mim, como nove sexual, o que mais limitou meu aproveitamento da terapia tem a ver com a dificuldade em idealizar o terapeuta e a facilidade em ver seus "fracassos", o que alimentou meu ceticismo e minha incapacidade de entrega, para a qual apenas aceitava relativamente suas interpretações e indicações terapêuticas. Além disso, tive dificuldades em mostrar minha intimidade; podia falar com relativa facilidade sobre tudo, exceto sobre as coisas que eu supunha que seriam julgadas ou censuradas, então evitava falar sobre o significado emocional do que dizia. Ao mesmo tempo, assim como me ocorre com meus pacientes, eu precisava sentir alguma empatia e carinho para com o terapeuta, pois sem esses sentimentos positivos teria sido impossível para mim continuar a terapia.

Como um terapeuta é limitado em sua atividade profissional como E9 sexual?

As dificuldades de um terapeuta sexual não são muito diferentes daquelas que ele tem como paciente. Se levarmos em conta que na Gestalt se trabalha a partir da autenticidade e da presença, é evidente que se precisamos esconder aspectos de nós mesmos na terapia e na vida, como terapeutas e como pacientes, nossa presença é limitada pelos aspectos que ficam na sombra, e o mesmo acontece com a autenticidade. Essas dificuldades podem ficar dissimuladas e até escondidas do paciente e de si mesmo se não estivermos atentos e trabalharmos nossa própria terapia, porque o modo de estar para o outro pressupõe uma certa presença e uma capacidade de captar o que está acontecendo com ele. A nossa atitude, nestes casos, resulta numa forma de engano ou num substituto da presença real.

O mesmo acontece com a autenticidade porque, embora não tenhamos problemas em expressar nossas próprias opiniões, só a fazemos quando não são levadas para o campo pessoal e sem trazer à tona aspectos que queremos manter ocultos. Acredito que isso esteja por trás de uma das dificuldades que encontrei como terapeuta, que tem a ver com o fato de ser muito difícil para eu trabalhar com pessoas das quais me sinto emocionalmente distante.

Parece um paradoxo, porque supostamente eu poderia trabalhar mais facilmente com pessoas com quem não sinto envolvimento emocional devido à minha tendência a me desconectar. No entanto, não é assim porque, como é muito difícil para mim simpatizar com eles, não posso cuidar de seus problemas ou olhar para eles com objetividade e profundidade. Nesse sentido, preciso de uma contratransferência positiva para poder trabalhar com eles, o que certamente é um indicador de meus problemas com conflitos e minhas dificuldades em sentir conscientemente e em evacuar adequadamente a agressividade. A partir desse vínculo positivo posso apoiar ou confrontar, mas se isso não existe, sinto-me desajeitada no confronto e falsa no apoio.

Outra dificuldade é minha tendência a dar conselhos nos momentos em que a solução me parece muito fácil, e talvez seja teoricamente assim, mas sei que isso é inútil. No entanto, há momentos em que ainda faço isso, o que suponho que tenha a ver com minha tendência de sair dos problemas através da ação, de alguma forma evitando a pura compaixão, "sentindo com" o outro.

Confrontos agressivos devem levar os pacientes a evitá-los também, pois raramente encontrei transferências negativas que venham a significar um obstáculo no processo. Não verifiquei se isso também dificulta que os pacientes aceitem seus próprios sentimentos ambivalentes.

Que facilidades o terapeuta encontra em sua atividade profissional como nove sexual (E9)?

Acho que o que facilita o desenvolvimento profissional de um terapeuta sexual é a capacidade de empatia e intuição. A capacidade de empatia pode derivar da tendência para o fusional, que permite sentir com o outro e, a partir daí, abrir a compreensão do problema que o paciente traz para a consulta. Também contribui com sua intuição para abordar as questões sem passar pelo registro intelectual. A combinação de ambas as características facilita saber o que o paciente poderá receber em cada momento da terapia e permite um toque terapêutico que surge de forma bastante espontânea. O problema pode ser quando protege demais e, a partir daí retardando o crescimento.

Especificamente, a terapia é facilitada para mim pelo fato de que posso ir um pouco além do que o paciente me diz, desde minha própria experiência de não me mostrar completamente e da minha capacidade de adotar uma postura neutra, sem julgamentos e de aceitação do outro como ele é. Isso me permite confrontos muito duros, sem envolvimento emocional e sem que o paciente se sinta agredido ou rejeitado.

Acho que esses recursos me deram bons resultados. Por outro lado, também penso que é muito útil para mim deixar-me guiar pela intuição e não estabelecer um objetivo específico para o qual conduzir o paciente, para que reaja mais de acordo com o que acontece no processo. Não sei se é eficaz, principalmente quando o paciente não busca aprofundar o autoconhecimento, mas sim resolver determinados conflitos. Apesar da minha tendência a dar conselhos de que falei anteriormente, não é fácil ou interessante para mim dizer ao paciente o que fazer ou orientá-lo, talvez por isso nunca tenha

A intuição também, além de facilitar, tem um lado negativo quando antecipo o que o paciente está descobrindo e o impeço de chegar por conta própria. Às vezes consigo segurar minhas palavras, mas na maioria das vezes elas me escapam, então sou mais guiado pelos meus tempos do que pelos outros da pessoa à minha frente supervisionado outros terapeutas

Epílogo: El paradigma triunitario

*Hace mucho tiempo los humanos inventaron el mando
 Ya se afirma a través do poder violento
 Y desde entonces celebramos el ordem establecido
 Y sustentaba la amenaza, lo llamamos la civilización.
 Pero, no es tan bela la civiluzación cuando miramos de cerca
 Pues entonces descubrimos que desde qué legitiman la obediência a la autoridade,
 amezante,
 nuestra historia se há vuelto un rio de sangre
 Y ya solo conocemos seres humanos domesticados
 Los mitos nos cuentan que caemos del paraiso
 y algunas feministas imaginam que fue mejor el mundo
 cuando la tierra era un grande jardin
 y sus habitantes una sociedade aglutinada por el espiritu da las mujeres.
 Pero (suspeito) que aún en los tiempos de la sociedade matrística pre-historica
 obedecia ya al espiritu tribal
 Y cuando una tirania de grupo, paralizante nos domesticaba y limitava
 Y parecia que se rebelaron los hombres
 como nos recuerdan los mitos de Perseu y la Gorgona
 O el Apolo que se dice que mató la grand serpiente
 apoderándose de la grandiosa de la tierra.
 Parece que solo antes de todo aquello fuimos felices,
 y que por más que soliamos morir de hambre y frio
 nos manteníamos solidários y justos.
 Pero ya hace mucho tiempo desde que nos vuelvemo injustos y egoístas
 viviendo según el paradigma patriarcal
 de una autoridade violenta y idealizada
 que ni siquiera pircibimos
 aunque nos convendria instaurar el paradigma triunitario
 del abrazo a a três entre el padre la madre y los niños en la família sana
 así como en la família interior de las três sub personalidades
 en nuestra mente tricerebrada.
 El padre que mira el cielo, la madre que mira la tierra
 y el niño interior que en su vuelo mirase al delante
 el padre que manda sin mandar porque comprende y inspira
 la madre que cuida sin cuidar porque ama
 y el niño que actua sin actuar porque es puro movimiento.
 Reconiecen los hindus los três principios universales
 Como Bharma el criador
 Vishnu o protetor
 Shiva el señor de la transformación
 Y otros hablaran
 de la santa energia, de la santa inercia
 y la santa neutralidade, que podemos también recorrer
 en la trinidad de la inteligência en el amor
 y la sabedoria orgânica del instinto.
 Pero nuestra cultura deteriorada hemos perdido el amor materno
 Y desdeñado a la sabedoria animal y corporal*

*Y solo nos queda la mente empobrecida y insular de un padre
 que se volvió un tirano al someter la madre y los hijos,
 convirtiéndose en un fantasma enemigo de la vida.
 Pero es hora ya de que comprendiendo los daños
 que nos há causado el espíritu despostico y violento y repressivo
 del padre absoluto.
 Nos volvamos liberadores del amor y amantes de la libertad
 para así passar del paradigma patriarcal
 al paradigma triunitário, holístico
 un abarzo a três, el padre la madre y el niño
 en la familia en nuestras mentes en nuestros valores
 Y hasta nuestra forma de gobierno.
 El mando central, el mando tribal, democrático y el mando anárquico de cada cual
 sobre si mismo.
 Entonces podriamos decir,
 nuestro padre nuestro sino que madre nuestra y hasta niño nuestro
 Sobre todo el ser triple que es más nuestro
 parte de la vacuidade a la que todo pertence
 que todo contene y a la vez regala
 es três vezes el ser nuestro
 se predica sin cañon y sin campana decia mi amigo Totilla Albert
 Y añadiría yo que sin poder ni propaganda ni dinero,
 pues no se predica ni siquiera se enseña
 sino que es, simplemente, se lo permite
 como el orden natural
 que apareceria cuando dejemos de predicar
 de enseñar, fazer, pretender.
 Y reconociendo nuestros erores así como nuestra impotência
 Y nos rendamos a un orden diferente del que hemos venido estabeciendo
 Nuestra ignorância, arrogante...pero, que digo?
 Acaso hay alguien que pueda hacer algo frente al poder patriarcal
 que nos viene arrastrando hace al abismo
 Podemos hacer outra cosa
 acaso que tener fe en que la catostrefe del orden mundial
 que hemos creado bastara para liberarnos
 de manera semejante como en nuestra vida individual
 la morte del dios falso
 es la condicion suficiente para que regeneremos
 Tengamos esperaza entonces en el naufrágio
 de la nave patriarcal
 a la que alguna vez nos entregamos
 Y esteamos preparados
 por dejar atrás lo conocido
 confiando más bién del abismo del cual procedemos,
 que todo nos há dado, pero
 que hemos traicionado nuestro miedo
 y toda nuestra vontade de sobrevivir a toda cuesta
 Y así como en el libro del Êxodus se encaminaba, precariamente
 el peregrino hacia la tierra prometida,
 el pueblo siguiendo a dios que se la aparecia como llama, como coluna de humo*

Esperemos que una vez colapsada nuestra economía y su despotismo tengamos también la sutileza de interesarnos de las señas de una consciencia superior.”

Claudio Naranjo Cohen